UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

LIS SANTANA MARQUES OLIVEIRA

PASSADO E PRESENTE DAS RELAÇÕES DA GAMBOA DE BAIXO COM SEU ENTORNO E A LUTA DE SEUS MORADORES PELA SOBREVIVÊNCIA NO ESPAÇO

Salvador
2020

LIS SANTANA MARQUES OLIVEIRA

PASSADO E PRESENTE DAS RELAÇÕES DA GAMBOA DE BAIXO COM SEU ENTORNO E A LUTA DE SEUS MORADORES PELA SOBREVIVÊNCIA NO ESPAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profª Dra. Urpi Montoya Uriarte

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Lis Santana Marques.
O48 Passado e presente das relações da Gamboa de Baixo com seu entorno e a luta de seus moradores pela sobrevivência no espaço. / Lis Santana Marques Oliveira. – 2020.
150 f.: il.

Orientadora: Profª Drª Urpi Montoya Uriarte
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020.

1. Antropologia. 2. Comunidade urbana – Desenvolvimento – História. 3. Sobrevivência. 4. Urbanismo – Salvador (BA). I. Uriarte, Urpi Montoya. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 599.9

LIS SANTANA MARQUES OLIVEIRA

PASSADO E PRESENTE DAS RELAÇÕES DA GAMBOA DE BAIXO COM SEU ENTORNO E A LUTA DE SEUS MORADORES PELA SOBREVIVÊNCIA NO ESPAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Salvador, 28 de agosto de 2020

Banca examinadora

Profª. Dra. Urpi Montoya Uriarte – Orientadora _____
Doutora em Antropologia pela Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
Universidade Federal da Bahia

Profª. Dra. Glória Cecília Figueiredo _____
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, Brasil
Universidade Federal da Bahia

Profª. Dra. Maria Gabriela Hita_____
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Universidade Federal da Bahia

Aos moradores da Gamboa de Baixo

pela oportunidade de aprendizado pessoal e profissional

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Gamboa de Baixo pelo acolhimento, pela paciência e, sobretudo, por me revelarem um pouco do que é ser da comunidade, seus modos de viver e de sentir. Agradeço por me mostrarem o que é a força em tantos momentos de luta e de alegria. Em especial a Ana, Vânia, Adriano, Lu Rosa, Valmir, Seu Edvaldo, Nala, Mônica, Verinha, Seu Raimundo, Mariana e Lu. Guardarei na memória os almoços, a vivência, as risadas, os silêncios, a subida e a descida entre a Gamboa de Baixo e o Campo Grande, as tardes com Ana e Vânia. Estas lembranças todas me permitiram criar um vínculo para além dessa dissertação.

À minha orientadora, Urpi Montoya Uriarte, pela energia contagiante, pela crítica, por ter os pés no chão, pelos ensinamentos de uma antropologia muito vívida e por reconhecer os esforços de modo justo.

Às professoras Glória Cecília dos Santos Figueiredo e Maria Gabriela Hita, que aceitaram participar de minha banca e que durante a qualificação me deram conselhos importantes.

Ao Manoel que, quando assessor do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), ampliou o meu leque de referências e me deu uma aula sobre história, o que ajudou muito na reformulação de minha pesquisa. A Nélia e a Débora, ambas do CEAS, pela paciência em responder meus e-mails e por me ajudar no levantamento das informações que obtive nos acervos e que foram relevantes para a execução desta pesquisa.

À toda família Santana, em especial minha mãe Ana, minha vó Maria e meu irmão Luan, pela existência com amor, com afeto e pelo sentido da vida através da experiência e da luta. Aos preciosos amigos que me escutaram e me deram suporte emocional e intelectual, não só nesses dois anos, mas na minha caminhada. Em especial, à Roberta pelo estímulo constante ao meu crescimento, a Poly por me incentivar e partilhar aprendizados e momentos, a Rodrigo pelas provocações e conversas necessárias, a Lara e a Renata pela convivência, compreensão e ajuda, e a Emilly pela contribuição no desenvolvimento de parte do meu trabalho. À Machadinho pelo amor, paciência e apelidos carinhosos que motivaram risos nossos nos dias mais nervosos.

À Coordenação Geral de Integração e Articulação de Políticas Públicas e à Coordenação Indígena, equipe de trabalho que faço parte na Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia, pela compreensão e por acreditar na importância da minha formação.

MARQUES, Lis. S. O. **Passado e presente das relações da Gamboa de Baixo com seu entorno e a luta de seus moradores pela sobrevivência no espaço.** Orientadora: Urpi Montoya Uriarte. 2020. 150 f. il. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

RESUMO

Por meio de uma interpretação do desenvolvimento histórico da localidade Gamboa, em Salvador, o presente estudo de antropologia urbana busca compreender a situação da comunidade Gamboa de Baixo, situada nessa mesma área histórica. Inicialmente, a dissertação examinou como, desde o Brasil colônia, a relação da Gamboa se deu com o restante da cidade. Tal relação, conforme argumento, foi, ao longo do tempo, reestruturada por dois acontecimentos principais: primeiro, pelo rearranjo de sua região de influência a partir da concentração das atividades portuárias da capital em espaço único; e, segundo, pela modificação física de seu entorno com a construção da Avenida Contorno. Esta última interferência ocasionou a divisão da Gamboa em Gamboa de Cima e Gamboa de Baixo, causando, até os dias atuais, grandes repercussões para a vida dos habitantes da parte baixa da encosta. Articulando dados socioeconômicos dos moradores da Gamboa de Baixo com pesquisa de campo, o estudo buscou, por um lado, mapear os atuais cercos infligidos a seus habitantes; e, por outro lado, identificar articulações e estratégias de luta dos moradores para o rompimento ou fissura daqueles cercos.

Palavras-chave: antropologia urbana. Salvador. Gamboa de Baixo. Desenvolvimento histórico. Comunidade. Sobrevivência.

MARQUES, Lis S. O. **Past and present of Gamboa de Baixo's relations with its surroundings and the struggle of its residents for survival in space.** Thesis advisor: Urpi Montoya Uriarte. 2020. 150 p. il. Dissertation (Master in Anthropology) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ABSTRACT

Through an interpretation of the historical development of the Gamboa locality, in Salvador, the present study of urban anthropology seeks to understand the situation of the Gamboa de Baixo community, located in that same historical area. Initially, the dissertation examined how, since colonial Brazil, Gamboa's relationship took place with the rest of the city. This relationship, as I argue, was, over time, restructured by two main events: first, by rearranging its region of influence based on the concentration of port activities in the capital in a single space; and, second, by the physical modification of its surroundings with the construction of Avenida Contorno. This last interference caused the division of Gamboa into Gamboa de Cima and Gamboa de Baixo, causing, until today, great repercussions for the life of the inhabitants of the lower part of the slope. Articulating socio-economic data of Gamboa de Baixo residents with field research, the study sought, on the one hand, to map the current sieges inflicted on its inhabitants; and, on the other hand, to identify articulations and strategies of struggle of the residents for the rupture or fissure of those enclosures.

Keywords: urban anthropology. Salvador. Gamboa de Baixo. Historical development. Community. Survival.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura	1	Localização da Gamboa no mapa da povoação do Pereira em 1536 (destaque em vermelho)	22
Figura	2	Localização da Gamboa, destacada em vermelho, no mapa de Paulo Lachenmayer (1945)	25
Figura	3	Localização do forte de São Paulo da Gamboa, em destaque vermelho, no sistema defensivo de Salvador no século XIX	30
Figura	4	Localização da Gamboa no prospecto de Caldas (1756-1758)	31
Figura	5	Localização da Gamboa, em vermelho, no começo do século XIX	34
Figura	6	Localização e vizinhança do porto da Gamboa, do Forte de São Paulo da Gamboa e do Solar do Unhão, entre 1835 e 1837	35
Figura	7	Localização da Gamboa em 1873	37
Figura	8	Porto da Gamboa em 1835, com destaque para o Forte de São Paulo	38
Figura	9	Localização dos portos da Gamboa, do Solar do Unhão, da Preguiça e das Pedreiras em 1894	42
Figura	10	Imagem artística da região da Gamboa	43
Figura	11	Vista da Gamboa a partir do Forte de São Paulo da Gamboa (c. 1870)	44
Figura	12	Trecho da região da Gamboa em 1904	48
Figura	13	O porto de Salvador em 1939	53
Figura	14	Imagem aérea da Avenida Contorno	60
Figura	15	Fotografia área mostrando o Comércio e a Avenida Contorno	61
Figura	16	Fotografia da construção da Avenida Contorno e a paisagem formada pelo mar	62
Figura	17	Construção da avenida Contorno e a comunidade do Unhão	63
Figura	18	Construção da avenida Contorno com detalhes da obra	64
Figura	19	Construção da Avenida Contorno e a região da Gamboa (1962)	65
Figura	20	Imagem de satélite do ano 2019 da região na qual se encontra a Gamboa e alguns de seus vizinhos	72
Figura	21	Vitória no começo do século XIX	73

Figura	22	Trecho do Corredor da Vitória no ano de 1911	75
Figura	23	Trecho do Corredor da Vitória pós Avenida Sete	75
Figura	24	Trecho da Avenida Sete	77
Figura	25	Corredor da Vitória em 2012	78
Figura	26	Corredor da Vitória visto a partir do mar	78
Figura	27	Campo Grande	80
Figura	28	Vista do atual Largo do Campo Grande	81
Figura	29	Solar do Unhão	83
Figura	30	Localização geográfica do Solar do Unhão e sua comunidade destacada em amarelo	84
Figura	31	Comunidade do Unhão vizinha à Gamboa de Baixo	85
Figura	32	Trecho da Gamboa de Baixo e a comunidade do Unhão	86
Figura	33	Sítio da Preguiça	87
Figura	34	Ladeira da Preguiça em 2019	88
Figura	35	Vista da Pracinha a partir da rua da Gamboa de Cima e destaque para a escada	92
Figura	36	Escada da Pracinha e acima a pista da Avenida Contorno	93
Figura	37	Vista a partir da Hamilton Sapucaia	94
Figura	38	Moradias e ruas da Gamboa de Baixo	95
Figura	39	Outras moradias e ruas da Gamboa de Baixo	95
Figura	40	Visão de um pedaço da Gamboa de Baixo	97
Figura	41	Vista de trecho do Forte de São Paulo da Gamboa	106
Figura	42	Escombros da antiga casa de Gleide	108
Figura	43	Cratera no Forte de São Paulo da Gamboa	109
Figura	44	A Prainha do MAM-BA e Mariana	113
Figura	45	Adriano em seus trabalhos	114
Figura	46	Valmir no trabalho com peixes	116
Figura	47	Seu Edvaldo trabalhando na pintura de um barco	118
Figura	48	Os pescadores diante dos balaios	128
Figura	49	Cortejo dos moradores da Gamboa de Baixo com os balaios	129
Figura	50	Participantes da festa no barco principal	130
Figura	51	Reportagens sobre a Gamboa de Baixo na mídia	132
Figura	52	A Gamboa de Baixo nos roteiros turísticos	133

Figura 53 Mônica na cozinha e diante da porta do bar que leva seu nome 134
Figura 54 Clientes no bar de Mônica e a vista do bar 135

LISTA DE ABREVIATURAS

CAS	Centro Antigo de Salvador
CEAS	Centro de Estudos e Ação Social
CCRB	Complexo Cooperativo de Reciclagem da Bahia
EPUCS	Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador
FMLF	Fundação Mario Leal Ferreira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAM-BA	Museu de Arte Moderna da Bahia
MSTB	Movimento dos Sem Teto da Bahia
SPU	Superintendência de Patrimônio da União
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
URBIS	Habitação e Urbanização do Estado da Bahia
ZEIS	Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 UM PORTO NAS IMEDIAÇÕES DA CIDADE (XVI-XIX) 21
2.1 SÉCULO XVI: A PESCA DE CAMBOA E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO DA GAMBOA NO BRASIL COLÔNIA 21
2.2 SÉCULO XVII - OS PRIMEIROS MORADORES E FORTES 23
2.3 SÉCULO XVIII – A GAMBOA NA FREGUESIA DA VITÓRIA E SUA VIZINHANÇA: A EXPANSÃO DA COLÔNIA ATRAVÉS DAS IGREJAS, FORTALEZAS E O COMÉRCIO PRATICADO, EM PARTICULAR, NOS PORTOS LOCALIZADOS NA GAMBOA 26
2.4 SÉCULO XIX – A GAMBOA E AS CRESCENTES EDIFICAÇÕES EM SUA ÁREA, ARMAZÉNS, ALGUMAS CASAS E OS PESCADORES 34
3 A GAMBOA NO SÉCULO XX: DE PORTO A LOCAL CERCEADO DE MORADIA 47
3.1 A GAMBOA: DE PORTO A ESPAÇO DE MORADIA 47
3.2 AS REFORMAS URBANAS QUE TORNAM A GAMBOA UM ESPAÇO "ISOLADO" 58
3.3 O CONTRASTE DA GAMBOA DE BAIXO E SEUS VIZINHOS DE CIMA E DE BAIXO 70
4 CERCOS DO SÉCULO XXI À GAMBOA DE BAIXO E OS CAMINHOS DA COMUNIDADE PARA ENFRENTÁ-LOS 91
4.1 OS CERCOS DO SÉCULO XXI: POBREZA, ESTIGMAS, VIOLÊNCIA E DROGAS 91
4.2 AS ESTRATÉGIAS ORGANIZATIVAS PARA ENFRENTAR O CERCO: A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E A ARTICULAÇÃO 103
4.3 PULANDO O CERCO: O TRABALHO E OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS MORADORES DA GAMBOA DE BAIXO NAS REDONDEZAS. 110
4.4 A FORÇA PARA ROMPER BARREIRAS: A IDENTIDADE DA GAMBOA DE BAIXO 123

5 CONCLUSÃO **138**
REFERÊNCIAS **143**

1 INTRODUÇÃO

Este estudo de antropologia urbana foca na comunidade Gamboa de Baixo, e tem como título *Passado e presente das relações da Gamboa de Baixo com seu entorno e a luta de seus moradores pela sobrevivência no espaço.* Trata-se de um trabalho de etnografia urbana e visual, que procurou na perspectiva histórica uma fonte de conhecimento da processualidade do pequeno espaço à beira-mar ocupado hoje pela comunidade Gamboa de Baixo.

Situada em uma área pressionada pelo desenvolvimento de empreendimentos particulares em Salvador, a Gamboa de Baixo se encontra há muitos anos envolvida em processos de luta contra os poderes públicos e seus projetos, bem como, contra a expansão desenfreada capitaneada pelo mercado imobiliário. Localizada no Centro Antigo de Salvador[1] (CAS), próxima aos bairros do Campo Grande e Corredor da Vitória, vizinha histórica do Unhão, da Ladeira da Preguiça, e de uma importante região de comércio, a Avenida Sete, a Gamboa de Baixo foi reconhecida pelo poder público há pouco tempo como comunidade tradicional pesqueira urbana e busca construir os mecanismos para sua regularização enquanto Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). Encontrando-se de frente para o mar, a Gamboa de Baixo se situa na encosta abaixo da Avenida Contorno. Esta avenida é considerada de grande importância enquanto marco divisor da história da localidade na cidade, e simboliza a problemática que a comunidade enfrenta no que se refere tanto à sua inclusão na infraestrutura urbana, como à sua busca por continuidade em seu espaço originário com qualidade de vida.

Ao pensar nas questões atuais das maiores cidades brasileiras no que se refere à dinâmica de reivindicações quanto aos usos dos seus espaços, é possível afirmar que o abandono porque passam os centros antigos urbanos compõe a situação da maioria das grandes cidades do Brasil (ROLNIK, 2006). A autora aponta que se em outro momento histórico esses centros antigos foram palco da vivência das altas camadas sociais hoje, contudo, abrigam camadas populares. Essa população mais humilde embora se encontre localizada nesses centros antigos – que geralmente possuem saneamento básico, equipamentos públicos, transporte, etc – vive, no entanto, nestes espaços os quais, atualmente, por já não se configurarem como interesse das altas camadas, se encontram em estado de abandono por parte do poder público (ROLNIK, 2006). Ao tratarmos do CAS, mais especificamente da comunidade Gamboa de

[1] O Centro Antigo de Salvador é uma denominação mais recente que se firma no bojo das discussões e propostas encampadas pelo Governo da Bahia, durante a gestão de Jacques Wagner, e que inclui além do Centro Histórico de Salvador, uma área de entorno do Centro Histórico que vai do Campo Grande até a Calçada, abrangendo onze bairros, sendo eles: Centro Histórico, Nazaré, Barris, Saúde, Centro, Barbalho, Tororó, Macaúbas, um trecho da Liberdade, Santo Antônio e o Comércio (BAHIA; UNESCO, 2010).

Baixo é possível, então, delinearmos um percurso de exclusão de sua população nos processos de urbanização executados pelo poder público.

O presente estudo antropológico parte da análise histórica da formação da localidade Gamboa para entender a conformação atual da comunidade Gamboa de Baixo levando em consideração que, a partir da percepção do longo tempo, com suas transformações e continuidades, é possível avaliar as questões centrais dos usos e articulações do espaço urbano em questão. A relação estabelecida entre a antropologia e a história debatida por Moritz (2005) é o percurso estabelecido nessa dissertação, pois compreendemos que estas disciplinas fornecem importantes elementos para destrinchar os acontecimentos sociais e contribuem para desvelar a complexa realidade social. Assim, em nossa concepção a importância da história reside em sua capacidade de influenciar o presente (HOLSTON, 2007, p.33).

Procuramos demonstrar a importância do espaço para a sobrevivência dos moradores de uma comunidade que historicamente se vinculou ao nascimento da capital da Bahia. Essa comunidade se originou a partir da localidade denominada Gamboa, localidade essa que esteve interligada aos principais circuitos comerciais estabelecidos nas terras soteropolitanas no período colonial e que, a partir do século XIX, foi, pouco a pouco, sendo desvinculada da cidade tendo, consequentemente, a sua existência social invisibilizada.

O termo "comunidade" para tratar a Gamboa de Baixo é evocado a partir da experiência de campo, com a convivência mais detida com alguns de seus moradores, os quais o relacionam a um sentido de pertencimento e de uma convivência mais amistosas entre um morador e outro. Magnani (1996) ao tratar dos usos correntes do termo comunidade e partindo de contribuições de estudiosos não somente da antropologia afirma que:

> [...] sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas - enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social, etc. Relações "societárias" e "comunitárias" não constituem características exclusivas de uma forma determinada de organização social: coexistem, imbricam-se. (MAGNANI, 1996, p. 24).

A metodologia desta pesquisa fez uso de análises do tipo documental, através dos arquivos do Centro de Estudo e Ação Social[2] (CEAS) no qual encontramos muitos registros antigos sobre eventos na Gamboa de Baixo, reportagens contando a história e as dificuldades que ela enfrentou, principalmente na década de 1990 do século passado e fotografias da época

[2] Este arquivo do CEAS faz parte da chamada Casa da Memória Popular (CAMPO), que fica dentro do CEAS e que conta com um acervo variado de bairros populares de Salvador e das lutas travadas por eles. Uma das localidades que encontramos nos arquivos é a Gamboa de Baixo, na qual o CEAS teve uma atuação.

da construção da Avenida Contorno. Todo esse rico material ajudou a analisar a comunidade nos anos mais recentes e a luta dos próprios moradores em prol de melhorias para o lugar em que vivem.

Nessa dissertação utilizamos, ainda, estudos historiográficos sobre a cidade de Salvador, que nos permitiram remontar a origem da Gamboa desde os tempos coloniais, assim como colocarmos em diálogo parte destes dados com as lembranças dos moradores sobre o seu próprio espaço.

A etnografia foi outro importante método de produção de dados. No início do século XX a transformação nos estudos da antropologia deveu-se muito a capacidade de reelaboração de suas práticas de pesquisa. Essa renovação começou a ser formalmente empreendida especialmente com os esforços de Malinowski e de sua inserção em campo enquanto pesquisador, que resultaram na consequente postulação do que seria o método etnográfico o qual, tendo como um dos pressupostos a convivência intensa com o grupo pesquisado, trouxe novas camadas de entendimento possibilitadas pela experiência do trabalho de campo direto (MONTOYA URIARTE, 2012). A definição do que seria a etnografia é motivo de muitos debates na área (MAGNANI, 2002, p. 16), e para Ingold ela estaria vinculada à construção dos relatos verbais (2015). Mas, para além da vivência direta do pesquisador e do seu processo de articulação da escrita, seguimos a noção de Peirano (2008) ao tratar a imbricação existente entre teoria e prática de campo, nos filiando à sua percepção do que é etnografia:

> No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados. Mais: a união da etnografia e da teoria não se manifesta apenas no exercício monográfico. Ela está presente no dia-a-dia acadêmico, em sala de aula, nas trocas entre professor e aluno, nos debates com colegas e pares, e, especialmente, na transformação em “fatos etnográficos” de eventos dos quais participamos ou que observamos. Desta perspectiva, etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação. (PEIRANO, 2008, p. 3)

Desse modo, para Peirano (2008), a tarefa do antropólogo após a pesquisa de campo é:

> [...] interpretar, traduzir, elaborar o diálogo que esteve presente na pesquisa de campo. O antropólogo precisa transformar a indexicalidade que está presente na comunicação em texto referencial. É preciso colocar em palavras seqüenciais, em frases consecutivas, parágrafos, capítulos, o que foi ação. (PEIRANO, 2008, p. 8)

Assim, realizamos observação, observação-participante e entrevistas, bem como registros visuais do cotidiano da comunidade e de seus moradores com os quais trabalhamos. Procuramos através desse percurso construir uma lógica de explicação acerca do que vivenciamos e que foi fruto da interação entre as concepções do pesquisador e dos moradores que foram o tema desta pesquisa (MAGNANI, 2002, p. 17).

Quanto ao levantamento bibliográfico, os trabalhos relacionados à comunidade da Gamboa de Baixo são usualmente encontrados em áreas outras que não a antropologia. Dentro dos estudos que tocam nas questões urbanas de Salvador e que refletem sobre a população do Centro Antigo, especificamente sobre a Gamboa de Baixo, os textos encontrados estão ricamente situados na ótica da arquitetura e urbanismo, o que mostra a relevância do debate, mas também quão pouca contribuição há do olhar antropológico voltado à compreensão de comunidades do Centro Antigo, em particular da Gamboa de Baixo.

Por fim, um outro método usado neste trabalho é o fotográfico. É sabido como a Antropologia, desde o final do século XIX, se beneficia da linguagem visual em seus estudos etnográficos, mesmo quando as pesquisas eram ainda realizadas no interior dos chamados gabinetes (GURAN, 2012, p.31-32). Caiuby Novaes aponta como, desde o momento da sua criação no século XIX, a fotografia esteve presente enquanto instrumento de pesquisa dos antropólogos servindo, primeiramente, como técnica para registrar os diferentes mundos, capturando a diversidade de povos e de sociedades que estes pesquisadores tentavam catalogar (2012, p.11).

Neste sentido, a fotografia tem usos para além do registro. Trata-se, também de um método de interpretação de realidades sociais (BARBOSA, 2014, p.4). Segundo Collier (1973), em seu manual pioneiro que trata da antropologia visual, a máquina fotográfica é um instrumento que maximiza o alcance da visão do pesquisador (1973, p. 18). A esse respeito Guran destaca que o poder da fotografia reside no fato de salientar aspectos que poderiam passar despercebidos, o que é destacado pela própria forma singular como o método fotográfico obtém suas informações: o ato de escolher momentos para um clique (GURAN, 1997).

Samain (2014) insere uma importante discussão acerca da vinculação entre antropologia e fotografia. No que se refere ao modo como os dois campos constroem seus objetos, através da observação e do olhar, o autor afirma que “nesta perspectiva, o ‘olhar antropológico’ e o ‘olhar fotográfico’ hão de aprender a conjugar melhor dois imperativos próprios à única antropologia visual: ‘aprender a ver’ e ‘saber pensar e fazer pensar em imagens’” (SAMAIN, 2014, p. 715).

Enfatizamos que a formulação da fotografia, que acontece inicialmente através do olhar, por ter a sua realização tomada muitas vezes como um recorte exato e automático de um instante, carece de ser problematizada enquanto feitura. Compreendemos que o ato de elaborar, clicar, e inserir uma fotografia em dado contexto envolve antes de tudo a subjetividade de seu realizador. Seguindo este raciocínio podemos afirmar que uma imagem para ser feita passa primeiramente por mediações do fotógrafo que a concebe e do entendimento que ele tem do mundo.

Ainda, ao pensar na estruturação do papel da imagem em uma pesquisa etnográfica e no modo como desenvolvê-la, é preciso compreender de que forma o campo de estudo pode ser tratado a partir de registros visuais, qual a possibilidade de gravar aquilo que se vê e qual a pertinência, o que implica pensar que a antropologia visual, quando fértil, deve ter como horizonte a possibilidade de conectar memórias, tempos passados e o presente das pessoas (SAMAIN, 2014, p. 717).

***

Visitei a Gamboa de Baixo em 2017 a primeira vez por ocasião das comemorações do 2 de Julho realizadas em Salvador, momento em que conheci alguns moradores da comunidade. Meu contato com a Gamboa de Baixo se limitava, até então, a acompanhar questões relacionadas ao CAS. A vontade de pesquisar surgiu quando vivenciei alguns acontecimentos na comunidade que me despertaram um desejo de voltar à academia para analisar as dinâmicas internas da Gamboa de Baixo, tendo como perspectiva o exame da construção de sua autonomia e de sua autogestão. Assim, elaborei o pré-projeto de pesquisa apresentado na seleção para o mestrado do PPGA de 2018. A pesquisa de campo se iniciou lentamente em 2018 e ganhou fôlego de fato no final do mesmo ano, quando consegui maior inserção na Gamboa de Baixo através do trabalho que participei coletando informações sobre as consequências da Bahia Marina para a comunidade. Estas informações integraram o Dossiê coletivo sobre os impactos da Bahia Marina nas populações frequentadoras da Praia da Preguiça, apresentado ao Ministério Público como subsídio para um laudo antropológico. Foi a partir desse gancho que consegui estabelecer conversas com muitos pescadores da Gamboa de Baixo.

Durante o trabalho realizei entrevistas inicialmente sem questões fortemente estruturadas ou predeterminadas, mas posteriormente elas foram destrinchadas em diversas conversas informais, parte da observação-participante que compõe o campo etnográfico. Assim, este trabalho de campo foi realizado no período compreendido entre o final de 2018 e o

ano de 2019, especialmente nas sextas-feiras, férias do trabalho e alguns sábados ou domingos. A abertura e receptividade dos moradores foram acontecendo de modo tranquilo, em grande parte graças a ajuda de Ana, presidente da Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo.

No campo, ouvi inicialmente, as experiências dos pescadores que me trouxeram aspectos por mim desconhecidos e que enriqueceram o leque de temas para dialogar com os outros moradores. Estes outros moradores foram aparecendo mediante a técnica da bola de neve (um morador apresenta a outro, que apresenta a outro) e, assim, conseguimos ampliar o círculo de comunicação com diversos outros trabalhadores, para além dos pescadores, que moram na comunidade. Com todos estabelecemos conversas, realizamos observação, descrição de suas atividades e ouvimos suas opiniões sobre temas distintos. Apesar dos interlocutores terem sido vários, é preciso dizer que contei com uma interlocutora principal: Ana Caminha. Com a sua ajuda consegui ter contato com pescadores, trabalhadores do centro da cidade, trabalhadores da nova rota marítima de chegada à Gamboa de Baixo. Seu auxílio foi importante para ampliar a minha rede de relações, o que consequentemente expandiu as possibilidades de entender a vida dos moradores da Gamboa de Baixo de modo mais profundo.

As principais dificuldades no cotidiano da pesquisa foram devido ao esforço para executá-la conjuntamente com o trabalho que realizo como servidora pública do Estado, o que demandou tempo e flexibilidade por parte da equipe que faço parte, pois a maior parte da pesquisa de campo ocorreu durante as sextas-feiras. Quanto ao campo em si, o principal impasse para o desenvolvimento satisfatório dessa pesquisa se relacionou com o ir e vir para a comunidade. Após ter sido assaltada e agredida em um local próximo a Gamboa de Baixo, alguns moradores, a pedido meu, gentilmente passaram a acompanhar o meu trajeto no entorno da comunidade nos dias de trabalho de campo.

Antes de apresentar o conteúdo de cada capítulo deste trabalho, são necessárias algumas palavras sobre o processo de construção da proposta interpretativa que apresento nesta dissertação. A mudança do foco de minha análise aconteceu ainda ao longo de 2018. Tanto o momento propiciado pelo Dossiê quanto uma disciplina cursada sobre a história de Salvador que tratou das permanências e transformações de seus espaços, foram elementos importantes para o reestruturação de minha pesquisa. Se em um primeiro momento a minha avaliação era mais focada na conjuntura atual de luta política da Gamboa de Baixo, ao estudar a questão portuária de Salvador e o uso de espaços múltiplos até o século XIX com esta função, as mudanças ocorridas em decorrência da nova infraestrutura portuária, bem como, a transformação demográfica da capital, compreendi que para entender melhor a constituição da

Gamboa de Baixo era preciso entender a história e a sua gênese enquanto comunidade, o que foi decisivo para a reformulação de meu estudo. Ademais, teve igual importância o seguinte aspecto: para entender a dinâmica de vida dos moradores da Gamboa de Baixo, eu não poderia passar ao largo de compreender a relação daqueles com seu entorno imediato e com a cidade de modo mais amplo. A partir dessas questões, comecei a pensar em analisar a permanência dos moradores da Gamboa de Baixo em seu espaço e a sua luta para garantir a sobrevivência material. Portanto, a perspectiva resultante dessa mudança é que a Gamboa, que nos tempos coloniais era um espaço conectado com a cidade, foi se tornando progressivamente cerceada ao longo do século XIX e XX, e hoje busca, através de muitos meios, ultrapassar a invisibilidade que lhe é imposta e que a separa do restante de Salvador.

***

No primeiro capítulo mediante imagens e trabalhos historiográficos, identificamos os vínculos da Gamboa com a área portuária da capital ainda durante o período em que Salvador era administrada por Portugal, demonstrando a importância de sua região, que continha dois portos, e que estavam implicados na dinâmica comercial de Salvador.

Ao longo do segundo capítulo procuramos demonstrar os efeitos que a modernização do Porto de Salvador, a partir da sua centralização no bairro do Comércio, trouxe para a Gamboa, sendo este o primeiro marco para explicar o processo de desintegração da Gamboa com o restante da cidade. A fragmentação do espaço da Gamboa sofre posteriormente uma nova intensificação com a chegada da Avenida Lafayete Coutinho, mais conhecida como Avenida Contorno, que dividiu a localidade em Gamboa de Cima e Gamboa de Baixo. Posteriormente, destrinchamos as relações da comunidade Gamboa de Baixo com alguns dos seus vizinhos por compreendermos que tal processo é importante para alcançarmos aspectos da sobrevivência e da manutenção da comunidade.

No terceiro capítulo, em contraste com os anteriores, marcadamente históricos, nos detemos no momento atual da Gamboa de Baixo e como a comunidade consegue romper ou furar os cercos que sofre. Neste último capítulo, realizamos uma descrição física e visual da comunidade no presente momento, apresentando dados socioeconômicos e a questão do estigma e da violência enfrentados por seus moradores. Posteriormente, avaliamos as estratégias de organização da comunidade para lidar com as questões originadas pelas barreiras que lhe são impostas e relatamos algumas experiências cotidianas de seus moradores, focando na sua sobrevivência e vivência a partir do espaço que habitam. Tratamos também das novas

conexões da Gamboa de Baixo com Salvador e as repercussões de todas essas relações no cerco que sofre à comunidade.

2 UM PORTO NAS IMEDIAÇÕES DA CIDADE (XVI-XIX)

Este capítulo traça um breve retrospecto histórico de Salvador e sua localidade denominada Gamboa a fim de que possamos compreender a inserção da Gamboa de Baixo na configuração urbana atual da cidade. Para tal, utilizamos além de dados historiográficos, relatos trazidos pelos seus habitantes atuais, que guardam memórias dos tempos antigos da região.

Partindo da história da região da Gamboa durante a época colonial, recuperamos sua historiografia atrelada a depoimentos dos moradores com os quais conversamos a respeito das lembranças de fatos passados que lhes chegaram através das memórias de gerações. Recorremos a imagens elaboradas por estudiosos, visitantes e artistas que estiveram em Salvador durante o período remontado para criar uma narrativa não apenas verbal, como igualmente imagética, que conjuntamente apontem as transformações e permanências do espaço em que se encontra a Gamboa de Baixo.

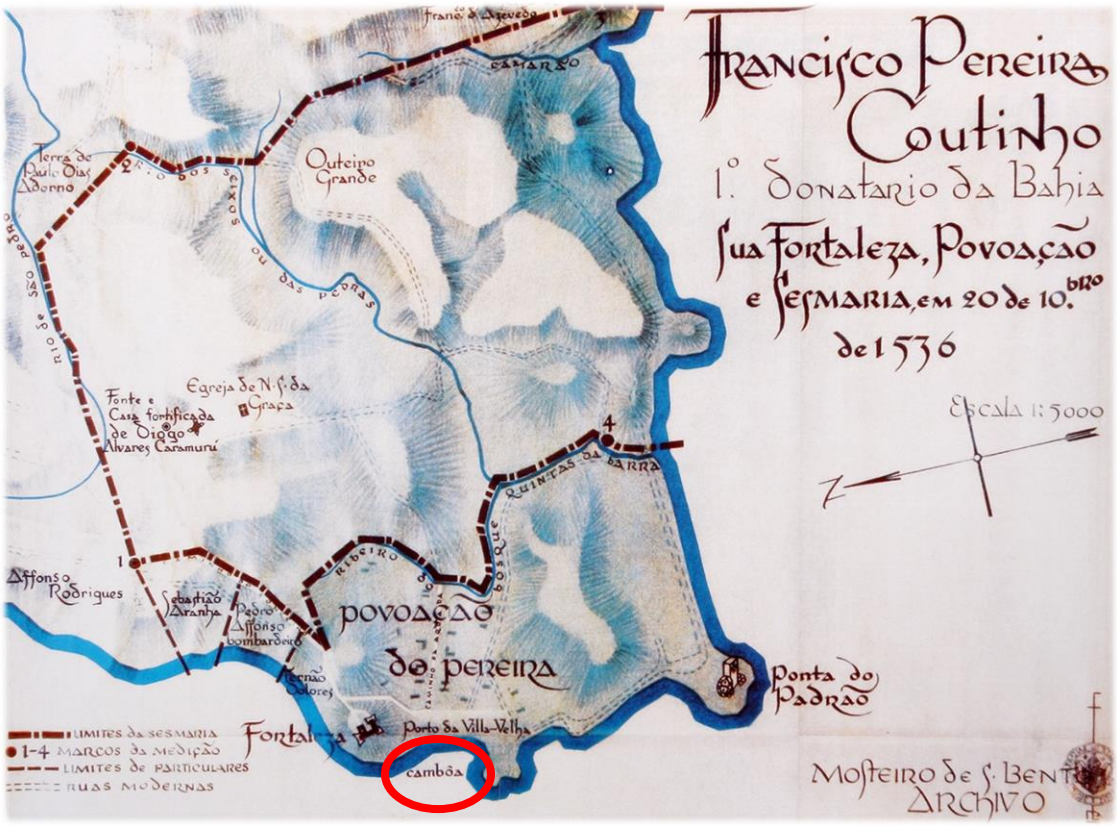
Iniciamos o capítulo com o exame de alguns dos primeiros mapas do Brasil colônia que remontam a um lugar específico assinalado como “Câmboa”, vocábulo originário que dá nome à Gamboa. Identificamos os primeiros moradores da localidade e como no início da cidade a Gamboa foi um importante espaço que abrigou tanto estruturas militares como portos, sendo estes últimos peças fundamentais do intenso comércio praticado na região. No último subcapítulo examinamos o século XIX em relação ao crescimento da região da Gamboa com as casas, armazéns e pescadores.

2.1 SÉCULO XVI: A PESCA DE CAMBOA E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO DA GAMBOA NO BRASIL COLÔNIA

Foi preciso antes mergulhar no mar da Baía de Todos os Santos com seus mistérios e com sua história tão repleta de lutas para somente depois, com as lentes do passado reconstruído entre o dito e o inscrito, tentarmos alcançar o que nessa dissertação concebemos. Assim, tratamos nesse texto da Gamboa de Baixo. E foi diante dos mapas do período colonial em Salvador que vimos as primeiras alusões quanto ao surgimento de sua região.

Em 1536, pelo mapa da Povoação do Pereira de Paulo Lachenmayer da figura número um vemos a sesmaria de Francisco Pereira Coutinho e a povoação do Pereira, na qual se encontrava o Porto da Villa Velha, e diante do mar encontramos a chamada Cambôa, pela primeira vez relatada em mapas, conforme descrição das propriedades do então donatário da sesmaria em que ela estava contida. Neste mapa podemos então ver a primeira menção à Gamboa ainda denominada Cambôa.

Figura 1 – Localização da Gamboa no mapa da povoação do Pereira em 1536 (destaque em vermelho)



Fonte: elaboração da autora com base na ilustração "Francisco Pereira Coutinho, 1º donatario da Bahia, sua fortaleza, povoação e sesmaria, em 20 de dezembro de 1536", de Paulo Lachenmayer, disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo16/vila-pereira.htm

O nome Cambôa em sua origem remonta à prática pesqueira artesanal, também conhecida como Gamboa ou Cômboas e, segundo apontam Magalhães e Baptista (2004), se tratavam de construções de pedra que eram feitas ou reparadas durante a maré baixa, se situando próximas à praia, em trecho de mar raso e no qual, a depender da vazante, os peixes que apareciam ficavam presos conforme o ir e vir das águas, o que posteriormente facilitava a retirada dos animais pelos pescadores:

> As Cambôas são pesqueiros vedados por paredes de pedra, que ficam afogadas nas preia-mares (maré cheia), e ao baixarem as marés deixam sair as águas, o peixe miúdo e espécies de pequeno crescimento através de redes («tranqueira», também dita «trancada») colocadas numa porta, chamada «broeira», aberta do lado das águas. Geralmente as paredes ou «cerco» da Cambôa são construídas aproveitando a rocha natural, onde se entalam as pedras em sucessivas camadas, dando assim mais resistência às paredes da Cambôa. (MAGALHAES, BATISTA, 2004, p.59).

Adriano, 42 anos, é um professor que dá aulas de reforço escolar em casa para crianças da Gamboa de Baixo, além de ser confeiteiro de doces e bolos. Adriano é o morador nascido e

criado na Gamboa de Baixo que nos conta da origem do termo como sendo indígena, significando *"arte de pescar"*. Dórea (2006, p. 247) afirma que o nome Gamboa é uma corruptela do termo original Cambôa, sendo uma forma brasileira de denominar e que veio a se tornar a nomenclatura para o logradouro em Salvador desde a época colonial. Segundo o mesmo autor, se encontrava nessa região de Salvador uma Cambôa que teria sido local de pesca de Diogo Caramuru, sendo esse o lugar em que iriam se fixar os primeiros colonizadores, em que se encontram hoje os bairros da Barra e Graça (DOREA, 2006, p. 168).

2.2 SÉCULO XVII - OS PRIMEIROS MORADORES E FORTES

Neste referido mapa, figura número 1, já podemos ver o desenho do lugar do futuro Forte de São Pedro na parte elevada da cidade e a área em que atualmente localizamos o Farol da Barra, denominada de Ponta do Padrão. Paraíso (2011) afirma que na região do Forte de São Pedro, Passeio Público e Gamboa existiu um aldeamento indígena denominado Simão, nome de batizado do cacique que fora convertido ao catolicismo, e que depois de uma epidemia de varíola na região, em 1564, com a morte de muitos, inclusive do chefe indígena, e fugas de outros tantos, tal agrupamento parece ter se dispersado, com seus moradores indo habitar em diferentes aldeamentos da cidade (LEITE, 1965, apud. PARAÍSO, 2011, p. 95). A autora destaca ainda que "é preciso ressaltar que a extinção de um aldeamento não significa que tenha sido abandonado pelos indígenas, não significa que ali não mais viviam índios. Eles apenas passavam à condição de trabalhadores forros da Companhia de Jesus" (PARAÍSO, 2011, p. 92) o que, portanto, nos levanta a questão dos primeiros moradores da Gamboa serem oriundos desses mesmos indígenas.

Segundo Ana, moradora da Gamboa de Baixo, nossa principal interlocutora e presidente da Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo, da qual trataremos mais detidamente no terceiro capítulo, o entorno do Farol da Barra era área pertencente a um senhor que se casou com uma índia e que era dono de todo o terreno. Ana descreveu ainda que no local no qual se localiza o Forte de São Pedro existiu uma aldeia indígena e que *"os índios dessa aldeia pescavam aqui na Gamboa, na área da Gamboa. Tanto que aquela armação, aquela estrutura que nós temos, que a gente chama de Câmboa, que deu o nome da comunidade, a gente sabe da história que ali era uma armadilha pra pegar peixe"*. Ela nos contou então que o fato da avó dela ter sido índia *"possa ser que tenha relação com essa ancestralidade indígena, dos índios que viviam nessa redondeza"*.

Por volta dos anos de 1530, o reino de Portugal resolveu ocupar o território brasileiro, pois existia o risco eminente de perda das terras com a ação de outros países que estavam constantemente colocando seu domínio sob ameaça. O governo criou então uma política de ocupação da colônia baseada na concessão de terras, denominada capitanias hereditárias. Estas foram criadas no governo de D. João III de Portugal, em 1534, e estabeleceram um sistema de divisão dos territórios conquistados na América do Sul, mediante a qual a costa brasileira foi subdividida em porções até os limites do Tratado de Tordesilhas, acordo de partilha do chamado Novo Mundo estabelecido entre Portugal e Espanha, sendo que para cada uma dessas unidades menores foram designados destinatários que arcariam com todas as despesas da colonização do trecho então concedido (INNOCENTINI, 2009, p. 16).

Deste modo, Francisco Pereira Coutinho aportou em águas baianas no ano de 1534 como primeiro donatário da capitania da Bahia, dando nome ao núcleo de povoação[3] ali criado de Povoação do Pereira (AZEVEDO, 1955, p. 94). Nesta primeira imagem vemos, portanto, as suas terras e a região da Cambôa já assinalada no mapa.

Na Figura 2 podemos ver a reconstituição elaborada pelo monge beneditino Paulo Lachenmayer, em 1945, do que fora a região habitada de Salvador na época de 1600, bem como situarmos um pouco melhor as condições iniciais da região litorânea da cidade em termos de ocupação. Situada aproximadamente entre o ponto 18 até mais ou menos o 24, podemos ver a região da Gamboa de Baixo atual, circulada em vermelho. A área da Gamboa demonstrava estar conectada a Salvador, se constituindo como um importante lugar de ligação entre a primeira vila, do Pereira, e a capital da colônia que foi fundada na Sé. Nesta figura vemos no lado esquerdo que a cidade que surgiu em 1549 se apresentava então já bastante espraiada, mas ainda concentrada ao redor do núcleo fundador. Ao longo de todo o trecho retratado da orla soteropolitana é possível verificar a presença de pequenas embarcações, o que remonta à existência de atividade pesqueira em seu litoral, sendo que no século XIX a cidade vai se constituir como o mais importante lugar de escoamento e chegada de produtos na colônia, conforme veremos adiante neste capítulo.

[3] Thales de Azevedo ao tratar de Pereira Coutinho explica a relação deste com Diogo Caramuru, que já habitava a região da denominada Vila do Pereira, povoando com seus descendentes o espaço em questão. Para mais detalhes acerca da doação da sesmaria a Caramuru bem como um pouco de sua biografia, ver obra citada de Azevedo e para mais detalhes da relação entre ambos ver ainda artigo de Paraíso (2011).

Figura 2 – Localização da Gamboa, destacada em vermelho, no mapa de Paulo Lachenmayer (1945)

Fonte: elaboração da autora, com base na ilustração "Cidade do Salvador com o litoral da Preguiça no ano de 1600", de Ernst Lachenmayer (1945), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo16/salvador-1600.htm

Os múltiplos caminhos desenhados por Lachenmayer apontam que o ir e vir na colônia estava sujeito às grandes ladeiras que entrecortavam a cidade desde então e que interligavam suas distintas partes. Os trajetos expressos nesta segunda figura demonstram que a Gamboa não estava inserida diretamente na expansão formal do espaço primário de Salvador, o que atestamos através dos mapas até então expostos, os quais revelam a sua posição fisicamente afastada em relação ao núcleo da cidade. Mas, é possível afirmar que a Gamboa, vizinha à movimentada freguesia urbana da Conceição da Praia (SANTOS, 2016, p. 24)[4], se articulava por estradas à adjacente Vila do Pereira, o que fundamenta a visão exposta de que, embora não fosse uma área urbanizada, a Gamboa estava realmente vinculada à cidade em expansão.

Nos pontos 17, 18 e 20, assinalados em azul, podemos notar a presença de um forte e de uma artilharia contendo um canhão mostrando como a questão da proteção à cidade nascente era uma preocupação. Ainda que não verifiquemos nesta época a presença de imóveis nos arredores da Gamboa de Baixo, é notório como o autor da imagem buscou retratar a pesca em

[4] Em seu estudo museológico que trata do bairro do Comércio em Salvador Santos nos informa, ao comentar sobre a região do porto, do surgimento dos chamados bairros urbanos da cidade, citando em especial as freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Praia e a do Pilar. Havia outras freguesias consideradas urbanas. A respeito da divisão entre freguesias urbanas e freguesias rurais Mattoso (1992) nos informa que é em 1857 que essa distinção passa a existir, pois a regulamentação desse ano traçou uma necessidade de diferenciação dos impostos sobre imóveis urbanos.

1600, e próximo ao círculo vermelho está um desenho de uma rede utilizada nessa atividade. Esses elementos atestam a visão de que esta atividade gozou de importância desde o começo da história de Salvador.

2.3 SÉCULO XVIII – A GAMBOA NA FREGUESIA DA VITÓRIA E SUA VIZINHANÇA: A EXPANSÃO DA COLÔNIA ATRAVÉS DAS IGREJAS, FORTALEZAS E O COMÉRCIO PRATICADO, EM PARTICULAR, NOS PORTOS LOCALIZADOS NA GAMBOA

A Gamboa estava localizada na freguesia de Nossa Senhora da Vitória. Segundo Nascimento, as freguesias são compreendidas como "... o conjunto de paroquianos, povoação sob o ponto de vista eclesiástico [...] espaço material limitado, divisão administrativa e religiosa da cidade, onde estavam localizados os habitantes, ligados à sua igreja matriz" (NASCIMENTO, 1986, p. 29). A autora afirma que mesmo a Nossa Senhora da Vitória sendo uma freguesia afastada do centro da cidade foi nela que surgiu o primeiro núcleo de povoamento (p. 35), fato que pudemos atestar ao analisarmos a vila do Pereira citada anteriormente. Sobre as limitações geográficas da área desta freguesia Nascimento informa que ela:

> Dividia-se de Brotas, no Rio Vermelho; em extensão, ia seguindo a beira-mar e subindo a colina, chegado até São Pedro, nas Mercês, no convento das Ursulinas, e até as Pedreiras, dividindo-se da Conceição da Praia. As casas situadas sobre o outeiro da estrada da Vitória, tinha suas roças terminando na "pancada do mar". A igreja matriz, situada em uma montanha sobre as águas da baía de Todos os Santos, oferecia deslumbrante paisagem. Eram capelas filiadas, contidas nos limites da freguesia da Vitória: a do Senhor dos Aflitos, de Santo Antônio da Barra, de Santana do Rio Vermelho, de São Lázaro e Madre de Deus, de Nossa Senhora da Conceição da Graça um Mosteiro dos Beneditinos, e de Nossa Senhora da Conceição do Unhão, na antiga casa do secretário de Estado, José Pires de Carvalho e Albuquerque que no século XIX foi ocupada pela fábrica de rapé de Meuron e Cia. (NASCIMENTO, 1986, p. 35).

Sendo Salvador uma cidade voltada ao comércio desde seu surgimento, eram nas freguesias da Cidade Baixa que estavam muitas lojas relacionadas a tal função mercantil: armazéns, ferragens, apetrechos para embarcações etc. (NASCIMENTO, 1986, p. 33). Ainda segundo a autora, especificamente na freguesia de Conceição da Praia, vizinha a Gamboa, se encontrava a Alfândega Geral, o Arsenal, e o lugar no qual eram construídas ou reparadas as embarcações (NASCIMENTO, 1986, p. 33). Nessa mesma freguesia estava o Porto de Salvador, área muito movimentada, que recebia alto número de pessoas por dia e no qual se localizava o comércio de negros escravizados (MATTOSO, 1992, p. 116 e 119). É possível

falar que o dinamismo econômico de Salvador, rota para distintos tipos de atividades mercantis, ficou bastante concentrado nessa freguesia e esteve intimamente ligado ao mar então.

Para compreendermos a conexão entre a Gamboa e a Salvador daquela época é preciso verificarmos como o polo comercial da cidade, estabelecido na região da Conceição da Praia, era um importante vizinho da Gamboa. A freguesia de Conceição da Praia tinha as seguintes características:

> [...] possuía de longitude um quinto de légua. De um lado limitava-se com o Pilar, do outro com São Pedro e Vitória. Fora criada a freguesia pelo bispo D. Marcos Teixeira, em 1623. Sua largura do mar para a terra era muito diferente em vários lugares, e em nenhum excedia a 50 braças. Se de um lado limitava-se com o mar, do outro era com o monte que a circulava. Dividia-se de São Pedro pela Ladeira da Preguiça e por uma pracinha no fim das Pedreiras, da freguesia da Sé, pelas Ladeiras da Misericórdia e do Palácio, da Vitória, nas Pedreiras, e do Pilar pela Praça do Comércio. (NASCIMENTO, 1986, p. 35).

As condições geográficas da Baía de Todos os Santos propiciaram, assim, o surgimento de um bairro voltado às questões navais e mercantis da colônia. A região da Preguiça, que hoje compreendemos como a região da Cidade Baixa e do Comércio, abrangia no século XVIII um amplo espaço no qual:

> [...] a ocupação da faixa à margem da Baía de Todos os Santos crescera bastante, indo desde a Preguiça, na Freguesia da Conceição da Praia, até Água de Meninos, na Freguesia do Pilar. Por intermédio de uma única rua de tipo linear, tinha edificações sólidas nos seus dois lados, de muitos andares, onde estavam instaladas instituições públicas (Âlfandega, arsenal, estaleiro naval e outras); religiosas (Igreja da Conceição da Praia em sua 2ª versão); defesa (fortes da Ribeira e sua bateria adjacente, Bateria de São Paulo da Gamboa, Fortaleza do Mar, de Nossa Senhora do Monte Serrat, de São Bartolomeu da Passagem de Itapagipe); estabelecimentos comerciais (armazéns, trapiches, casas comerciais) e residências. (LEAL, 2016, p. 81).

Segundo Edelweiss (1971), a grande movimentação que se dava em Salvador em seus primórdios estava concentrada nesta referida parte baixa, na região em que ficava o bairro da Praia "onde se erguiam as oficinas, os depósitos, os ranchos dos artífices e obreiros; ali continuavam ancorados os navios. Mourejariam na Ribeira os marinheiros, os pescadores, os funcionários e serventes dos armazéns, além da maioria dos mestres, oficiais e ajudantes" (p. 75 e 76). A relação estabelecida entre os portos da Gamboa era de conexão com essa região comercial da cidade, já que ela era uma localidade vizinha a esta freguesia da Conceição da Praia.

Podemos também perceber desde a imagem da Povoação do Pereira[5] os destaques conferidos à fortificação e à localização da Igreja de Nossa Senhora da Graça, ênfase esta que demonstra como desde o surgimento do projeto para a futura Salvador, este tipo de construção mobilizava os esforços da metrópole na empreitada colonial.

Assim como as Igrejas funcionavam como templos que ampliavam seu raio de influência na administração da cidade através das freguesias, nas quais a vida comum do cidadão acontecia com seus eventos sociais (NASCIMENTO, 1986, p. 29), e assim como os conventos facilitaram os meios para o aumento populacional em partes de Salvador (MOREAU, 2011, p. 143 e 144), é possível traçar também a importância do estabelecimento das fortificações ao longo da orla da colônia para o desenvolvimento urbano.

A presença maciça de fortalezas militares na cidade de Salvador remonta às supracitadas capitanias hereditárias, que representaram a tentativa falha de estabelecer um projeto de colonização de um território com uma enorme costa (OLIVEIRA, 2011, p. 132) e aos posteriores projetos de domínio dessas novas terras de Portugal através do estabelecimento de nova política.

Segundo Araújo, diante do insucesso da primeira empreitada de 1534, Portugal elaborou novo plano para a sua colônia, em que a economia e a sociedade da mesma deveriam estar integradas à metrópole (2011, p. 52) e assim, traçou como um dos seus pressupostos que fosse implantada uma cidade-fortaleza na abertura da Baía de Todos os Santos, que funcionaria como sede da administração, como posto militar e como porto que se ligaria às rotas de comércio que Portugal desenvolvia.

Quando em 1549 Salvador foi fundada, suas fortificações eram apenas muralhas e modestas baterias, que se destinavam à defesa de seu porto, sendo que nessa época o principal temor da administração eram os índios presentes e seus possíveis ataques, panorama que foi modificado no final do século XVI, quando começaram a ser registrados ataques vindos do mar (OLIVEIRA, 2011, p. 133 e 133).

Ainda que existam controvérsias quanto a importância dos fortes na defesa da cidade, data do período final do século XVI a construção de um dos mais famosos de Salvador, o Forte de Santo Antônio da Barra, seguido pelos Fortins de Santa Maria e de São Diogo (OLIVEIRA, 2011). Foi no trajeto litorâneo em direção ao porto de Salvador que se somou a estas construções a bateria de São Paulo da Gamboa, como parte de um amplo sistema de defesa de Salvador, sendo esta bateria vinculada ao Forte de São Pedro. Como a região da Gamboa era um local

[5] Ver figura 1

que podia facilitar o acesso à cidade de Salvador, em seu espaço foi construída no século XVIII a bateria do Forte de São Paulo, com o objetivo de incrementar a defesa da colônia, já que por parte do seu terreno o acesso à colônia era menos dificultoso e propício a invasões.

Compreender o espaço em que se insere a atual Gamboa de Baixo nas suas dimensões conflitivas é ter a dimensão histórica da ocupação de sua área desde os primórdios de Salvador e, portanto, também da fortaleza militar inserida em seu espaço que atualmente é alvo de disputas. Assim, procuramos desenvolver conversas com os moradores a respeito de suas memórias sobre o surgimento da bateria de São Paulo da Gamboa.

A respeito da conexão do Forte de São Pedro com o Forte de São Paulo da Gamboa, Verinha, pescadora e moradora da Gamboa de Baixo, nos relatou ter ouvido falar de certa passagem existente que desembocava na Gamboa, um túnel que foi tampado e que hoje passa pela casa de algum morador da comunidade e que culminava no quartel do Forte de São Pedro. Ana também nos contou dessa ligação entre as fortalezas e que a mesma passaria por dentro da casa de Fafá, cunhado dela e de Verinha, narrou ainda que, com o passar do tempo esta comunicação foi soterrada, embora ainda seja possível ver a arcada que comprova tal caminho. Entretanto, disse já não ser possível aprofundar, pois foi ele foi fechando.

Verinha informou que a área da Gamboa era um quartel e que o Forte de São Pedro e o de São Paulo, se constituíam como uma peça única conectadas através de uma ligação feita pelo túnel citado anteriormente. Segundo ela, era por esse túnel que os soldados desciam e por ele também passavam escravos que eram desembarcados na Gamboa para chegar à cidade. Com relação a fortificação presente na Gamboa e seu surgimento:

> Há quem diga que a Bateria da Gamboa, obra avançada do S. Pedro, poderia ter sido iniciada na primeira metade do século XVII. Em nenhuma lista ou levantamento de fortificações, elaborados até o século XVIII, aparece qualquer referência a ela. O local da Gamboa ou "Camboa", na qualidade de porto e povoação de pescadores, este sim, é antigo, podendo ter antecedido a própria fundação de Salvador. Esta bateria foi concebida para reforçar o sistema do Forte de S. Pedro, originando-se do projeto de fortificações de 1715 [...] A bateria da Gamboa estava justamente na orla marítima, disparando quase na linha d'água. Era uma defesa de enorme eficiência e que vinha completar adequadamente, uma limitação do Forte de S. Pedro (OLIVEIRA, 2011, p. 145 e 146).

Castro nos informa que bateria é o lugar no qual se situam as:

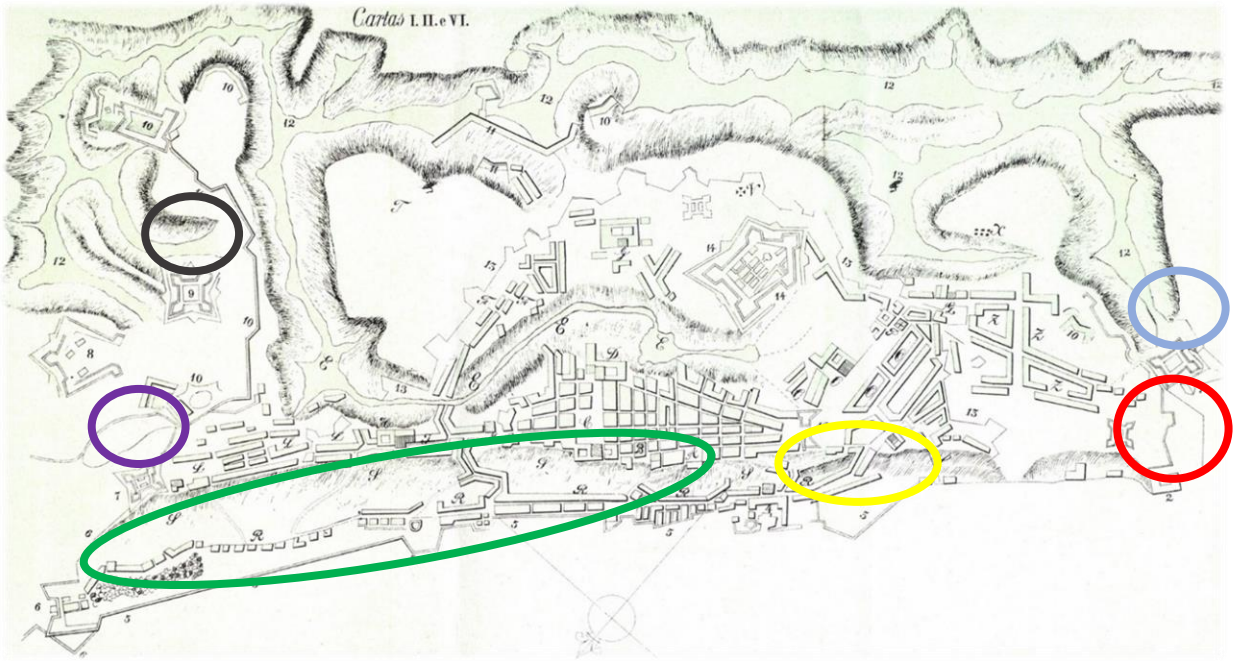
> [...] peças de artilharia para disparar, 'bater', com seus projéteis, um inimigo. Podia ser de vários tipos, de acordo com o tipo de arma utilizado nela: de

> *canhões*, de *obuseiros*, de *morteiros*, de *foguetes*, ou de *metralhadoras*. De acordo com o uso previsto para ela ainda era classificada como sendo de *sítio*, destinada a atacar uma fortificação; de *costa*, posição defensiva na costa; de *campanha*, uma obra temporária; ou de *praça*, aquelas que faziam parte de uma fortificação permanente (CASTRO, 2016, p.1, grifos do autor) .

Ainda segundo Moreau "em toda a época colonial os conceitos de cidade e fortificação se articulam estreitamente, sobretudo para cidades fundadas ou controladas de perto pela Coroa (havendo interesse no bom desempenho político-econômico e, naturalmente, na defesa, como era o caso de Salvador)" (MOREAU, 2011, p. 27). Assim, é possível identificar como a fortificação da colônia estava intimamente ligada aos processos de expansão da mesma, a partir de uma nova concepção de cidade e de uso do território, sendo que a colônia não mais era delimitada e organizada a partir de muralhas, mas por um sistema de fortificação (MOREAU, 2011, p. 321).

No detalhe da figura três vemos um número dois circulado de vermelho, fazendo menção à bateria do Forte de São Paulo, região da atual Gamboa de Baixo. Em azul vemos o Forte de São Pedro, de roxo o Forte de Santo Antônio, de preto o Forte do Barbalho, de amarelo uma muralha parte do sistema de defesa do Porto, em verde um cais de defesa da marinha que atestam a existência de um sistema de proteção da cidade baseado em fortificações.

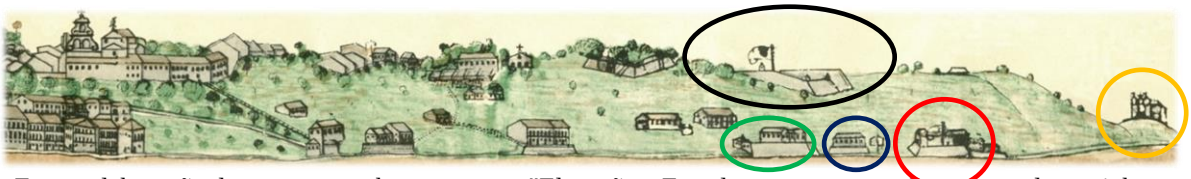
Figura 3 – Localização do forte de São Paulo da Gamboa, em destaque vermelho, no sistema defensivo de Salvador no século XIX



Fonte: elaboração da autora, com base no redesenho da planta de Jean Massé (1715) feito por Luís dos Santos Vilhena (1801), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo18/imagens/joao-masse.jpg

Encontramos ainda outros referenciais históricos, como o prospecto de Caldas, figura quatro, realizado de 1756 a 1758, e no qual em um dos seus trechos localizamos menção à região da Gamboa de Baixo. Na imagem abaixo em destaque a região da bateria de São Paulo e Porto da Gamboa em vermelho e o Porto das Vacas em azul. Circulado de preto está o Forte de São Pedro. Em amarelo a Igreja de Santo Antônio da Barra, e em verde o Porto e Casa de Unhão:

Figura 4 – Localização da Gamboa no prospecto de Caldas (1756-1758)



Fonte: elaboração da autora, com base no mapa "Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metropole do Brazil", de José Antonio Caldas (1758), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo18/imagens/forte-sao-pedro-seculo18.jpg

Segundo o prospecto acima exposto, na ponta direita do desenho teríamos a Igreja de Santo Antônio da Barra, circulado de amarelo, e na planta baixa de Salvador, a bateria do Forte de São Paulo juntamente com o Porto da Gamboa em vermelho, e no círculo menor encontraríamos o chamado Porto das Vacas, destacado de azul, seguido do Porto e Casa de Unhão, circulado de verde. Podemos constatar, a partir desse prospecto, que os lugares assinalados se tornaram em meados do século XVIII espaços mais consolidados. A presença do Porto das Vacas e do Porto da Gamboa, em especial, reforça a visão por nós apresentada a respeito da importância histórica da região da comunidade da atual Gamboa de Baixo, na qual desde o século XVIII se situavam alguns dos portos que fizeram parte da rota de comercialização de produtos que contribuíram para Salvador se expandir enquanto cidade. Com efeito, Verinha nos narrou que antigamente os mercadores traziam seus produtos, suas louças, assim como os fazendeiros suas mercadorias e que todos eles usavam a região da comunidade para desembarque.

Ainda na figura 4, na direção acima destes portos destacados, circulado de preto está o famoso Forte de São Pedro, evidenciando a ligação e importância das fortalezas na cidade de Salvador. A Gamboa de Baixo atual está localizada nestas duas regiões à beira-mar, vista na imagem pelas cores vermelho e azul, estando próxima à outras edificações, possivelmente trapiches, identificados na colônia desde o século XVIII (LEAL, 2016, p. 83). Da segunda figura para a terceira podemos perceber um grande avanço quanto à ocupação do solo com construções de usos distintos na região contígua à Gamboa.

Na região litorânea próxima a qual hoje encontramos a comunidade Gamboa de Baixo verificamos que:

> No contexto da expansão comercial atlântica portuguesa, os trapiches foram, sucessivamente, erguidos à beira-mar, com funções de promover armazenamento e transporte de mercadorias para exportação ou comercialização intercolonial, regional e local, compondo uma base portuária com ancoradouros naturais, à medida que se aumentava o fluxo de demandas. A fim de garantir à coroa o poder econômico sobre o território conquistado, Salvador, ou a 'cidade da Bahia', foi estruturada, mesmo que espontaneamente, para suprir o comércio ultramarino. (LEAL, 2016, p. 78).

Os trapiches no Brasil dos séculos XVI e XVII significavam o mesmo que engenhos de açúcar e também eram compreendidos como o lugar em que os barcos ficavam amarrados, porém, em Salvador, conforme Leal explicita, o termo trapiche foi entendido como espécie de armazém, um lugar perto do mar e do cais, a partir do qual se chegava próximo às pequenas embarcações, e que tinha todo o aparato para movimentar as cargas que iriam ser depositadas, mercadorias estas que chegavam ou saíam através desse arranjo (LEAL, 2016, p. 77).

Mattoso enfatiza como na primeira metade do século XVIII Salvador concentrava importante papel de porto, sendo o "centro incontestável do comércio do Atlântico-Sul" (MATTOSO, 1983, p. 8), o que nos ajuda a entender como a região baixa da cidade, que era entrecortada de armazéns, estaleiros e portos foi importante na configuração urbana da cidade e estava intimamente ligada ao mar. Se podemos falar na freguesia da Conceição da Praia como uma das mais ativas e importantes para o desenvolvimento de Salvador enquanto principal polo comercial do Brasil, destacamos para fins deste estudo especialmente a região da Gamboa, área em que se encontravam dois portos e que, portanto, formava também um lugar de ir e vir de produtos e de circulação de pessoas e que era vizinha a Conceição da Praia, como vimos anteriormente. A respeito dessa dependência da cidade da via marítima, o que se sabe sobre os diversos portos à época é bem definido por Dórea:

> Salvador é, portanto, uma cidade que dependia basicamente do mar, inclusive para o transporte de passageiros, mas, e principalmente, para a sua economia. No entanto, ainda no final do Século XIX, seu porto principal – onde ainda hoje se localiza, ao longo de toda Avenida da França – apesar da grande extensão, não funciona como unidade atracadora para as inúmeras embarcações, pois está dividida em pequenos cais independentes, a maioria de uso privado dos comerciantes a quem pertencem.
> Sabendo-se disso, fica fácil compreender a grande quantidade de topônimos – alguns ainda em uso, outros (a maioria) desaparecidos – referidos como porto ou cais, ao longo de todo o contorno marítimo da cidade, cada um deles contando a sua própria história, e, juntamente com ela, uma parte significativa da história de Salvador (DOREA, 2006, p.125)

A importância da região da Conceição da Praia pode ser analisada através do depoimento de Vilhena (1969). O autor, de meados do século XVIII e início do século XIX, também corrobora com a noção de que, na freguesia da Conceição da Praia, o ir e vir através do comércio perfazia a cidade de Salvador. Vilhena ao descrever a cidade de Salvador nos conta que esta freguesia começava:

> [...] na praia no sítio da Preguiça até a Jiquitaia, com uma rua tortuosa, mas continuada com propriedades de casas de três, e quatro andares, e outros grandes edifícios, tendo de oito para nove mil pés portugueses de comprido; e a esta povoação, que por toda a sua extensão, deita diversos becos, que vão morrer na marinha, chamam a Praia, ou Cidade Baixa [...] O bairro da Praia, opulento pela assistência, que nele fazem os comerciantes da praça; fica este ao Poente da cidade, ao correr da marinha, com não menores templos, fortalezas, e melhores edifícios. (p.44).

Assim, tais condições propiciaram o surgimento de um bairro voltado às questões navais e comerciais e que nos ajuda a configurar o contexto em que se inseriam todos esses portos que entrecortavam a região litorânea de Salvador, aí incluídos o Porta da Gamboa e o Porto das Vacas. A vizinha região da Preguiça, que hoje compreendemos como a região da Cidade Baixa e do Comércio, abarcava já no século XVIII um amplo espaço no qual:

> [...] a ocupação da faixa à margem da Baía de Todos os Santos crescera bastante, indo desde a Preguiça, na Freguesia da Conceição da Praia, até Água de Meninos, na Freguesia do Pilar. Por intermédio de uma única rua de tipo linear, tinha edificações sólidas nos seus dois lados, de muitos andares, onde estavam instaladas instituições públicas (Âlfandega, arsenal, estaleiro naval e outras); religiosas (Igreja da Conceição da Praia em sua 2ª versão); defesa (fortes da Ribeira e sua bateria adjacente, Bateria de São Paulo da Gamboa, Fortaleza do Mar, de Nossa Senhora do Monte Serrat, de São Bartolomeu da Passagem de Itapagipe); estabelecimentos comerciais (armazéns, trapiches, casas comerciais) e residências. (LEAL, 2016, p. 81).

Este era o cenário adjacente à Gamboa e seus vizinhos de então que estavam intimamente ligados ao importante comércio desenvolvido na orla da cidade e que eram animados também com a participação dos diversos pequenos portos de sua orla.

Quanto a moradia nos espaços da Gamboa é possível especular sobre os seus habitantes nesta época, mas, concretamente, no período do século XVIII, ainda não foram encontradas evidências de uso residencial nas pesquisas historiográficas ou memórias de moradores da região.

Um dos poucos trabalhos no qual encontramos registros sobre os donos de terras em Salvador foi a tese de Maria Herminia Oliveira Hernández (2005), que trata do patrimônio dos

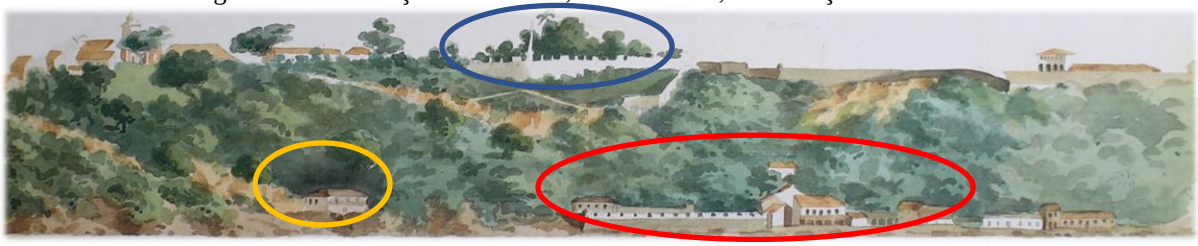
beneditinos entre o final do século XVI até final do século XIX. Este grupo concentrou grande quantidade de imóveis e são citados terrenos em foro na região da Gamboa, tanto com propriedades físicas (HERNÁNDEZ, 2005, p. 186), quanto com áreas arrendadas para pesca (HERNÁNDEZ, 2005, p. 292). Quanto a essa questão dos foros, Ana nos relatou que a comunidade já teve conflitos com o Mosteiro de São Bento, por este se dizer dono de terras da Gamboa.

A respeito dos usuários frequentes da freguesia da Conceição da Praia, Mattoso descreveu ser a Cidade Baixa a área em que mais se encontravam escravos mulatos e que muitos escravos de ganho moravam nessa região pelo custo dos aluguéis, assim como mulatas, que trabalhavam como empregadas domésticas na freguesia da Conceição da Praia (1992, p. 123). A autora afirma que na Conceição habitavam muitos comerciantes e lojistas, devido à proximidade com o porto e parte da população mais pobre, que habitava quartos e dividia o espaço contando com pouca privacidade (MATTOSO, 1992, p. 443). Segundo Nascimento na Conceição da Praia existiam muitos portugueses, os quais tinham lojas no mesmo lugar em que moravam e também "os ganhadores, negros, escravos ou libertos, que se viam por toda a parte, especialmente debaixo de árvores, em poses lânguidas, à espera, sem nenhuma pressa, de uma oportunidade de usar suas forças para o ganho de alguns vinténs" (2007, p. 125 e 128).

2.4 SÉCULO XIX – A GAMBOA E AS CRESCENTES EDIFICAÇÕES EM SUA ÁREA, ARMAZÉNS, ALGUMAS CASAS E OS PESCADORES

Na imagem abaixo, de número cinco, trazemos a aquarela do tenente Robert Pearce, de 1819, na qual a região da Gamboa, circulada em vermelho, aparece retratada com algumas construções amplas e diferentes em seu espaço, estando mais densamente ocupada por imóveis na sua parte inferior. Acima, em azul, vemos o Passeio Público e em amarelo o atual solar do Unhão, abrigo do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA):

Figura 5 – Localização da Gamboa, em vermelho, no começo do século XIX

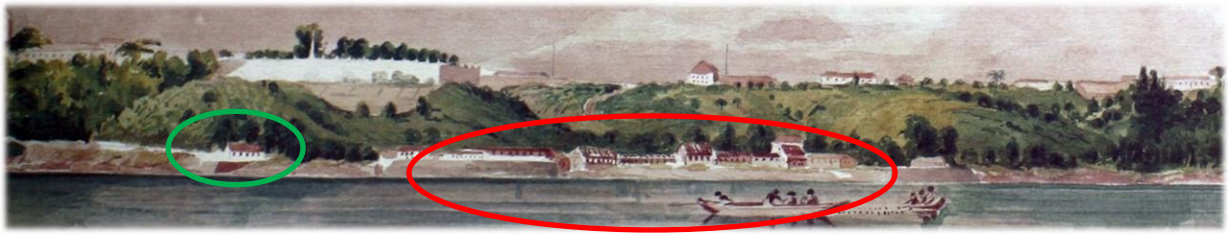


Fonte: elaboração da autora, com base em aquarela sem título de Robert Pearce (1819), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo19/pearce/imagens/jardim-publico.jpg

Ainda que neste período da figura cinco Salvador seja retratada como uma cidade de muita vegetação, podemos verificar a presença de algumas grandes edificações na imagem, dentre elas o Passeio Público, obra de 1803, que criou um mirante para a Baía de Todos os Santos no local em que havia antes um jardim botânico (ARAÚJO, S., 2006, p. 81). Abaixo do Passeio Público vemos imóveis muito espraiados em frente ao mar, com uma parte considerável de um deles podendo se tratar de uma das paredes da bateria de São Paulo. Ao lado da maior construção o que poderiam ser alguns armazéns. Adiante, à direita, podemos observar prédios mais altos, que podem ser casas de trabalhadores do Forte e, ao fundo deste conjunto, um pouco mais longe, o desenho retrata um edifício menor que sugere alguma ocupação no terreno com possibilidade de ser moradia.

Na pintura de Emeric Essex Vidal, figura seis, realizada entre 1835 e 1837, localizamos a Gamboa e, assim como na figura anterior, a presença mais marcante de propriedades no trecho, embora possamos ver a presença forte de vegetação. Em vermelho, destaque para a área da Gamboa, atual Gamboa de Baixo, na qual vemos pescadores jogando a rede no ato de pescar. Em verde o Porto e Casa do Unhão. Nesta mesma aquarela podemos notar que no mar existem homens pescando com rede em frente à atual Gamboa de Baixo. Constatamos que a pintura apresenta, notadamente, homens negros realizando essa ação. Tal imagem corrobora a visão da região litorânea da atual comunidade Gamboa de Baixo como lugar histórico tradicional de pesca em Salvador. Esses elementos nos levam a reiterar a íntima conexão da freguesia da Conceição da Praia e da freguesia da Vitória com o mar. Conexão na qual o mar funcionava tanto como principal via para o desenvolvimento das atividades econômicas coloniais como, para além disso, era um meio de sobrevivência imediata da população da cidade.

Figura 6 – Localização e vizinhança do porto da Gamboa, do Forte de São Paulo da Gamboa e do Solar do Unhão, entre 1835 e 1837



Fonte: elaboração da autora, com base em aquarela sem título de Emeric Essex Vidal (c. 1837), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo19/vidal/imagens/passeio-publico.jpg

Silva (1998) em texto que trata das formas de vida ligadas à pesca no ambiente marítimo, nos traz dados quanto aos tipos de influências culturais presentes bem como quem eram seus usuários típicos. No que tange à Bahia, o autor confirma a presença maciça de jangadas como

principal embarcação utilizada desde o norte do Estado até uma porção do Ceará, sendo que durante o século XVI era usual a presença de indígenas utilizando jangadas e, em período posterior, entre o fim do século XVI e começo do século XVII, a presença dos negros utilizando esse tipo de embarcação se amplia (SILVA, 1998, p. 221-222). O autor afirma que a maioria dos usuários de jangadas se compunha de pessoas escravizadas, bem como, de seus descendentes (SILVA, 1998, p. 221-222). Assim:

> Na segunda metade do século XVIII já havia um número significativo de pessoas de cor livres, libertos ou descendentes livres de escravos, em Capitanias como a Bahia e Pernambuco e essas pessoas pareciam predominar entre os jangadeiros e entre os tripulantes de saveiros. (SILVA, 1998, p. 222).

Silva (1998) também nos traz importantes dados quanto àqueles que constituíam a população ligada à pesca:

> Mas na segunda metade do século XIX, segundo várias evidências disponíveis, eram sobretudo negros livres e não cativos, que exerciam a pesca marítima em Províncias como a Bahia e Pernambuco. Na Bahia, por exemplo, havia, em 1854, 1 735 pescadores matriculados na Capitania dos Portos, sendo que 15,7% deles eram brancos, 8,5% índios, 24,6% constituía grupo formado por escravos e 51% — a maioria — era constituída por negros livres (SILVA, 1998, p. 222).

Quanto a um expressivo número de libertos dominarem as atividades marítimas pelo menos desde o começo do século XIX, em especial na Bahia e Pernambuco, o fato teria relação com a trajetória populacional desses locais, sendo estes estados áreas em que a escravidão massificada começou seu processo muito cedo, no século XVI, e nos quais a população liberta negra superou em número, ainda no século XVIII, a parcela da população escrava, crioula ou africana (KLEIN 1987 apud SILVA, 1998).

Quanto à configuração paisagística de Salvador ao longo do século XIX, Baeta e Cardoso (2015) constroem sua hipótese afirmando que:

> [...] mesmo após as diversas intervenções que a cidade sofreu em sua estrutura urbana e na composição de seu acervo arquitetônico nos Oitocentos, o equilíbrio cenográfico capturado na apreensão do sítio habitado não será minimamente afetado. Pelo contrário, desde sua fundação, a primeira capital brasileira afirmará, gradativamente, a exposição de uma paisagem dramática que terá seu auge justamente neste século; é possível perceber, na vasta iconografia produzida, especialmente nas inúmeras fotografias datadas da segunda metade do século XIX, como a cidade se mostrará cada vez mais pujante, cada vez mais teatral com o adentrar da centúria (BAETA e CARDOSO, 2015, p. 102).

Segundo estes mesmos autores, tal cenário urbano só começará a ter sua composição modificada a partir do século XX, com importantes implicações na área central de Salvador (BAETA e CARDOSO, 2015, p. 102). Mas, ainda no século XIX, o espaço ocupado com construções em Salvador se destaca e se amplia enormemente, como poderemos ver adiante na figura sete, denotando a progressiva urbanização da cidade em um curto período de menos de 50 anos, fato que podemos atestar através da figura sete, realizada em 1873 pela expedição H.M.S. Challenger. Nela podemos localizar, ainda que com certa dificuldade, o lugar em que hoje encontramos a Gamboa de Baixo, sendo visível que nesse momento registrado a localidade está um pouco mais espraiada em termos de ocupação. No que se refere a integração ao seu entorno e ao restante da cidade pouco se nota de diferente na região da Gamboa e vemos ainda a existência de relevante cobertura vegetal em sua área:

Figura 7 – Localização da Gamboa em 1873

Fonte: elaboração da autora, com base em foto de J. J. Wild (1873), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo19/imagens/baia.jpg

Na figura oito, abaixo, vemos a Gamboa retratada no século XIX, em uma pintura de William Gore Ouseley, 1835, na qual localizamos um pedaço do Forte da Gamboa circulado de vermelho, e mesmo não aparecendo na imagem sabemos que o Porto das Vacas está atrás dele. A análise dos elementos contidos neste desenho nos mostra, além de firmes edificações no espaço da Gamboa, a representação pictórica de alguns trabalhadores em embarcações. Podemos pensar se estes poderiam ser homens que lidavam com atividades portuárias típicas da região, estivadores, ou se atuavam naquela porção de mar como os retratados na figura seis que eram pescadores, pois é clara também a presença de pequenas embarcações características da atividade pesqueira. É possível ir além e verificar que os personagens retratados eram homens negros. A imagem é construída de tal modo que a perspectiva é do desenhista estando no Porto da Gamboa e olhando para o Forte da Gamboa:

Figura 8 – Porto da Gamboa em 1835, com destaque para o Forte de São Paulo

Fonte: elaboração da autora, com base em pintura sem título de William Gore Ouseley (1835), disponível em http://www.salvador-antiga.com/layout/gamboa-bahia.jpg

O papel dos portos no desenvolvimento das grandes nações na época moderna da história, entre os séculos XV a XVIII, se constitui como um importante tema quando refletimos acerca do impacto deste tipo de empreendimento nas cidades em formação. A ligação da então colônia era feita com a Europa a partir dos centros portuários, que em boa medida determinariam polos comerciais, conformando importantes centros urbanos (POLÓNIA, 2016, p. 20). A cidade de Salvador devido a sua geografia forjou um espaço para criação e manutenção da vida comercial através da lógica portuária que foi essencial para o pleno desenvolvimento do empreendimento ultramarino de Portugal (POLÓNIA, 2016, p. 20.).

Em nossa avaliação não é possível obliterar as implicações históricas e sociais que a empreitada marítima-colonial gerou, o que para nosso estudo torna relevante a compreensão da dinâmica mais ampla em que Salvador estava inserida neste período. Assim, é preciso entender como o papel desenvolvido pelos oceanos contribuíram para a consolidação das sociedades modernas ao promoverem a interação entre as distintas sociedades (BARREIRO, 2010, p. 190). Nesse sentido, Barreiro além de notar a importante atribuição dos mares, afirma que o Brasil, de base econômica predominantemente costeira e com formação geográfica de extensa porção voltada para o mar, alicerçou as práticas comerciais prioritariamente na região litorânea (BARREIRO, 2010, p. 190).

Mattoso demonstrou historicamente como o processo de colonização se deu com a fixação do colono à beira mar e, assim como Barreiro, como as atividades eram basicamente

exercidas em áreas contíguas ao litoral (1992, p. 72 e 436). A autora refletiu sobre como a Baía de Todos os Santos se constituiu como importante lugar de comércio realizado por pequenas embarcações, funcionando como posto intermediário para o contato da capital com o Recôncavo, provendo o abastecimento da cidade com os produtos vindos do interior. Além disso, Mattoso, demonstrou como o porto de Salvador, após a abertura dos portos do Brasil, ampliou suas atividades enquanto espaço de reabastecimento para os navios e suas tripulações, reabastecimento estes que ocorriam nas fontes da Gamboa ou em Água de Meninos (MATTOSO, 1992, p. 48-49).

A autora chamou atenção para o fato de que a Bahia era, assim como o resto do país, um grande consumidor de produtos manufaturados importados, e que Salvador acabou por não constituir um eixo de desenvolvimento industrial, funcionando apenas como uma cidade depositária de mercadorias (MATTOSO, 1992, p. 80)

Para entendermos a dinâmica espacial da região da Gamboa de Baixo é necessário avaliarmos a gênese dos portos no funcionamento da cidade e lembrarmos do fato de que toda a dinâmica comercial do empreendimento colonial dependia do escoamento de produtos via mar, assim:

> Os portos são, pois, elementos essenciais para a estruturação de espaços econômicos. Da sua eficácia dependem, em grande parte, níveis de desenvolvimento econômico, competitividade e eficiência do transporte e do comércio marítimo. Daí que os portos sejam também vistos, eles próprios, como uma empresa, uma empresa econômica. Da eficácia da organização portuária dependem, em grande medida, os níveis de sucesso das economias articuladas a esses espaços portuários. (POLÓNIA, 2016, p.24).

Na medida em que o empreendimento colonial se tornava o eixo propiciador da expansão e desenvolvimento da cidade, Salvador ampliava sua influência enquanto entreposto primordial ao comércio realizado no Brasil. Sendo conhecida por sua natural vocação para o desenvolvimento de atividades litorâneas, já que possui uma extensa orla, Salvador, chamada muitas vezes de cidade da Bahia, se tornou conhecida durante a expansão ultramarina portuguesa como o mais importante lugar de distribuição e circulação de produtos (RIOS; SILVA, 2011, p.1). O perímetro portuário de Salvador é descrito por Rosado (1983), que explica sua delimitação:

> A área portuária de Salvador, na segunda metade do século XIX, estendia-se por uma linha contínua que ia da Gamboa a Itapagipe. Abrangia o Unhão, o Sítio da Preguiça, a Freguesia da Conceição da Praia, a Praça do Comércio, a Freguesia do Pilar, o Xixi, o Coqueiro, a Jequitaia, Água de Meninos, o

> Cantagalo, Boa Viagem e Mont Serrat[...] Caracterizava-se, sobretudo, pela existência de vários ancoradouros que, juntamente com os trapiches e as alvarengas ou saveiros, formavam verdadeiras docas de atracação [...] (ROSADO, 1983, p. 35)

Segundo Ana, a Gamboa foi uma unidade pesqueira antes mesmo dos moradores existirem enquanto comunidade, sendo que na Gamboa havia uma espécie de atracadouro, *"é o ferrão que tem lá embaixo. Ali era um local de descarga de mercadoria. Lembra que naquela época a mercadoria, essas coisas, farinha, tudo vinha de saveiro via mar"*, contou Ana. Ela se referiu à região como um dos portos que recebiam mercadorias e no qual os pescadores iam, que na Gamboa existiam muitos saveiros e por fim complementou que o atracadouro *"era uma ligação que chegava ali por perto da Gamboa e ia até lá em cima, onde o material era descarregado"*.

De acordo com Graham (2013) em meados do século XIX a tripulação e os responsáveis pelo desembarque dos gêneros alimentícios em terra firme da capital correspondiam a quase um quarto de trabalhadores escravos, sendo que anos antes os relatos davam conta de que estes eram a maioria na atividade (GRAHAM, 2013, p. 126-127). O autor afirma que o trabalho de descarregar grandes quantidades de mercadorias demandava trabalho maciço de estivadores e mesmo da tripulação, o que tornava bastante movimentado o porto de Salvador (GRAHAM, 2013, p. 140).

A partir dessas definições entendemos como a área da Gamboa historicamente esteve vinculada ao comércio marítimo desenvolvido em Salvador. Segundo Rosado, a extensão portuária da cidade não foi uma área de domínio exclusivamente público, tendo portos tanto do Estado quanto de particulares. Tampouco essa área formou uma unidade em seus propósitos, reafirmando a autora o predomínio das atividades associadas à comercialização na região da Gamboa até a Jequitaia (ROSADO, 1983, p. 35). Sendo então este perímetro um lugar de dinamismo mercantil, ele se constituiu como espaço disputado pelos comerciantes dentro da cidade (ROSADO, 1983, p. 36). Esse panorama é explicado por Leal ao analisar a conformação portuária de Salvador, que no século XVIII além dos trapiches já contava com portos como o da Preguiça, das Pedreiras, do Unhão e o das Vacas, demonstrando que a multiplicidade de estruturas que sustentavam essa zona comercial tornou mais complexo este sistema de comércio outrora formado apenas por trapiches e armazéns (LEAL, 2016, p. 83). Ademais, a autora analisa como a circulação de mercadorias na colônia se deu pela via terrestre, mas principalmente pela via marítima, a qual atendia as exigências tanto do mercado interno como do externo na provisão não somente de gêneros alimentícios, mas de produtos outros que eram

comercializados com as distintas regiões do país, da Europa e da África (LEAL, 2016, p. 90-91). A autora quanto a posição tática de Salvador no comércio promovido por Portugal afirma que:

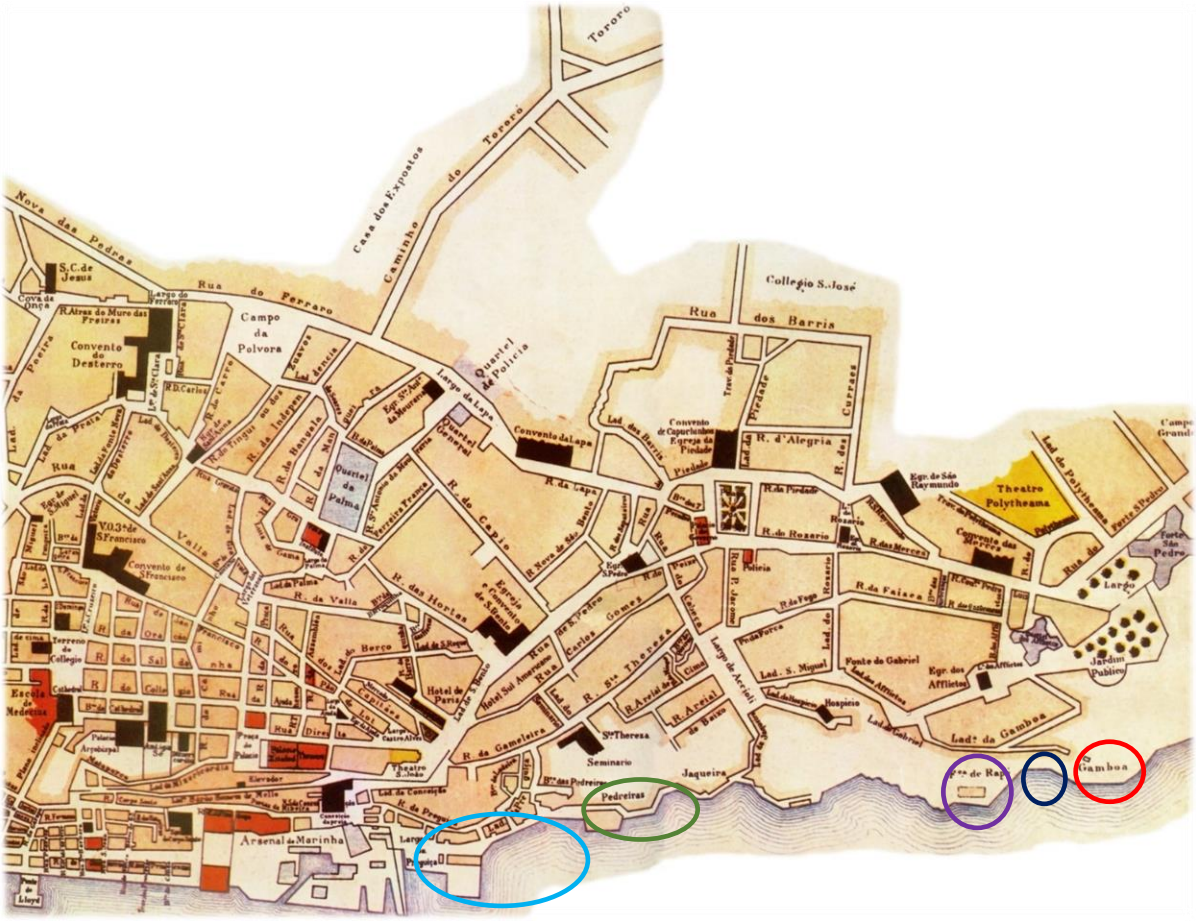
> Na América, Salvador, lugar estratégico tanto do ponto de vista náutico como militar e comercial, destacou-se como o mais importante polo comercial que promoveu a expansão colonial portuguesa na América, o que lhe imprimiu a característica de 'cidade portuária'. (LEAL, 2016, p. 78).

Nesse sentido, as atividades portuárias realizadas em Salvador existiram longamente como motor de desenvolvimento local e regional impulsionados pelo comércio:

> As funções de escala e de entreposto comercial exercidas pelo porto baiano estenderam-se por todo o século XIX, mesmo face às transformações importantes ocorridas no espaço mundial, propiciadas pela abertura dos canais do Panamá e de Suez, assim como o surgimento de navios a vapor que juntos equacionaram as questões de distância e agilidade, não diminuíram a importância do porto de Salvador. (RIOS; SILVA, 2011, p.3).

A planta elaborada por Adolfo Morales de los Rios, figura 9, mostra além de parte fundamental da região do Porto de Salvador, espaço este em que se encontrava a principal dinâmica comercial e portuária da cidade, também a localização da Gamboa e como ela se vinculava ao resto da cidade. Alguns desses portos da época estão circulados: em vermelho o porto da Gamboa, em azul o porto das Vacas também na comunidade, no círculo roxo localizamos o Porto do Unhão, mais adiante em verde o porto das Pedreiras, e na cor azul claro, o porto da Preguiça. Na figura podemos ver que havia uma ladeira denominada Ladeira da Gamboa, que era circundada pelo Largo dos Aflitos e pelo Quartel dos Aflitos, chegando à região da orla em que está a comunidade, e próxima a esta um outro declive chamado Ladeira do Gabriel que ficava vizinho ao hospício. Contígua à Gamboa estava a região conhecida como Jaqueira, e outra de nome Pedreiras, na qual também existiram atividades portuárias.

Figura 9 – Localização dos portos da Gamboa, do Solar do Unhão, da Preguiça e das Pedreiras em 1894



Fonte: elaboração da autora, com base na "Planta da Cidade de São Salvador da Bahia" de Adolfo Morales de los Rios (1894), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo19/morales-los-rios/imagens/centro.jpg

Nesta figura nove vemos também como a urbanização de Salvador se torna acelerada no século XIX e, diferentemente das imagens do início deste capítulo, a Gamboa se encontra cercada não apenas pelo Forte de São Pedro e pelo Passeio Público como usualmente vimos. Um pouco acima da Gamboa, na atual região do Campo Grande, é possível verificarmos que as construções foram remodelando o espaço da cidade, tornando o entorno da localidade por nós estudada um espaço amplamente habitado e dinâmico, em um rápido processo de urbanização.

Podemos ainda ver como nas representações do século XIX a Gamboa foi apresentada internacionalmente. Abaixo, na figura dez, em uma ilustração de 1869, publicada na revista Harper's New Monthly Magazine vemos a Bahia e em seu texto uma referência a lugares para o turista conhecer quando em visita à capital. Ao citar o Passeio Público, o desenho criado remonta a uma Gamboa que, ainda que não possamos delimitar com precisão, se mostrava um lugar repleto de edificações, como observamos em algumas imagens anteriormente destacadas, corroborando a visão de ser este um espaço ocupado desde longo tempo:

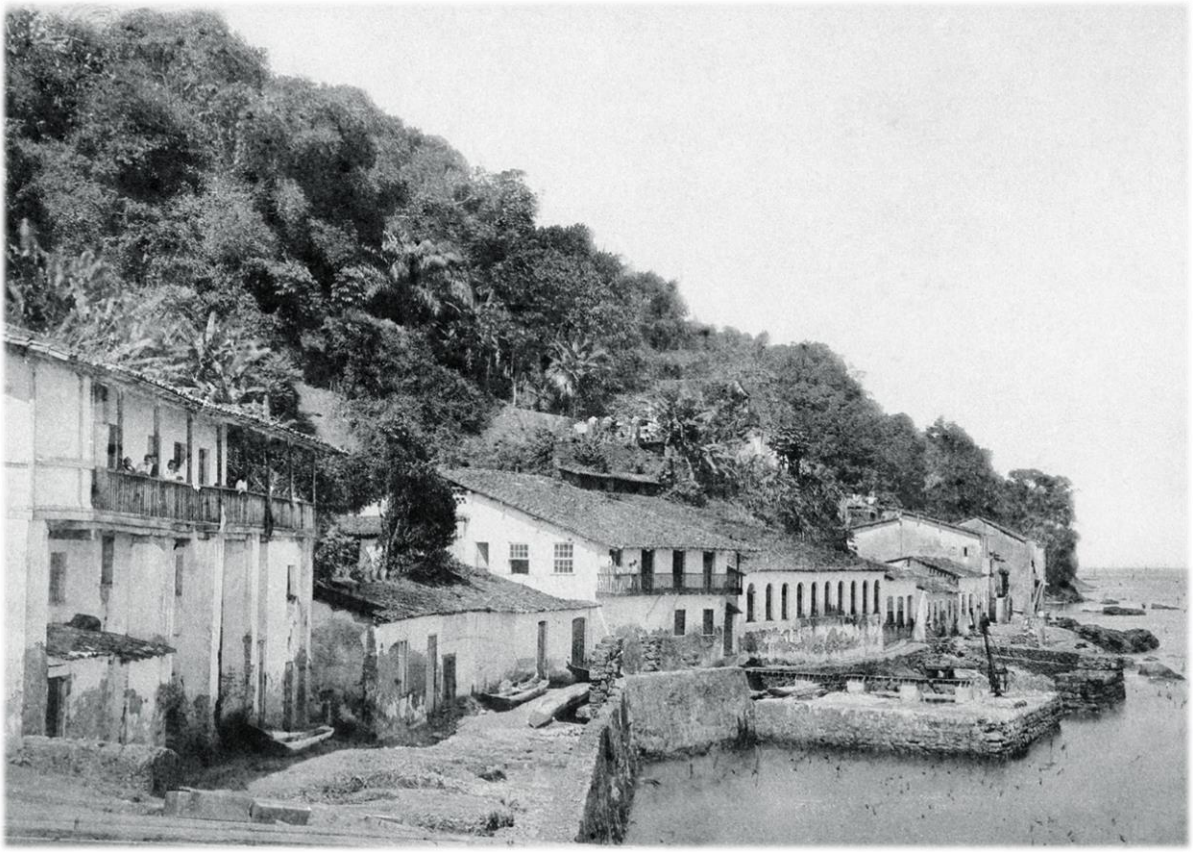
Figura 10 – Imagem artística da região da Gamboa

Fonte: ilustração da Harper's New Monthly Magazine, disponível em http://www.salvador-antiga.com/imagens/gamboa.jpg

Na fotografia abaixo, figura 11, realizada em 1870, por Guilherme Gaensly vemos o Porto da Gamboa, na atual Gamboa de Baixo. Cabe ressaltar que, levando em consideração a dimensão arquitetônica, é necessário avaliarmos se essas construções tão díspares entre si seriam todas destinadas ao comércio e atividades portuárias, pois que elas muito se assemelham a pequenas casas para habitação, sendo construídas de modo mais simples, como a que está cercada por duas edificações mais altas e tem uma pequena embarcação na porta.

Para além da presença do que parecem constituir armazéns ou depósitos próprios das áreas portuárias, o canto esquerdo da fotografia nos revela a presença de pessoas encostadas na balaustrada de uma grande edificação. Contudo, não sabemos se elas seria trabalhadores, moradores ou mesmo ambos. Quando nos atentamos às construções ao redor desta mesma edificação, percebemos diferenças que nos permitem igualmente questionar se não poderiam ser aquelas as casas dos próprios moradores da Gamboa. Esta fotografia número 11 foi elaborada a partir do Forte da Gamboa, perspectiva oposta a apresentada na imagem oito, acima exposta.

Figura 11 – Vista da Gamboa a partir do Forte de São Paulo da Gamboa (c. 1870)



Fonte: foto sem título de Guilherme Gaensly (c. 1870), disponível em http://www.salvador-antiga.com/gamboa/imagens/porto-gamboa.jpg

A respeito da possibilidade de habitação contida nessa figura 11 Portela (2012), que trabalhou com esta mesma fotografia, reflete quanto à presença de moradores na Gamboa e escreve:

> A comunidade ter recebido seu nome de uma armadilha de pesca já mostra a forte relação dos seus moradores com a atividade. As bonitas casas da fotografia podem ter pertencido a pescadores bem sucedidos. Diz-se por lá que as casas haviam sido construídas para os funcionários do forte de São Paulo, ali localizado. (PORTELA, 2012. p. 106)

Vemos nesta figura 11 pequenos barcos dispostos em frente às construções evidenciando, mais uma vez, que a prática de navegação e de pesca data de tempos remotos na comunidade, o que atesta a importância da pesca em sua formação. Portela afirma que a divisão de Salvador a partir das freguesias mostra que o lugar em que existiam pescadores eram as freguesias nas quais o seu perímetro geográfico continha uma porção de mar (PORTELA, 2012, p. 60). Segundo o autor, não é possível determinar se estes pescadores só residiam na região do litoral, pois os dados da época não eram precisos quanto aos seus endereços e as freguesias

tinham uma grande extensão, com uma área que podia ir da orla até o interior da cidade. Este fato implica que o pescador mesmo morando em uma freguesia litorânea não estava na beira do mar necessariamente, mas havia, segundo Portela, uma prevalência de os encontrar no litoral (PORTELA, 2012, p. 60). Quanto à alta probabilidade de pescadores habitarem o litoral, é importante frisarmos o caso da freguesia da Conceição da Praia – "freguesia litorânea em toda a sua extensão" (PORTELA, 2012, p. 61) e uma importante vizinha da Gamboa – que tinha na prática da pesca uma de suas principais atividades.

Neste trabalho o autor levanta dados mostrando que desde o século XIX os pescadores já estabeleciam algum tipo de associativismo para lutarem pela exclusividade dos espaços de pesca, e cita a região da Gamboa:

> Nós abaixo assinados pescadores de redes e linhas dos portos das Pedreiras Gamboa e Barra viemos respeitosamente reclamar a Vossa Senhoria contra os pescadores de redes de Itapagipe que tendo em seus portos imensas coroas onde pescam inverno e verão de propósito vem se apoderarem de uma única coroa denominada baía da Gamboa que temos em nossas portas preterindo assim que a nossa rede possa pescar [...]. (APEBa apud PORTELA, 2012, p. 101).[6]

Estes indícios nos levam então a crer que o povoamento da região da Gamboa está relacionado diretamente à prática pesqueira, e que a sua estreita vinculação ao mar se destaca na história oficial a partir do momento em que a localidade ocupou importante papel dentro das atividades mercantis exercidas desde os tempos coloniais.

***

Vimos ao longo deste capítulo como a região da Gamboa apareceu nos primeiros relatos a respeito de Salvador. Com base na análise histórica e nos depoimentos de moradores tratamos dos primeiros habitantes da localidade, os Tupinambá, avaliando posteriormente a chegada dos portugueses com suas atividades comerciais e como a Gamboa se vinculou a esse comércio exercido na colônia.

A Gamboa, localizada na freguesia da Vitória, era vizinha próxima da importante freguesia de Nossa Senhora da Conceição, lugar em que se concentravam os portos e atividades marítimas mais abundantes. Estando na margem imediata desse relevante perímetro da cidade,

[6] APEBa, Correspondência recebida de diversos pescadores, maço 4634, "Abaixo assinado de pescadores", 30/09/1892.

no qual o ir e vir de produtos e mercadorias eram constantes e determinavam o fluxo dinâmico da área, a Gamboa, apesar de não deter a centralidade da movimentação econômica fazia parte do fluxo.

A Gamboa a esta altura já era uma área muito movimentada e tendo o seu nome sido originado por um tipo de pesca, sua área se constituiu, como vimos em relatos datados do século XIX, em espaço de disputa por pontos de pesca pelo menos desde então. Através do uso das fontes históricas e depoimentos constatamos como a prática de pesca influiu e performou a Gamboa, que pode ter sido uma região na qual os primeiros núcleos de moradia se configuraram a partir da presença dos pescadores. Assim, ao examinarmos a historiografia através dos séculos detectamos como a pesca foi desde o início um importante elemento para conceber a atual Gamboa de Baixo.

No segundo capítulo iremos argumentar como a configuração da Gamboa a partir do final do século XIX e começo do século XX mudou sensivelmente. Foram de grande influência para tal transformação os acontecimentos referentes às modificações ocorridas na infraestrutura urbana de Salvador e que repercutiram em seu aumento populacional. Ademais, iremos analisar a situação da atual Gamboa de Baixo em relação ao seu entorno. Descreveremos sua nova configuração cerceada, um pouco do que se estabeleceu como sua vizinhança e a relação desses vizinhos com a Gamboa de Baixo no que se refere a luta pela sobrevivência e permanência da comunidade em seu lugar de origem.

3 A GAMBOA NO SÉCULO XX: DE PORTO A LOCAL CERCEADO DE MORADIA

Neste capítulo descrevemos a nova configuração da Gamboa no século XX. Durante este período, a Gamboa altera radicalmente sua paisagem e função econômica, conformando-se na atualidade como um espaço contrastante em relação ao seu entorno superior, a exemplo do Campo Grande e Vitória, lugares caracterizados pelo uso residencial de setores privilegiados da cidade. Iniciamos tratando de acontecimentos datados do final do século XIX e começo do século XX que promoveram o início das mudanças da Gamboa sendo eles a centralização dos portos de Salvador e a enorme demanda por habitação popular no centro da cidade; ambos os fenômenos transformaram o antigo e pequeno porto da Gamboa em espaço de moradia popular. Em seguida, adentramos nas reformas urbanas que tornaram a Gamboa um espaço isolado de seus vizinhos: a construção da Avenida Contorno e da Bahia Marina. Estes vizinhos são posteriormente apresentados em mais detalhes, tanto os de cima, de elevado poder aquisitivo, quanto os vizinhos da parte baixa da encosta, de menor poder aquisitivo e com os quais a Gamboa de Baixo partilha uma situação histórica, econômica e social.

3.1 A GAMBOA: DE PORTO A ESPAÇO DE MORADIA

A partir do excerto de uma imagem de postal antiga datada do começo do século XX, figura 12, vemos a ocupação do espaço na extensão da Gamboa e Solar do Unhão e podemos observar como prédios e construções na região se situavam até então. Na imagem, parte da Gamboa, o Forte de São Paulo da Gamboa, se encontra na ponta direita, circulado de vermelho e localizado em frente ao mar. Acima, circulado em verde está o Passeio Público de Salvador. No primeiro plano da imagem o lugar em que hoje encontramos a comunidade do Solar do Unhão:

Figura 12 – Trecho da região da Gamboa em 1904

Fonte: elaboração da autora, com base em postal sem autoria (1904), disponível em http://www.salvador-antiga.com/imagens/fotografia-gamboa.jpg

Esta figura 12 apresenta ainda poucas construções, mas também a presença de grandes imóveis na região em que se encontram tanto a atual comunidade do Unhão como a Gamboa de Baixo. A fotografia nos revela a existência de prédios com diferentes tamanhos e em frente a um deles uma estrutura projetada sobre as águas que se assemelha a um cais. Vemos um pouco abaixo do círculo vermelho o que parece ser uma pequena embarcação no mar. Contudo, se examinarmos o quão distintas são estas construções arquitetônicas à beira-mar podemos presumir, através de suas formas, que estas não se configuravam apenas como armazéns para condicionamento de produtos, podendo se tratar de estruturas que, para além de abrigar trabalhadores regulares dos portos podiam também ser os primeiros espaços de moradia na localidade.

Vimos ao longo do primeiro capítulo que a Gamboa era uma região de Salvador pertencente a freguesia da Vitória e que, em conjunto com outros pequenos portos particulares presentes principalmente na freguesia de Conceição da Praia, formavam a região portuária da cidade e eram responsáveis pela grande circulação de mercadorias na província da Bahia, abastecendo tanto ela mesma e o seu entorno como lugares longínquos.

Os mercados da Cidade Baixa se constituíram até o final do século XIX, como os centros comerciais de Salvador (MATTOSO, 1992, p. 437). O comércio via mar realizado na Baía de Todos os Santos tornava Salvador um lugar muito dinâmico, rota de encontros na qual circulavam embarcações de todo tipo, gerando uma movimentação de mercadorias vindas da

Europa, África, Ásia, do Recôncavo da Bahia, do sul do Brasil e do continente, fazendo assim um elo entre mundos urbanos e mundos rurais, o que trazia à cidade de Salvador grande contingente da chamada população flutuante, formada por marinheiros e tripulantes que atracavam na capital (PINHO, 2016, p. 128). A Bahia tinha se estabelecido como praça relevante do comércio regional e internacional, se comportando como centro de distribuição das importações para o interior da Província e tendo a venda como principal atividade de Salvador (PINHO, 2016, p. 489).

Durante a passagem do século XIX esta zona de Salvador então voltada às atividades mercantis, com seus pequenos e diversos portos e também com o principal da cidade, se constituiu como centro de influência tanto na economia local como por muito tempo gozou de ascendência em escalas mais amplas do globo. Essa região que se configurou como um eixo de desenvolvimento da própria cidade, com o declínio da economia baiana acabou tendo reduzido o espaço de seu prestígio econômico. Em meados do século XIX a economia da Bahia começou a sofrer com a perda de importância como exportadora da praça da Província (MATTOSO, 1992, 522) e a crise na economia nacional passou a se refletir em Salvador. Tais acontecimentos trouxeram consequências para o desabastecimento urbano de uma cidade cuja população não parava de crescer e demandar um sistema mais qualificado de abastecimento (PINHO, 2016, p. 128 e 131).

O território que continha o maior porto do Brasil e pertencia à freguesia da Conceição da Praia era também conhecido como Cidade Baixa. Este lugar, segundo Leal, durante o século XIX passou por reformas, incluindo aterramentos de trechos do mar, que tiveram como objetivo ampliar o cais para atração, a área dos armazéns e criar um espaço para conter o aparato administrativo (LEAL, 2017, p. 23). Contudo, esta área pouco tempo depois se mostrou insuficiente, o que gerou novas demandas de infraestrutura a partir de novos aterros, em um processo que perdurou até o começo do século XX (LEAL, 2017, p. 23). Assim, o caminho de modernização exigido pelo capital e pelos novos tempos submeteu a antiga lógica de comércio da freguesia da Conceição da Praia e entorno – com seus pequenos portos desagregados –, a um sistema unificado de comércio que foi sendo remodelado com crescentes modificações na região da Cidade Baixa O impacto dessas alterações transcorridas em Salvador até o início do século XX trouxe consequências para a Gamboa, que perdeu o lugar ocupado no interior da tradicional região portuária, posto que ocupou desde os tempos coloniais da cidade. As transformações na Cidade Baixa são abaixo explicitadas:

> O primeiro impulso urbanístico significativo foi o de 1906, ligado ao início das obras do porto, que geraram a construção de 300 metros de cais, três armazéns e ruas pavimentadas nas adjacências. O segundo foi o de 1910, quando se preparou a cidade para festejar o primeiro centenário da Associação Comercial: calçamento de ruas, construção da Avenida Jequitaia e saneamento do bairro comercial para livrar a cidade dos assaltos de febre amarela e peste bubônica, o que implicou a demolição de prédios dos distritos da Conceição e do Pilar. (SANTOS, M. A. S. 1990, p. 22)

Cabe ressaltar que mesmo privado da importância de que gozara outrora enquanto praça comercial, devido as crises econômicas por que passou a capital da Bahia no século XIX, o porto de Salvador já tinha começado a sofrer transformações durante o início desse mesmo período devido aos desabamentos e desmoronamentos de casarões provocados por fortes chuvas na cidade na principal região de seus trapiches e que causaram muitas mortes (LEAL, 2016, p. 97; MATTOSO, 1992, p. 449, 450 e 522). Segundo Bernardo (2010), é possível falar de um marco de transformações em Salvador a partir da década de 1850, quando:

> Foi decretado o calçamento da cidade, demarcado o perímetro urbano, criada a Guarda Urbana de Salvador. Foi assinada a Lei das Terras que dificultava o acesso à terra no Brasil, na medida em que obrigava a compra das terras devolutas. Teve início a construção da primeira linha de navegação a vapor entre a Inglaterra e o Brasil, início da construção da estrada de ferro da Bahia ao São Francisco; criação de estabelecimentos de crédito (Companhia de Seguros Contra Fogo Interesse Público, Caixa de Reserva Mercantil, Caixa de Economias, Caixa Hipotecária, Banco da Bahia). A Bahia perdeu o primeiro lugar na produção nacional de açúcar e aconteceram as epidemias de cólera e febre amarela (BERNARDO, 2010, p. 25).

A então tradicional região portuária da cidade, incluindo a área da Gamboa, passou a ser vista como um espaço pequeno e precário, fatores estes que representavam riscos à saúde (PINHO, 2016, p. 133). As modificações no sistema de navegação marítima, juntamente com a implementação da navegação a vapor (LEAL, 2016, p. 102; PINHO, 2016, p. 138), assinalaram um período de avanço das capacidades do sistema de comércio portuário, condições estas ausentes nos pequenos portos soteropolitanos.

Frisamos que tamanho e a precariedade dos portos de Salvador estimularam na Cidade Baixa os aterramentos de trechos do mar, que tinham como objetivo aumentar o espaço em que se exerciam as atividades comerciais e portuárias (LEAL, 2016). Todas as alterações por nós mencionadas que expandiram substancialmente a área portuária, fez com que a região da Cidade Baixa e seu polo comercial passassem por múltiplas transformações, especialmente no que se refere a seus portos e diversos trapiches, principais lugares de armazenamento e transporte de mercadorias. Esse impacto por nós descrito foi sentido pelos vários cais existentes desde os

tempos coloniais, pois estes perderam espaço de atuação para um porto que concentrou todas as atividades em um terreno único, sob o manto da cartilha de novas formas de gestão de portos que surgiu a partir de 1910 e que desmanchava, paulatinamente, os antigos e tradicionais arranjos controlados por iniciativas privadas, o que resultou no ano de 1930 em um porto modernizado (LEAL, 2016, p. 115). Esta renovação do Porto de Salvador se constituía como antiga demanda oriunda das necessidades de um comércio que precisava de espaço maior e mais qualificado, atributos que foram possíveis de alcançar com a entrada do capital financeiro nas operações de modernização da área portuária e de seu entorno, assim como nas melhorias de infraestrutura (CUNHA, 2016, p. 200-201).

O que todas essas transformações representaram para a região da Gamboa, esta tradicional pequena localidade inserida na rota comercial da cidade, cujo ramo portuário existente era, até o final do século XIX, descentralizado? Quais foram as implicações para o pequeno porto no qual circulavam os produtos a serem comercializados? A esse respeito, é preciso que imaginemos as consequências dos esforços da época ao centralizar os serviços portuários de Salvador em uma única zona controlada por empresas mais robustas, em detrimento dos pequenos comerciantes que realizavam suas trocas comerciais em portos pouco modernos em termos de infraestrutura, caso dos dois pequenos portos inseridos na Gamboa.

A ação de centralizar o Porto de Salvador na região do atual bairro Comércio é por nós compreendida como o primeiro impacto na reconfiguração da Gamboa, por trazer como consequência a perda do protagonismo da área portuária em que ela se inseria. Assim, avaliamos que mesmo estando a região da Gamboa afastada do núcleo primeiro da cidade e de sua expansão posterior, a localidade se encontrava inteiramente integrada aos circuitos e fluxos da cidade. A respeito da integração da área portuária ao restante de Salvador, Graham (2013) escreve que:

> O porto de Salvador era o eixo do comércio de alimentos, com alguns raios da roda irradiando para a cidade, e outros ligando-a a pontos de abastecimento no interior. Marinheiros, mestres e proprietários de barco faziam a conexão entre os agricultores e os merceeiros e vendedores ambulantes da cidade, tornando os moradores de Salvador dependentes deles em quase tudo [...] A baía em frente a Salvador constituía a principal via de abastecimento da cidade, que dependia do transporte aquático para quase todos os alimentos, salvo a carne, que se transportava a si mesma. Em nenhuma outra grande cidade brasileira, com a possível exceção de Belém, a população dependia tanto de negociantes que usavam a água para transportar suas mercadorias (GRAHAM, 2013, p. 120 e 121).

O autor revela assim como o transporte marítimo apinhava a região com embarcações que iriam trazer produtos como vegetais, frutas, hortaliças e farinha de mandioca para a comercialização entre os habitantes de Salvador (GRAHAM, 2013, p. 121). Podemos compreender, portanto, que ao falar da região portuária de Salvador, encontramos incluída a Gamboa na dinâmica rota feita por pessoas e mercadorias.

Quanto ao público de trabalhadores podemos também pensar em quem seriam estas pessoas que circulavam pela região da Gamboa e que realizavam o comércio em Salvador. Soares mostra o papel das mulheres nos trabalhos na rua, com a venda de peixes e de outros tipos de alimentos e como elas exerciam um controle no ir e vir de itens alimentícios pela cidade até possivelmente o século XIX (SOARES, 1996, p. 61). Ferreira Filho (1999) nos conta também como o comércio de alimentos e de comidas na rua era largamente praticado por mulheres negras, com sua presença notada por autores desde o século XVIII (p. 244). Soares nos traz ainda dados da freguesia de Santana que atestam os tipos de trabalhos realizados pelas negras libertas nessa região, sendo que expressivo número eram quitandeiras ou se dedicavam a mercar (SOARES, 1996, p. 59). A freguesia de Santana data de 1763 e é composta por núcleos, sendo eles: Palma, Santana e Desterro, e pela Saúde (VASCONCELOS, 2016, p. 144). O destaque que damos a essa freguesia é explicado pela sua contiguidade à região antiga e central de Salvador na qual se encontra o foco de nosso estudo, a Gamboa. Soares apresenta relatos em que revela como eram mulheres negras, conhecidas como ganhadeiras[7], que detinham a exclusividade na venda de peixes, alimentos estes que recebiam dos próprios pescadores (SOARES, 1996, p.61-62).

A partir desses elementos e ressaltando que a localização da freguesia de Santana é próxima às primeiras regiões habitadas da cidade, podemos imaginar como a chegada dos trabalhadores do mar, que traziam produtos através das águas e ancoravam nos pequenos portos que pontilhavam a orla de Salvador, implicou em efeitos para todas essas áreas centrais nas quais se encontravam os demais trabalhadores que faziam circular estes itens trazidos através do comércio marítimo. Assim, compreendemos como a dinâmica urbana de Salvador era pautada pela entrada e saída de artigos variados através da Cidade Baixa e sua região portuária, especialmente pelas vias das ladeiras "onde desciam negociantes e trabalhadores, vendedores ambulantes e carregadores" (MATTOSO, 1992, p. 439). É nesse sentido que depreendemos como a circulação de pessoas devia ser frequente nos portos da região, o que consequentemente

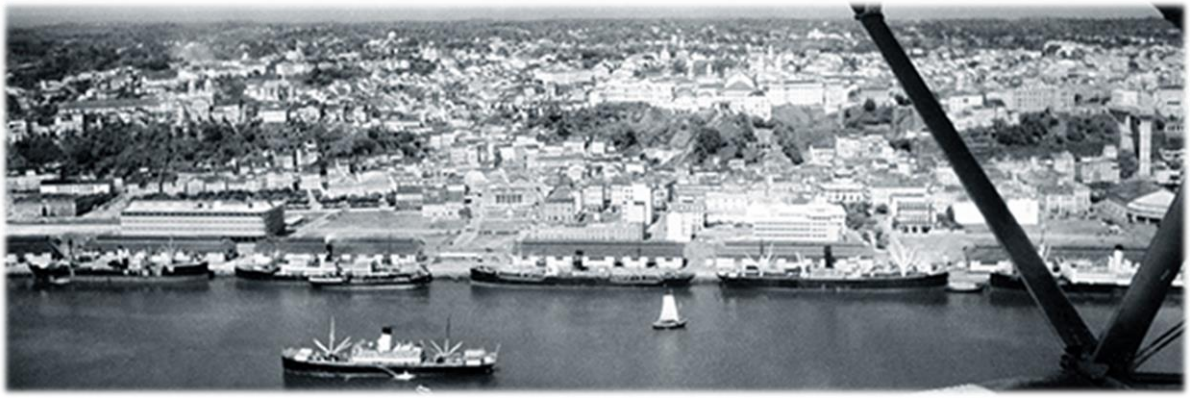
[7] Segundo Soares, as ganhadeiras eram as mulheres escravas que trabalhavam para os donos lhes dando uma quantia que era estabelecida anteriormente e vinha do trabalho exercido por elas nas ruas através do comércio (SOARES, 1996, p. 57).

ecoava na localidade da Gamboa, que recebia produtos os quais eram comercializados através do trabalho de mulheres e homens negros pelas ruas do centro.

A imagem número dois apresentada no primeiro capítulo pode ser novamente evocada para retomarmos a articulação da Gamboa através das inúmeras ladeiras que ligavam os espaços de Salvador. O desenho mostra como as freguesias eram entrecortadas por caminhos íngremes. Eram através destas vias que se deslocavam cotidianamente trabalhadores que transitavam com mercadorias vindas dos portos para serem comercializadas na parte alta da cidade.

Vimos até então como a cidade alta e a cidade baixa se conectavam por caminhos de ladeiras que ficavam permeados de trabalhadores e trabalhadoras, os quais através do comércio praticado nas ruas sobreviviam na cidade de Salvador. É a partir da crescente onda de modificações nestas regiões correlacionadas que a integração da Gamboa com o restante de Salvador sofreu seu primeiro revés. O planejamento público que visou modernizar a capital trouxe, ainda no início do século XX, elementos que contribuíram também para a fragmentação do espaço no qual se insere a Gamboa. A figura de número 13 mostra grandes transformações no bairro do Comércio na primeira metade do século XX, com a vista de um trecho aterrado que foi inaugurado em 1913:

Figura 13 – O porto de Salvador em 1939



Fonte: Associated Press Images (1939), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo20/imagens/salvador-porto-aerea.jpg

Se o cenário urbano soteropolitano se compunha em suas ruas em especial por uma população que, circulando e mercando, construiu a forte ligação dinâmica e cotidiana entre os portos e a cidade, a questão habitacional dispunha estes trabalhadores em perspectiva pouco valorizada, pois que se os mesmos frequentavam o centro da cidade de modo constante, sua moradia nessa mesma região era frequentemente precária. Ao tratar dos trabalhadores negros escravos e libertos na Salvador do século XIX, Costa (1991) revela que:

> As freguesias centrais, como a Sé, que desde a fundação da cidade foram lugar de residência da camada abastada da população, passaram a abrigar grupos medianos e pobres. A elite começava a se deslocar para novas áreas, já nas primeiras décadas do século XIX, em função do crescimento populacional e a conseqüente saturação do centro, como também da crescente preocupação com a higiene e salubridade, pois a parte antiga da cidade era vista como suja e propícia à proliferação de doenças. Desta forma, os antigos sobrados coloniais, que constituíam grande parte do parque imobiliário da cidade e eram antes habitados por uma única família, foram subdivididos para abrigar vários domicílios, transformando-se em habitações plurifamiliares. Cada unidade habitacional era considerada um "fogo", ficando então um mesmo casarão subdividido em vários "fogos". (COSTA, 1991, p. 29).

Assim, para esta população escrava eram destinados espaços periféricos de Salvador, que pouco a pouco foram sendo absorvidos pela cidade ou, principalmente, áreas que já existiam e que iam sendo reutilizadas por novas camadas da população (COSTA, 1991, p. 29). Nesse sentido, Costa afirma que o tipo de trabalho desenvolvido pelos negros, especialmente os escravos, no século XIX nos espaços centrais de Salvador gerou uma demanda habitacional nas freguesias desta mesma região da capital, sendo possível verificar a maciça ocupação destes locais pela população negra e, segundo a autora, demonstrando também como estavam conectadas a região de trabalho e a de moradia (COSTA, 1991, p. 32).

Em nosso entendimento a conexão entre moradia e trabalho forma um importante elo para explicar a situação do centro de Salvador, especialmente do século XIX até os dias atuais. Como tratamos em particular da moradia na Gamboa de Baixo, precisaremos então compreender como historicamente a configuração espacial destes trabalhadores influiu na dinâmica de ocupação da área central da capital. Segundo Costa era possível encontrar trabalhadores negros nos "*cantos*"[8] localizados, dentre outros lugares, no Campo Grande, no Largo do Dois de Julho, na Rua do Comércio, na Ladeira da Preguiça, no Largo da Vitória, sendo a freguesia da Conceição, local que abrigava o porto, o lugar de maior movimentação de transporte de pessoas e de mercadorias (COSTA, 1991, p. 24-25). A partir desses dados trazidos pela autora percebemos como importante parte do comércio urbano desta época ocorria em áreas adjacentes à Gamboa de Baixo e assim concluímos que, no que se refere ao uso histórico do seu espaço, esta localidade deveria também ser um ponto de influxo de mercadores, em particular dos trabalhadores negros.

---

[8] Segundo a mesma autora denominam-se "cantos" os "ajuntamentos de ganhadores, tanto escravos quanto libertos, geralmente pertencentes à mesma nação, onde os fregueses podiam requerer os seus serviços. Esses cantos se espalhavam por locais específicos da cidade, ocupando geralmente um ângulo ou um cruzamento de ruas e recebendo o nome da localidade onde se instalavam, como por exemplo: canto da Calçada, canto do Portão de São Bento, canto da Mangueira, etc" (COSTA, 1991, p. 22).

Para melhor apreciação do quadro habitacional de Salvador entre final do século XIX até o século XX, precisamos retomar alguns elementos essenciais à trajetória do tema da moradia no chamado Centro Antigo da capital.

Segundo Carvalho et. al (2001) a dinâmica econômica e populacional de Salvador passou um período inerte em consequência da combinação de múltiplos fatores: a mudança da capital do Brasil para o Rio de Janeiro, a questão da crise da economia agroexportadora que pautava a economia baiana e a centralização das indústrias nos estados do centro e do sul, com sua situação só se modificando em meados do século XXI (CARVALHO ET AL, 2001, p. 95). Gordilho-Souza (2008) aponta que a população de Salvador no começo do século XIX era de cerca de 45 mil pessoas, chegando a aproximadamente 174 mil pessoas em 1890, mas reconhece, contudo, que na virada do século XIX para o XX ainda que a cidade contasse com uma população de mais de 200 mil pessoas, seu crescimento tinha de fato desacelerado (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 86-87).

O déficit de habitação ao tratar do Brasil esteve relacionado aos processos oriundos de uma maciça urbanização e industrialização que no país se desenvolveu (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 36). Ainda segundo Gordilho-Souza, quanto a questão da habitação do ponto de vista histórico no Brasil:

> No Brasil Pós-Monarquia, a crise da habitação esteve vinculada basicamente ao surto manufatureiro-industrial, surgindo ainda no final do século XIX, despontando com mais vigor na região sudeste. Nesse momento, de declínio da produção agroexportadora de açúcar, café e algodão, intensifica-se a demanda de moradia nas áreas urbanas, em decorrência da abolição da escravatura e dos fluxos migratórios de trabalhadores, expulsos do campo ou pela decadência da economia rural ou pela modernização tecnológica da produção agrícola. Esse fenômeno manifesta-se de forma aguda nas primeiras décadas deste século, quando, nesses centros urbanos, havia uma situação praticamente em equilíbrio, embora deficiente, com os espaços de moradia constituídos, basicamente, de áreas nobres e proletárias, essas últimas localizadas nos limites intra-urbanos. (GORDILHOS-SOUZA, 2008, p. 36-37).

Santos também nos informa da relevância da abolição da escravatura como importante elemento explicativo que impactou no trabalho exercido a partir da mão de obra escrava (SANTOS, 1959, p. 43). Montoya Uriarte, ao tratar do quantitativo de pessoas livres e libertas que exponencialmente crescia em Salvador desde o século XVIII, chama atenção para o fato de que, nas décadas finais do período escravocrata muitos dos escravos não habitavam mais as casas de seus donos, sendo estes dois fatores cruciais para entendermos a crescente necessidade de espaços para habitação na segunda metade do século XIX (MONTOYA URIARTE, 2019,

p. 76). A autora explica como a busca por habitação por essa parcela da população desenvolveu nas zonas rurais da cidade um eixo de moradia que, todavia, não era viável para os libertos e escravos de ganho, os quais necessitavam de proximidade com o centro da cidade para trabalhar, já que era este o local em que se encontravam o comércio e os serviços, e assim muitos destes passavam a habitar em espaços divididos de prédios em que lhes restava o térreo ou subsolo para viver (MONTOYA URIARTE, 2019, p. 76).

Santos (1959) ao tratar do crescimento populacional de Salvador destaca cinco fases de sua transformação histórica: um primeiro momento marcado pela simples atuação administrativa, religiosa e militar da metrópole, que dura até o fim do século 16; depois segue-se um moroso avanço até o século 18; no terceiro ciclo o autor aponta um crescimento acelerado devido ao desenvolvimento da agricultura tanto nas porções de terra há tempos ocupadas como em outras porções, também um arranjo mais apropriado do espaço, bem como um enorme quantitativo de pessoas em êxodo rural devido à seca no século 19; o quarto período foi caracterizado por um crescimento mais lento se comparado com a proporção da escala do Brasil, mas refletiu o colapso dos primeiros produtos cultivados e comercializados e o aumento populacional na cidade devido a indústria referente ao cacau, indo até cerca de 1940; e, por fim, o período que começa por volta de 1950 e no qual o aumento da população outra vez se acelera, devido ao impulso da economia de base agrícola em diversas partes do Nordeste, o que impactou no contingente de pessoas no meio urbano, em um mecanismo de êxodo rural que trouxe consigo grande quantidade de subdesempregados e desempregados (SANTOS, 1959, p. 58-60). No que se refere a sua população e a dinâmica do começo do século XX, Gordilho-Souza (2008) reflete a respeito de algumas importantes características da capital da Bahia, sendo Salvador uma cidade que:

> Absorvida na dinâmica do capitalismo industrial brasileiro, no final da década de 1940, tornou-se um pólo industrial de referência nacional, tendo sido objeto de um intenso processo de urbanização e de transformações sociais e espaciais, o que lhe confere uma superposição de padrões diferenciados de ocupação e de produção do espaço construído. Algumas dessas formas, em sua origem, foram produzidas por processos não-capitalistas; outras resultam de posso imobiliária dividida – os arrendamentos –, justapondo-se àquelas produzidas pelo capital imobiliário. Registra-se, também, a ocorrência de um amplo processo de ocupação informal, tendo nas “invasões” – nome que ficou conhecido os processos de ocupação coletiva ocorrido a partir do final da década de 1940 – a principal forma de habitação para a população pobre imigrante do campo. (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 19-20).

Quanto a utilização do espaço do centro da capital, Santos (1959) descreve como o papel desempenhado pela paisagem e seus elementos humanos e socioeconômicos se transformaram ao longo do tempo, conforme usos e desusos das funções urbanas e como as funções de outrora, ainda exercidas ou não, delinearam, contudo, um cenário permeado por antigas habitações e construções, que foram se deteriorando e que, ao deixarem de ser abrigo das altas camadas sociais, foram posteriormente acomodando a população pauperizada (1959, p. 97). O autor corrobora a visão trazida anteriormente por Gordilho-Souza (2008), e evidencia que é a partir do período de 1940 que a extensa expansão urbana da capital vai atuar também na configuração do centro de Salvador (SANTOS, 1959, p. 108). Nesse sentido, Santos aponta ainda diversos fatores que contribuíram para o realojamento da população conforme usos urbanos a que eram destinados os espaços do centro (SANTOS, 1959, p. 141). Desse modo, trazemos este horizonte explicativo como forma de compreendermos os impactos que a configuração do espaço acarretou para a região da Gamboa, nosso foco.

Nessa mesma linha, Gordilho-Souza reforça também como a industrialização pela qual o Brasil passou trouxe implicações particulares para Salvador, que é uma das cidades mais antigas da América Latina e na qual as condições herdadas não podem ser suprimidas da análise (2008, p. 38). Desta forma, a autora igualmente confirma como os antigos sobrados do Centro Histórico outrora ocupados pela elite se constituíram como lugar de uma prática que se estabeleceu no final do século XIX, que era subdividir seus ambientes para destiná-los a aluguel, o que gerou espaços conhecidos como cortiços e espaços outros de moradia "que surgem como forma de habitação popular na virada do século, sendo produzidas até a década de 1940, quando grandes levas de população passam a chegar da zona rural em busca de trabalho" (GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 38).

Assim, com a referida expansão demográfica no começo do século XX verificamos então uma espécie de reacomodação perante a cidade do uso da localidade em que atualmente encontramos a comunidade Gamboa de Baixo. Nesse sentido, a região da Gamboa, centro de Salvador, se reconfigurou com a nova dinâmica populacional que se conformou na capital a partir desse período, com a expansão das frentes de habitação sendo também impulsionadas no centro da cidade frente a necessidade crescente de espaços para moradia popular.

Podemos afirmar que, quanto à moradia da população mais pobre nas imediações da Gamboa, a partir especialmente do século XIX e XX, a conjuntura socioeconômica em que esteve imersa Salvador neste período favoreceu um processo de concentração dos usos dos seus espaços no centro e absorveu a demanda por moradia nesta região. Esta demanda era realizada ora com a habitação dos trabalhadores sendo as casas outrora sede da moradia da elite que havia

migrado para novos bairros, ora com estes trabalhadores sobrevivendo em espaços precários que eram divididos para abrigar muitos deles. Até então pontuamos que historicamente o perímetro da Gamboa desde os tempos coloniais foi importante no cenário da economia e do comércio realizado na Bahia. Com a perda de protagonismo da atuação portuária dos portos particulares, com as atividades ficando centralizada em um porto único com mais infraestrutura, e com as mudanças socioeconômicas por que passou a Bahia, especialmente no século XIX, a região em que a Gamboa estava, localizada no perímetro urbano central da capital, não escapou, assim, da influência da nova dinâmica populacional soteropolitana, que tinha uma população mais pobre demandando meios para sobreviver e morar no centro de Salvador. Embora não tenhamos encontrado materiais escritos que comprovem as nossas indicações deduzimos, a partir das análises empreendidas, que a moradia na Gamboa, ainda que já apresentasse vestígios de habitação desde o século XIX, encontrou no período das primeiras décadas do século XX um importante marco de sua expansão através das moradias populares, no momento posterior em que sua função portuária foi abalada e a demanda por habitação em Salvador e no seu centro cresceu de modo veloz.

3.2 AS REFORMAS URBANAS QUE TORNAM A GAMBOA UM ESPAÇO "ISOLADO"

a) Surgimento da Avenida Contorno e sua influência na Gamboa de Baixo;

Com o avanço da modernização na Cidade Baixa e a modificação da região do Comércio a partir da construção de um novo cais e de novos armazéns e com a implementação em 1940 de novas avenidas como a Avenida Estados Unidos e Avenida da França, cada vez mais os antigos meios de transporte que privilegiavam a via marítima foram perdendo espaço para a ampliação dos sistemas de transporte terrestre e, consequentemente, o asfalto e carros foram ganhando espaço (LEAL, 2016, p. 115).

A modernização dos meios de transporte da capital, através do advento do automóvel nas ruas de Salvador e a chegada do bonde elétrico, conforme aponta Santos (1959), influiu no crescimento urbano e assim várias ruas tiveram de ser ampliadas visando atender as novas demandas urbanas:

> Para corresponder as novas necessidades da circulação, várias ruas tiveram de ser alargadas. Pôde-se, então, construir novos edifícios, nas áreas em que se situavam os que então foram demolidos. Aparecem, timidamente, os primeiros arranha-céus, sobre os aterros do pôrto, na Cidade Baixa, construídos por bancos e grandes empresas comerciais e, na Cidade Alta, ao

> longo das mais importantes vias de circulação, com o objetivo de abrigar serviços públicos, hotéis, jornais, etc... (SANTOS, 1959, p. 45).

Assim, durante a primeira metade do século XX, no bojo das transformações urbanas por que crescentemente passou a capital da Bahia desde o final do século XIX, surge o Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (EPUCS), o qual cumpriu importante função no que tange ao planejamento urbano da cidade, realizando estudos a respeito da realidade urbana de Salvador e acumulando conhecimento por parte do seu corpo técnico dos problemas e das possibilidades existentes em seu território (ANDRADE JUNIOR, 2013, p. 26). É no espírito do tempo desse órgão – que visava resolver problemas de circulação e integração viária da cidade – que é realizada a construção da Avenida Lafayete Coutinho, mais conhecida como Avenida Contorno (ANDRADE JUNIOR, 2013, p. 38-39). A obra assinada por Diógenes Rebouças e que foi inaugurada em 1962 tinha como objetivo, segundo Leme (2005), ser uma via de conexão entre a Cidade Baixa e seu bairro do Comércio, com a Cidade Alta, no Vale do Canela, atravessando para isso o Campo Grande. Abaixo vemos a descrição de como ela tinha um desenho arquitetônico moderno e em:

> [...] forma de trincheira descoberta e túnel. Sua concepção, inicialmente prevista para alcançar a zona do Porto da Barra, é de encaixe na meia encosta que completa a falha geológica que divide as duas cidades, a alta e a baixa. Sua estrutura em arcos que sustentam a plataforma viária, emoldura o frontispício da cidade visto da Baía de Todos os Santos, que marca duplamente a imagem da cidade, na sua dimensão moderna. É um testemunho do ideário proposto para o sistema viário básico de Salvador. (LEME, 2005, p. 353).

Segundo Zollinger (2007), a Avenida Contorno suscitou polêmicas quando da sua construção, pois o traçado da obra original do governo da Bahia passaria pelo atual MAM-BA, localizado no Unhão, o que dividiria o espaço do seu conjunto arquitetônico histórico dos tempos coloniais e à vista disso, a solução do impasse foi proposta pelo arquiteto Diógenes Rebouças, que reposicionou o desenho da Contorno para que a obra não viesse a prejudicar o Unhão (ZOLLINGER, p. 13-14). Entretanto, esta nova avenida foi redesenhada passando pela Gamboa, dividindo-a em Gamboa de Baixo e Gamboa de Cima:

> A partir da década de 1960, quando é construída a Avenida Lafayete Coutinho (Contorno), a Gamboa, área que fazia conexão entre o Forte de São Paulo (Gamboa) e a casa militar localizada no Largo dos Aflitos, tem grande parte do seu entorno fragmentado, constituindo o que veio a ser chamado Gamboa de Cima e Gamboa de Baixo (FMLF apud ARAÚJO S., 2006, p. 215).

Podemos ver esta alteração espacial no território e a consequente reconfiguração da Gamboa dentro da cidade na imagem abaixo, figura 14. Na fotografia vemos claramente o traçado da avenida sem comprometimentos danosos ao Solar do Unhão, mas dividindo, contudo, a Gamboa. Em amarelo a região da Gamboa de Cima e em vermelho a Gamboa de Baixo:

Figura 14 – Imagem aérea da Avenida Contorno

Fonte: CEAS, Fundo "Movimento social urbano", bairro "Gamboa de Baixo", pasta "CEAS campo"

Ao tratar da reconfiguração da área da Gamboa na cidade de Salvador, compreendemos que a chegada da Avenida Contorno conformou uma invisibilidade para aqueles que ficaram na Gamboa de Baixo, já que a infraestrutura da pista impactou na vida da comunidade. Abaixo, na figura 15, datada do final dos anos 60 do século XX, vemos outra fotografia aérea retratando a região do bairro do Comércio e podemos identificar, no canto inferior direito, a pista da Avenida Contorno que já havia sido construída, ligando à Cidade Baixa à Cidade Alta. A localização da Gamboa de Baixo está aproximadamente no círculo vermelho e em amarelo a Gamboa de Cima

Figura 15 – Fotografia área mostrando o Comércio e a Avenida Contorno

Fonte: *livro Bahia colorida*, de Bruno Furrer (1970), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo20/imagens/anos-60.jpg

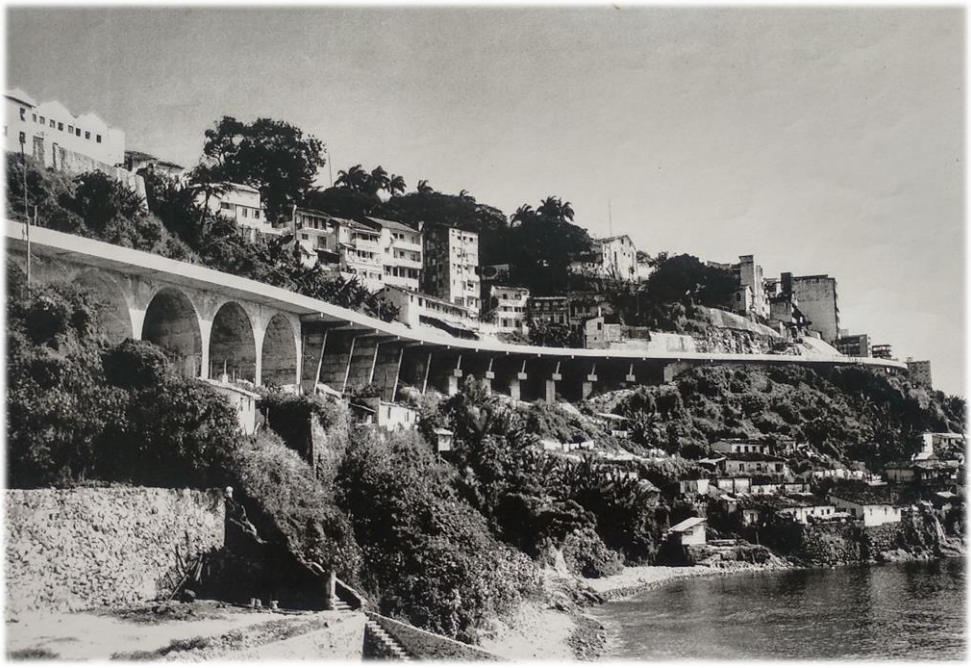
Na imagem da figura 16, podemos ver a dimensão das obras da Contorno entre 1958 e 1962, os trabalhadores envolvidos na construção, os materiais utilizados ocupando um amplo espaço e, assim, imaginar o impacto gerado na localidade da Gamboa pela sua monumental construção:

Figura 16 – Construção da Avenida Contorno e a paisagem formada pelo mar

Fonte: CEAS, Fundo "Movimento social urbano", bairro "Gamboa de Baixo", pasta "CEAS campo"

Assim, quando observamos o modo como a obra da Avenida Contorno foi disposta, através da figura 16 e abaixo com a figura 17 afirmamos que o impacto por nós citado envolve a desintegração do território da Gamboa, de modo que a população que ali residia se encontrou a partir daquele momento praticamente invisível para aqueles que cruzavam a pista da Avenida, já que o asfalto passou a encobrir boa parte da encosta na qual as casas se encontravam. Na figura 17 vemos além da construção da Avenida Contorno a vista da comunidade do Unhão no primeiro plano, o que nos dá uma dimensão do impacto da obra na região.

Figura 17 – Construção da avenida Contorno e a comunidade Unhão



Fonte: CEAS, Fundo "Movimento social urbano", bairro "Gamboa de Baixo", pasta "CEAS campo"

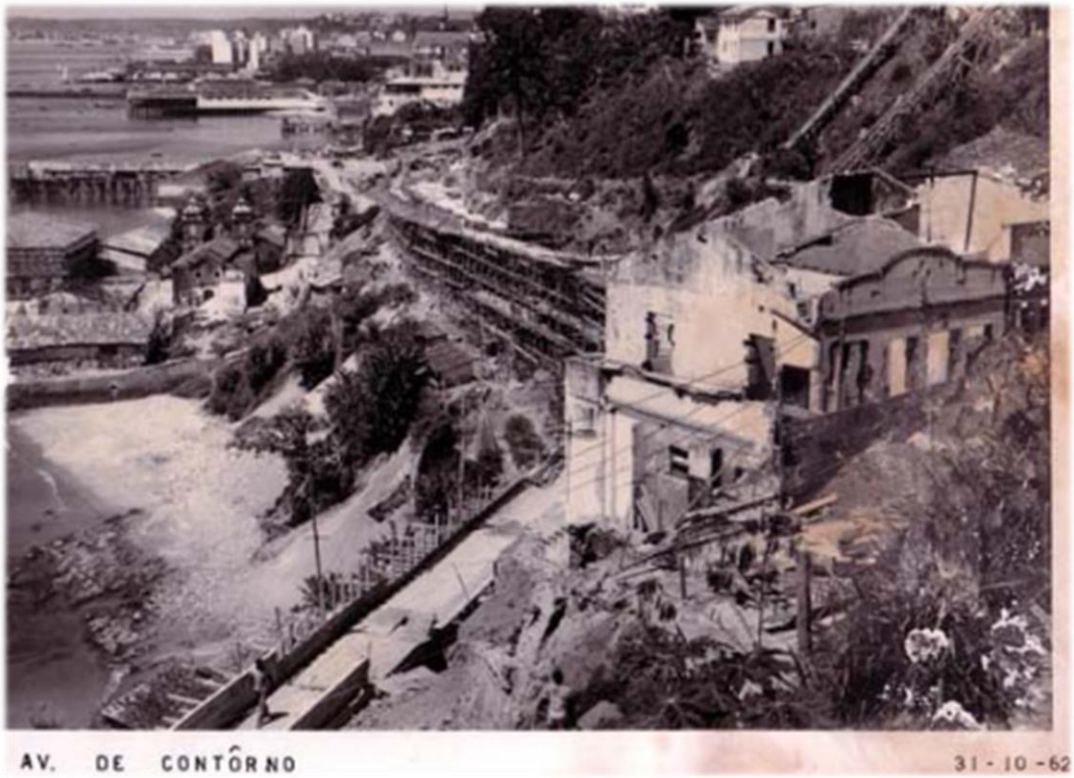
A figura acima, de número 17, nos mostra uma fotografia mais geral do trecho da construção que passou dividindo a localidade da Gamboa em Gamboa de Baixo e Gamboa de Cima. A Gamboa de Cima é um bairro vizinho à Gamboa e aos Aflitos, e nela se encontram imóveis e prédios em sua maioria em boas condições, com caminhos mais fáceis para chegar ao centro da cidade haja vista sua localização na parte superior ser mais bem estruturada em termos de acesso. A imagem revela também como a região já era ocupada nessa época especialmente na parte mais próxima ao mar. Abaixo, na figura 18, mais uma imagem de um ângulo diferente em que podemos ver o constrate dos prédios da cidade e a pista que surgia.

Figura 18 – Construção da avenida Contorno com detalhes da obra

Fonte: CEAS, Fundo "Movimento social urbano", bairro "Gamboa de Baixo", pasta "CEAS campo"

Na figura 19, de 1962, podemos dimensionar o entorno da pista da Avenida Contorno e notar como a sua realização promoveu a divisão do espaço ali existente. Através da posição da imagem é possível notar que a foto retrata no primeiro plano a construção da Avenida e mostrando imóveis que ou foram demolidos devido à obra ou se encontravam em estágio de ruína. Localizamos ainda o traçado da pista passando pelos arredores do Solar do Unhão, e mais ao fundo vemos um trecho do mar e da região do Comércio.

Figura 19 – Construção da Avenida Contorno e a região da Gamboa (1962)



Fonte: ILBPMB, Arquivo Diógenes Rebouças, José Carlos Carneiro da Rocha, A. Guthmann, W. Ninck.

Diante das imagens do período da construção da Avenida Contorno expostas, podemos analisar seu conjunto para refletir como os distintos ângulos e posições capturadas fundamentam a noção espacial de um isolamento da comunidade Gamboa de Baixo frente ao centro de Salvador.

Ao tratarmos como isolamento e invisibilidade a posição da Gamboa de Baixo recuperamos o percurso histórico até então traçado ao longo dessa dissertação, pois compreendemos que a Gamboa estava conectada a Salvador desde o surgimento da capital, cenário modificado primeiramente com a centralização do porto da cidade e posteriormente com a Avenida Contorno.

Em nossa pesquisa procuramos demonstrar, até aqui, o quão antiga é a ocupação da faixa litorânea de Salvador na região do Comércio, da Conceição da Praia e da Vitória. É necessário, contudo, frisarmos que embora sendo a Gamboa de Baixo uma localidade historicamente inserida em importante porção da cidade, tal fato não interferiu na agenda pública de intervenção em sua área, a qual sofreu revezes oriundos de reformas e diretrizes políticas que literalmente cortaram seu espaço transformando-a acima na Gamboa mais bem

fisicamente estruturada e abaixo na Gamboa com problemas típicos de lugares desconectados da rede de equipamentos básicos da cidade.

Loïc Wacquant, ao avaliar o termo gueto em sua tentativa de construção de uso sociológico do mesmo, afirma que embora a utilização dessa expressão tenha encontrado amplo espaço nas ciências sociais a título de descrição, do ponto de vista de sua aplicabilidade em análises seu emprego nunca encontrou definição (2004a, p. 155). Segundo o autor, a utilização da categoria gueto nas áreas da historiografia, sociologia e antropologia é registrada significando:

> [...] uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio-moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes. (WACQUANT, 2004a, p. 155).

O autor quer, contudo, compreender como gueto pode ser apreendido enquanto categoria para pesquisa, como ele se traduz enquanto configuração social (WACQUANT, 2004a, p. 155). A partir das diferentes construções que foram modificando o uso do termo gueto, Wacquant afirma que algumas características se mostraram recorrentes nas distintas literaturas, tais como gueto como "um instrumento de cerceamento e controle" (2004a, p. 157). Contudo, ao tratar das peculiaridades do que vem a ser gueto o autor afirma sobre as favelas no Brasil que:

> As favelas das metrópoles brasileiras, que são freqüentemente retratadas como refúgios de abandono e desorganização, nada mais são do que bairros da classe trabalhadora com laços bem definidos tanto com a indústria como com os bairros afluentes, aos quais fornecem serviços caseiros. (WACQUANT, 2004a, p. 159).

Com isso, Wacquant pretende desfazer a compreensão de gueto como qualquer lugar de pobreza e de locais de pobreza como necessariamente serem sinônimo de gueto (2004a, p. 160). Outro ponto relevante informado pelo autor diz respeito à forma como a segregação é lida na análise do que é um gueto:

> [...] a segregação residencial é uma condição necessária mas não suficiente para a "guetização". Para que um gueto surja, o confinamento espacial deve ser primeiramente imposto e abrangente e, em segundo lugar, deve revestir-se de uma série de instituições bem definidas e duplicativas que permitam ao grupo que se isola reproduzir-se dentro do perímetro estabelecido. (WACQUANT, 2004a, p. 160).

Em que pese o trajeto histórico da Gamboa até sua conformação enquanto Gamboa de Baixo, destacamos a discussão trazida por Wacquant na medida em que a denominação de favela trazida pelo autor não nos parece contemplar a realidade da comunidade estudada, e mesmo não se encaixando completamente nos termos propostos por Wacquant para ser considerada um gueto, apontamos que a realização de modificações estruturais no espaço geográfico da atual Gamboa de Baixo com a implementação da Avenida Contorno na área da comunidade, contribuíram para que a segregação imposta à Gamboa de Baixo encontrasse um ponto de discussão importante entre os limites do que pode ser considerado gueto enquanto fenômeno sociológico.

No caso da Gamboa de Baixo, os caminhos até então expostos sugerem que a comunidade nasceu provavelmente como lugar de moradia de pessoas negras, pescadores em sua composição inicial. Sabemos também que seu espaço original, a Gamboa, passou por uma transfiguração e divisão de seus limites em momento posterior a existência de habitantes no local. A população da localidade, que avaliamos ser formada desde o início por negros e negras é, ainda hoje, majoritariamente constituída por negras e negros como veremos no terceiro capítulo. Este atributo racial que enfatizamos é marcadamente sopesado por Wacquant em sua obra, ao tecer crítica às análises desracializantes as quais teriam como ênfase a renda enquanto elemento caracterizador de um espaço ser ou não gueto. O autor chama atenção para os estudos que levam em consideração, para além da situação financeira a questão racial, ponto este que considera indispensável para entender a dinâmica dos guetos negros nos Estados Unidos, seu foco de análise (WACQUANT, 2004b, p. 274), mas que também temos como variável imprescindível à compreensão da situação ímpar da Gamboa de Baixo diante da cidade.

A despeito das singularidades que fazem as historicidades do Brasil e dos Estados Unidos serem distintas é preciso destacar que, apesar das peculiaridades que formam o que o autor entende por gueto, dentre algumas das características percebidas por ele acerca da significação de um gueto - o estigma, o limite e o confinamento espacial (WACQUANT, 2004a, p. 157) - estas podem ser atribuídas à Gamboa de Baixo, enfatizando o sentido de gueto enquanto instrumento que possibilita o controle e a limitação que um grupo pode fazer a outro (WACQUANT, 2004a, p. 159). Essa avaliação ajuda a explicar a invisibilidade causada à comunidade Gamboa de Baixo como um projeto estruturado de cima para baixo e imposto àqueles que viviam na Gamboa a partir também da consideração de componentes sociais e raciais.

Assim, compreendemos que a permanência da atual comunidade Gamboa de Baixo no cenário de Centro de Salvador é fruto da constante luta contra a invisibilidade originada pelo

seu acesso dificultado, em especial a partir da construção da Avenida Contorno, o que torna a luta dos moradores da localidade imprescindível na disputa pela moradia e pela continuidade neste espaço bem localizado da capital e os coloca em posição de proximidade com comunidades que sofrem os problemas de serem guetos.

b) A Bahia Marina.

Outra recente repercussão na Gamboa de Baixo se deu com a chegada do empreendimento Bahia Marina na região próxima à comunidade, ainda durante a década de 1990. Tratou-se de mais uma obra volumosa, que ocupou ampla faixa de terreno contíguo à Gamboa de Baixo e que deixou o espaço da comunidade ainda mais restrito: depois do monumental projeto que beneficiou principalmente os carros vieram então os barcos.

Alban (2005), ao tratar do turismo náutico na Bahia, afirma quanto ao significado da Bahia Marina que ele se trata de um projeto voltado a um público de alto poder aquisitivo, descrevendo suas características físicas e o avaliando como:

> O mais completo e audacioso desses empreendimentos é, certamente, a Bahia Marina. Localizada às margens da Avenida Contorno, ao lado do porto de Salvador, a Bahia Marina é um verdadeiro centro náutico de padrão internacional. Em sua primeira etapa, já implantada, ela possui 300 vagas em piers flutuantes, todas com água e energia, pátio para docagem com 2.800 m2, posto flutuante, *Travel Lift* para embarcações de até 40 toneladas, central de rádio SSB e VHF, completa infra-estrutura de serviços de manutenção, além de grande estacionamento, restaurantes e um amplo centro comercial de produtos náuticos. Para a segunda e terceira etapas do projeto, planeja-se a implantação de mais 400 vagas em piers e a construção de um apart-hotel, com 124 apartamentos. A Bahia Marina, assim como as demais marinas, não está voltada apenas para o público local: boa parte de suas vagas é destinada para barcos e iates de turistas ou de esportistas em regatas de longo curso. De outro lado, já se nota uma certa tendência à ocupação de vagas por barcos de proprietários de outros estados, especialmente São Paulo. Ocorre que, em não havendo restrições financeiras, às vezes é muito mais fácil chegar ao litoral baiano do que ao paulista. (ALBAN, 2005, p. 89 e 90, grifos do autor)

Sem tocar nos impactos de moradia e de condições de habitação e trabalho causados às populações ali presentes desde pelo menos o século XIX, o texto acima destacado atesta ao menos os impactos físicos neste trecho da orla da Avenida Contorno de Salvador com a implementação da obra de grande porte. O texto demonstra ainda, através da descrição acerca da infraestrutura a ser construída e ofertada (centro comercial, restaurantes, venda de produtos náuticos, vagas no píer), que o empreendimento visou desde a sua origem um público com alto

poder aquisitivo, o que contrasta com o padrão de habitação dos seus vizinhos, os moradores mais próximos da Ladeira da Preguiça, Unhão e Gamboa de Baixo.

Do ponto de vista social, no entanto, a implementação do Bahia Marina representou uma nova configuração do espaço para a Gamboa de Baixo e comunidades do entorno da obra, tornando o uso da área de praia por parte desses moradores ainda mais restrito e isolando a Gamboa de Baixo mais ainda em relação ao livre ir e vir. A interferência que causou o empreendimento no perímetro da praia comumente utilizada pelos moradores pescadores da Gamboa de Baixo, por exemplo, representou uma perda de espaço de atuação e consequentemente dificuldades na vida cotidiana destes trabalhadores.

Pudemos perceber que o empreendimento Bahia Marina trouxe questões específicas para a população da comunidade que vive da pesca. Em conversas estabelecidas com muitos dos pescadores da comunidade para colaborar na construção de um dossiê coletivo que atestaria os impactos da Bahia Marina nas comunidades vizinhas, no ano de 2018, estes nos relataram suas dificuldades e percepções acerca deste empreendimento.[9]

Denise, pescadora de peixes ornamentais e moradora da comunidade, retira o seu sustento dessa atividade e relatou que além do desaparecimento de espécies outra questão que traz a Bahia Marina é a restrição dos espaços de circulação que os pescadores têm direito para o exercício do seu trabalho.

Seu Arapuê, pescador e morador da Gamboa de Baixo descreveu as consequências da Bahia Marina para a pesca, tanto para a sua sobrevivência particular quanto para comercializá-lo, bem como a influência que teve na quantidade que ele consegue pescar, sendo que "antes, um balde com 20 litros enchia, agora este mesmo balde não enche mais" e que durante o inverno, período de maior dificuldade para a pesca, a alimentação com búzios era muito importante para a sobrevivência das pessoas (DOSSIÊ COLETIVO, 2018, p. 2-3).

Carlos de Jesus, também pescador da Gamboa de Baixo afirma sobre o impacto da Bahia Marina que:

> querendo ou não impacta na vida dos pescadores, porque para ter a estrutura do empreendimento, é preciso fazer uma drenagem para retirar a areia do fundo do mar e com a retirada dessa areia de um determinado lugar para ser colocada em outro, a Bahia Marina acaba cobrindo as pedras dos pesqueiros. Então o que acontece é que, os peixes, que não ficam tanto na areia, mas muito mais nas pedras, se não tem pedras ou não as encontram, se afastam então da costa. (DOSSIÊ COLETIVO, 2018, p. 3)

[9] Fui convidada a participar no ano de 2018 da construção de um dossiê coletivo que seria encaminhado para órgãos do poder público e tratava da significação histórica e do uso até então da praia da Preguiça, o que incluiu muitos moradores da Gamboa de Baixo com suas memórias afetivas e relacionadas a sua sobrevivência através da pesca.

Ana contou que desde o começo acompanhou todo o processo do Bahia Marina, estando presente nas discussões fazendo enfrentamentos quando as construções tiveram início, e que a obra impactou primeiramente as comunidades da região quando se espalhou a notícia de que a Bahia Marina iria retirar delas a possibilidade de que os barcos pudessem ficar no mar e que, depois, elas perderiam o acesso livre à área em que o empreendimento se instalou. Segundo Ana, com a chegada da Bahia Marina as tradições que eram importantes para as comunidades também foram perdidas, como as competições de natação e as corridas de catraia.

Todos esses relatos trazem em comum a limitação e o cerceamento à Gamboa de Baixo que a Bahia Marina gerou no cotidiano da comunidade como um todo. Ora sofrendo com a falta de área para exercer sua profissão, ora com os danos ambientais relacionados à perda de diversidade marinha em consequência de mudanças ocasionadas pela obra, ora na dificuldade de ter local para colocar os seus barcos.

Para além da dimensão econômica, esta área ocupada pela Bahia Marina abrigava importante espaço para prática de esportes e atividades lúdicas desses moradores, o que implica afirmar que as perdas não se dão apenas no campo material como também no lazer e na dimensão afetiva que as memórias dos pescadores e moradores apontaram[10]. O cerceamento da Gamboa de Baixo, portanto, não ocorre apenas no campo material, mas afeta também a vida do ponto de vista simbólico e subjetivo de seus moradores.

A construção da Bahia Marina desse modo em nossa compreensão corresponde a mais um dos elementos que colaborou para que a Gamboa de Baixo aumentasse o grau de isolamento urbano como consequência de grandes obras (Avenida Contorno primeiro e Bahia Marina posteriormente). Tal empreendimento contribuiu para que a localidade ficasse ainda mais comprimida e vulnerável, na medida em que os efeitos causados por sua construção prejudicaram diretamente àqueles que lhe são vizinhos, em especial a comunidade por nós estudada.

3.3 O CONTRASTE DA GAMBOA DE BAIXO E SEUS VIZINHOS DE CIMA E DE BAIXO

A compreensão a respeito dos vizinhos da Gamboa de Baixo é necessária para entendermos como esta comunidade se tornou, ao longo do século XX, um espaço cerceado e

[10] Para informações mais detalhadas sobre os impactos não só econômicos como afetivos, simbólicos e para saber mais sobre as memórias dos moradores, consultar dossiê.

limitado em suas possibilidades de crescer e sobreviver no local. Nesse sentido, alguns autores vêm chamando a atenção para o processo de intervenção no entorno da Gamboa, trazendo também dados relacionados às obras que impactaram sua área, bem como os tipos de ação (WEINSTEIN, 2007; VIRGENS, 2018; ZANOLI, IVO, 2018). Assim, nos pareceu fundamental relacionar o contexto de vida da localidade com os seus vizinhos mais imediatos.

Como foi demonstrado no primeiro capítulo, a Gamboa mesmo sendo pequena e afastada do local em que Salvador foi fundada e começou a se expandir, não era uma localidade desintegrada do restante da cidade. Com as mudanças ocorridas em seu entorno com a acomodação do Porto de Salvador em um lugar único e a construção da Avenida Contorno, a Gamboa de Baixo passou a se constituir como uma região urbana mais isolada. Mas, para melhor entendermos o que representa a Gamboa de Baixo na configuração da região central da Salvador atual vamos examinar historicamente seus principais vizinhos, isto é, aqueles que mais imediatamente se conectam de algum modo à vida na Gamboa de Baixo compreendendo que as transformações urbanas apontam para o modelo de cidade que temos e que podemos vir a ter. Trazendo à análise primeiramente os vizinhos de maior poder aquisitivo, recuperamos Santos (2010) que nos oferece elementos para entendermos as consequências que o mercado imobiliário pode gerar para a comunidade, ao impactar na área circunvizinha à Gamboa de Baixo:

> Entretanto, seria um reducionismo afirmarmos que apenas as áreas mais distantes do centro antigo constituíram o alvo dos interesses imobiliários. [...] Se a revalorização do Pelourinho foi o passo inicial para esse processo, atualmente, são verificados investimentos em áreas residenciais elitizadas, localizadas em bairros que circundam o Centro, como a Vitória, bem como propostas que têm tido interesses por parte do capital imobiliário para construir prédios residenciais e comerciais no Comércio e prédios comerciais na Baixa dos Sapateiros. (SANTOS, 2010, p. 26)

Como vimos antes, a Gamboa era um pequeno porto que se tornou mais fortemente área residencial popular nas primeiras décadas do século XX. É importante frisar que esta instalação se deu na parte baixa de uma área residencial já consolidada na parte de cima desde meados do século XIX, na Vitória e Campo Grande. Podemos presumir a posição diferenciada da Gamboa em relação aos seus vizinhos que habitavam ricas edificações em lugares como a Vitória, que desde suas origens despontou como bairro por excelência de elites estrangeiras residentes em mansões as quais se tornaram, posteriormente, os prédios modernos e suntuosos que hoje vemos no Corredor da Vitória, os quais contrastam com as casas humildes e muitas vezes inacabadas, que abrigam os moradores da Gamboa de Baixo, que têm poder aquisitivo muito menor. A

discrepância entre os dois tipos de habitação foi se tornando cada vez mais evidente com a transformação das antigas casas em luxuosos prédios na parte de cima, que destoam das moradias simples que formam a Gamboa de Baixo.

Para entendermos o entorno da comunidade analisamos a imagem abaixo, figura 20, na qual localizamos em amarelo um trecho da Avenida Sete de Setembro e do Corredor da Vitória; em vermelho, vemos a Gamboa de Baixo, que está em frente à pista da Avenida Lafayete Coutinho, porém colocada em nível abaixo da pista desta obra; circulado de azul, está a Gamboa de Cima; na região central da imagem, em cor rosa, o Campo Grande, e de verde, o Solar do Unhão e a Comunidade do Unhão, vizinha à Gamboa.

Figura 20 – Imagem de satélite do ano 2019 da região na qual se encontra a Gamboa e alguns de seus vizinhos.

Fonte: Elaborado pela autora sobre a base do Google Maps (2019)

Tomando como base o quadro acima apontado iremos discutir sobre quem se constituiu como relevante vizinhança da comunidade Gamboa de Baixo, analisando primeiro o Corredor da Vitória, trecho da Avenida Sete que historicamente se vinculou a freguesia de Nossa Senhora da Vitória, da qual fez parte também a Gamboa.

a) O Corredor da Vitória e Avenida Sete de Setembro;

A região da Vitória aparece na história de Salvador ainda na época colonial e seu surgimento remete ao início da cidade com a Vila do Pereira, a qual encontramos referência na obra de Vilhena denominada de Vila Velha da Vitória (Vilhena apud Dórea, 2006, p.72-73). Ainda segundo Dórea é no ano de 1530, anterior à construção de Salvador, que o Largo de Nossa Senhora da Vitória é aberto na região Portas da Vila Velha aproximadamente no local em que hoje encontramos o Forte de São Pedro (Dórea, 2006, p. 331).

Andrade e Brandão afirmam que essa porção da cidade na qual viviam uma maioria de estrangeiros, durante o século XIX representou a expansão urbana da cidade em direção ao eixo sul por parte de uma elite que habitava de modo distinto da portuguesa, como evidencia a arquitetura do Pelourinho (ANDRADE, BRANDÃO; 2009, p. 48). Ao comentar sobre como se vivia na cidade no século XIX, Pinheiro afirma que "o novo bairro burguês da Vitória surge com seus solares elegantes, arejados, iluminados, com jardins, com uma construção mais solta, muitos ornamentos, muitas janelas, terraços e galerias" (PINHEIRO, 2011, p.187).

Na ilustração abaixo, figura 21, podemos observar um pouco a Vitória no começo do século XIX e constatar que nessa época ela era uma região pouco habitada, embora seja possível observar que as poucas casas existentes já demonstravam ser grandes propriedades. Na figura temos uma visão a partir do mar do trecho em que se encontra a Vitória. A esquerda da imagem está o Forte de São Pedro circulado de azul e seguindo para a direita a Vitória:

Figura 21 – Vitória no começo do século XIX

Fonte: elaboração da autora, com base em aquarela de Robert Pearce (1819), disponível em http://www.cidade-salvador.com/seculo19/pearce/imagens/vitoria.jpg

Ainda que não esteja assinalada é possível na imagem acima localizar a área vizinha a Vitória que é objeto de nosso estudo. Para fins de compreensão do contexto cabe ressaltar que a Gamboa está de frente para o mar, na região abaixo do Forte de São Pedro.

Salvador do século XIX passou por grandes transformações na forma de morar, sendo apontada a existência de dois modelos de habitação, um para as famílias mais pobres que

chegaram à capital da província e começaram a ocupar vales e cumes e o outro praticado pelas famílias ricas que com o tempo foram desocupando os antigos sobrados e se voltando à habitações baseadas em novos estilos europeus (MOTA, 2008, p. 40). Foi desse modo que o Corredor da Vitória começou a ser fortemente ocupado a partir do século XIX, tendo essa nova fase de desenvolvimento de Salvador sido impulsionada pela abertura dos portos e pelas trocas culturais que daí decorreram e que trouxeram a influência estética e arquitetônica europeia com seus valores então vigentes (MOTA, 2008, p. 40). Montoya Uriarte (2019) ao tratar das possibilidades de habitação existentes no centro de Salvador como no século XIX os antigos moradores dos sobrados do centro histórico passaram a residir no nascente bairro da Vitória, sendo lá:

> Onde se desenvolvia uma forma diferente de habitar trazida pelos ingleses e alemães que se instalaram nesse bairro e construíram suas casas bem separadas umas das outras, afastadas da rua, contornadas por jardins, numa área absolutamente residencial, longe da mistura social. Os "palacetes" da Vitória passaram a ser o símbolo da forma "civilizada" de habitar, que supunha distância da pobreza, vizinhança afastada, recuo da rua, ambiente bucólico, discernimento claro entre o público e o privado, especialização interna dos cômodos para funções específicas, além de cômodos para crianças, para mulheres, para serviços. Os antigos moradores das freguesias centrais que não podiam se mudar conformavam-se em se deslocar para a Freguesia de São Pedro... (MONTOYA URIARTE, 2019, p. 77-78).

Mota aponta ainda o fato de que sendo este um bairro ocupado por moradores com alto poder aquisitivo, as melhorias na infraestrutura como a criação de um sistema de transporte, foram implementadas primeiramente na área do Corredor da Vitória (MOTA, 2008, p. 44). Segundo ela se o início da busca pela modernidade se expressa ainda no século XIX, as condições socioeconômicas da Salvador de então, originadas pelo final da escravidão, repercutiram no modo como o desenvolvimento se tornou lento na cidade, fato que irá se modificar na gestão de José Joaquim Seabra, início do século XX, com seu ideal de modernidade expresso nas reformas urbanas (MOTA, 2008, p. 44-45).

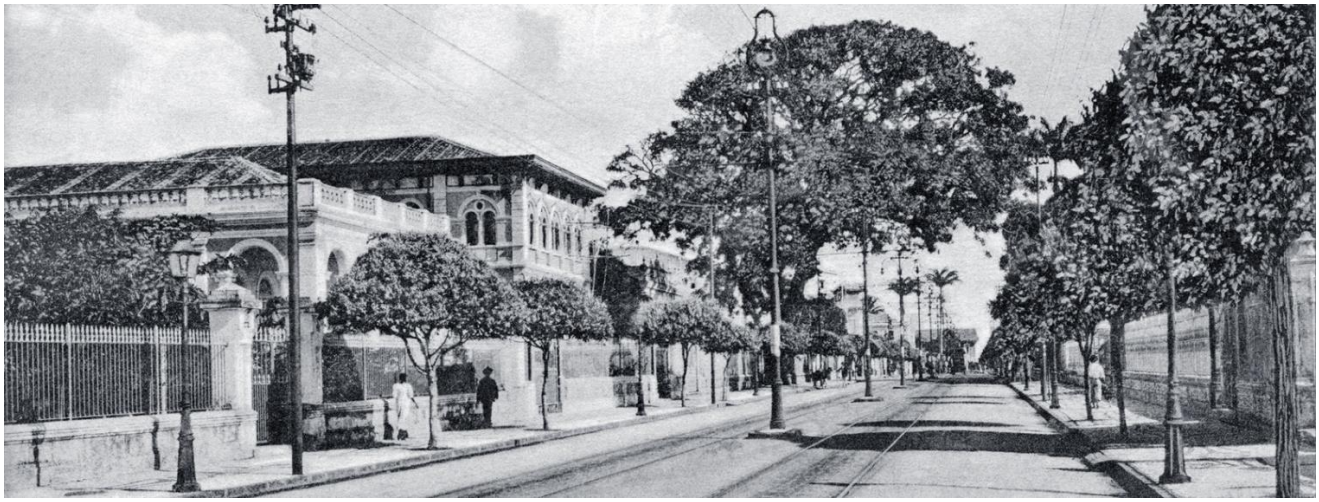
A figura vigésima segunda retrata o Corredor da Vitória antes do seu alargamento para passagem da Avenida Sete:

Figura 22 – Trecho do Corredor da Vitória no ano de 1911, ao lado esquerdo da imagem o solar Cunha Guedes que foi sede do clube Fantoches da Euterpe

Fonte: postal colorizado de J. Mello, disponível em http://www.salvador-antiga.com/vitoria/casaroes-vitoria.htm

Na seguinte imagem, número 23, vemos o mesmo trecho do Corredor da Vitória visto acima, porém com as modificações da construção da Avenida Sete de Setembro:

Figura 23 – Mesmo trecho do corredor da Vitória posteriormente a 1916



Fonte: postal de Joaquim Ribeiro, sem data, disponível em http://www.salvador-antiga.com/vitoria/imagens/antiga-sete-setembro.jpg

O corredor da Vitória, que se expandiu com o alargamento de seu espaço no começo do século XX, faz parte da Avenida Sete de Setembro, outra importante localidade próxima à Gamboa de Baixo, e que é uma obra de 1915 oriunda dos processos de reforma urbana por que passou Salvador com o então governador J. J. Seabra, em um período denominado por alguns autores como “urbanismo demolidor” (ANDRADE, BRANDÃO, 2009, p. 74). As obras

urbanas de J. J Seabra remontam ao primeiro período político de governo seu, entre 1912 a 1916, quando este, tendo transitado por diversas esferas de poder e vivências na capital, Rio de Janeiro, parece ter trazido à Bahia o ideal modernista de Paris implementado pelos cariocas na gestão de Pereira Passos. É no contexto de um mundo em que os progressos materiais e tecnológicos se fizeram imprimir nos princípios de modernidade europeia, que a repercussão desses novos valores chegará à cidade de Salvador, expressando no desenho urbano alguns dos pressupostos que estavam em voga como modelo de urbanismo (LUCIANO, 2017, p. 89). Luciano afirma ainda, que o período de J. J. Seabra se configurou como uma vontade de mudar a representação de Salvador:

> No início do século XX, o discurso civilizatório baiano criou um novo vocabulário: modernização, higienismo, normatização, moralização, no intuito de combater péssimos hábitos da população que vivia e/ou trabalhava na rua, associados às ideias de pobreza, insalubridade e promiscuidade. (LUCIANO, 2017, p. 90).

Nobre (2003), ao comentar sobre o processo de desenvolvimento urbano de Salvador e o caso do Pelourinho, aponta que desde o século XIX a influência das ideias positivistas, das técnicas, da engenharia e do urbanismo encontraram terreno no cenário soteropolitano, que a construção da Avenida Sete foi um projeto oriundo do excesso de fluxos da cidade baixa, tendo como objetivo ligar o centro à Vitória e à Barra, espaço ocupado por uma população estrangeira ligada ao comércio, e que este fato impulsionou o desenvolvimento das classes mais abastadas em direção ao espaço sul da cidade (NOBRE, 2003, p. 4 e 5). Na imagem abaixo, vigésima quarta, vemos uma fotografia de parte da Avenida Sete, aproximadamente em 1915. Nesta localização atualmente se encontra o Relógio de São Pedro que nessa época ainda não estava instalado. Esta área hoje oferta uma gama de serviços e comércio importantes para a população:

Figura 24 – Avenida Sete na altura do Largo de São Pedro em 1915

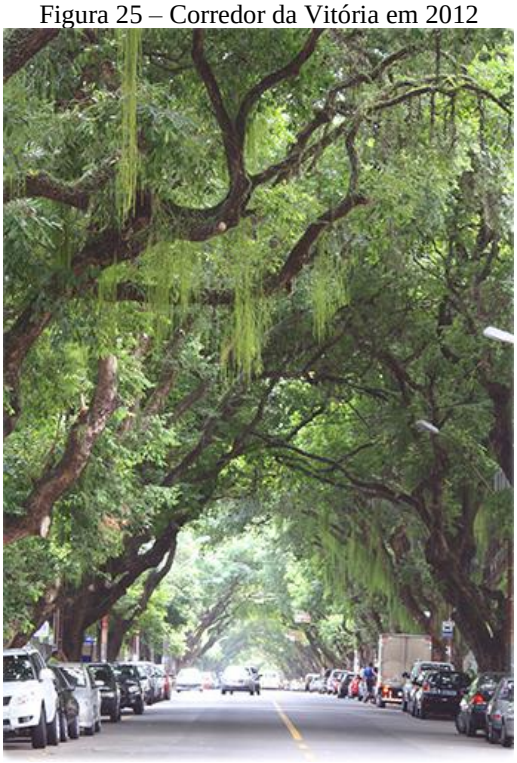
Fonte: postal Libro - Almeida & Irmão - Bahia, disponível em http://www.salvador-antiga.com/sao-pedro/imagens/av-7-sao-pedro.jpg

Durante muito tempo a Avenida Sete foi a principal avenida de Salvador e se constituiu como principal projeto do governo do Estado na época de modernização da capital (LEITE, 1998, p. 103).

Em décadas posteriores a obra da Avenida Sete, conforme aponta Mota (2008), iniciou-se a verticalização do Corredor da Vitória, em 1940, quando as antigas casas começaram a ser destruídas dando espaço a novos edifícios com diversos domicílios. A autora afirma ainda que essas novas unidades construídas nesse modelo de domicílios compartilhados foram primeiramente pensadas para uma classe média, haja vista que até então os mais ricos preferiam não compartilhar espaços (MOTA, 2008, p. 60). Júnior, Andrade e Freire (2009, p. 10) ao analisarem a combinação da arquitetura, urbanismo e artes plásticas durante os anos de 1940 a 1960 em Salvador, apontam que na extensão da Vitória é possível ver na arquitetura dos imóveis privados a influência dos pressupostos modernos, sendo que essa região da segunda metade de 1940 para 1960 ganhou muitos edifícios para moradia, e que desde a virada do século XIX para o século XX esta área, assim como o Campo Grande, Barra, Graça e Canela, foi ocupada por setores economicamente privilegiados.

A seguir na vigésima quinta figura vemos algumas imagens da Avenida Sete no trecho do Corredor da Vitória em época mais recente e podemos comparar as transformações por que passou sua configuração espacial a partir de novos empreendimentos:

Figura 25 – Corredor da Vitória em 2012



Fonte: Guia Geográfico Turismo em Salvador, disponível em http://www.salvador-turismo.com/imagens/corredor-vitoria.jpg

Figura 26 – Corredor da Vitória visto a partir do mar, com a Gamboa destacada em rosa

Fonte: Arquivo pessoal

Acima, na figura 26, podemos ver a região do Corredor da Vitória e o seu fundo com vista para o mar da Baía de Todos os Santos e, destacado em rosa, a Gamboa de Baixo. Quanto ao processo intensificado de verticalização do Corredor da Vitória, Mota afirma que teve início

na década de 1970 e que tal processo esteve vinculado a um fortalecimento da concepção de cidade capitalista, pautada em sua origem por novas relações econômicas (2008, p. 70).

b) O Campo Grande;

Historicamente conhecido como Campo Grande de São Pedro, o atual largo do Campo Grande compõe a região vizinha da Gamboa de Baixo e sua construção remonta a ligação de sua área com o Forte de São Pedro (CARDOSO, 2015, p. 102). Maria Ângela Barreiros Cardoso se refere a uma área denominada Campo de São Pedro como uma localidade contígua ao Forte de São Pedro, semi-rural, e que se tornou o Campo Grande de São Pedro "a partir da das iniciativas compartilhadas entre o Governo da Província da Bahia, a Câmara do Senado Municipal e personalidades da elite baiana e da comunidade britânica." (CARDOSO, 2015, p. 162). Sua construção data do século XIX e estabeleceu conexão com outras localidades de Salvador como o Passeio Público, o Forte de São Pedro e o atual Corredor da Vitória (CARDOSO, 2015, p. 164).

Segundo Soriano (2006) é em 1830 quando as primeiras obras se estabelecem no terreno do futuro do Campo Grande, marcando o começo das intervenções urbanas na área, sendo ela pensada para se constituir como um espaço de lazer e de manifestações culturais. De acordo com a autora no final do século XIX apesar de ainda conservar certa estrutura arborizada de seu início, o Campo Grande contava com mudanças como a passagem do bonde e novas construções imobiliárias, sendo que nesse período algumas outras intervenções também ocorreram no seu espaço como a instalação de coreto, de fontes, jardins e o monumento ao 2 de Julho que foi inaugurado em 1895 junto com a praça 2 de Julho (SORIANO, 2006, p. 20-21). Na figura 27 vemos o Campo Grande no período aproximado de 1870.

Figura 27 – Campo Grande (c. 1870)

Fonte: foto de Guilherme Gaensly (c. 1870), disponível em http://www.salvador-antiga.com/campo-grande/imagens/seculo-19.jpg

Costa (1991) ao descrever a ocupação de Salvador por negros no século XIX através do estudo dos cantos e lojas que eram ocupados por negros de ganho[11] avalia a presença maciça destes escravos ganhadores nas áreas centrais da cidade, afirmando que no Campo Grande se encontravam os negros de origem nagô.

Durante o século XX Soriano afirma que a praça do Campo Grande começa a ser reestruturada em decorrência da necessidade de expansão urbanas de então e assim as antigas residências do século XIX foram dando espaço a novas construções, sendo que a principal modificação aponta pela autora nessa época foi a construção de uma ligação entre a Avenida Contorno e o Vale do Canela que suprimiu importante metragem da praça (2006, p. 22).

Em sua dissertação Soriano afirma que durante a década de 1980, período este anterior a última intervenção na região que foi no início dos anos 2000, a região do Campo Grande começou a sofrer com a deterioração do uso público de seu espaço, com um certo tipo de comércio ambulante que não era bem visto, assim como com a prostituição, sendo que nesse momento é que retornam as grades do seu entorno tal qual existiram na inauguração de 1895 (SORIANO, 2006, p. 22). Tais medidas por parte do poder público demonstram como este historicamente teve atuações que podem ser decodificadas em muitos casos como um controle e ordenamento público que visou promover a separação dos usuários de determinadas áreas,

[11] Escravos de ganho/ganhadores segundo Costa (1991) seriam aqueles que trabalhavam principalmente fora de casa para seus senhores e que retinham uma parte do rendimento para si. Grande parte atuava em trabalhos de carregar cargas e pessoas

contribuindo para que alguns espaços permanecessem com usos privilegiados e destinados a uma fração da população. Em nossa visão, isto ocorre especialmente quando estes mesmos espaços se encontram em disputa pela população que nas ruas procura o seu sustento, mas que se constituem como localidades habitadas por uma camada com alto poder aquisitivo. Em destaque na figura 28 a Praça do Campo Grande e os prédios que lhe contornam, destinados a camadas médias e altas da população de Salvador, o lugar conta ainda com serviços próximos como bares, hotéis, bancos, supermercados e conveniências outras que facilitam a vida dos usuários e moradores.

Figura 28 – Vista do atual Largo do Campo Grande

Fonte: visto do parque e monumento, disponível em http://www.salvador-turismo.com/campo-grande/imagens/campo-grande-salvador.jpg

Montoya Uriarte ao discutir algumas categorias de Henri Lefebvre para tratar de questões urbanas do centro de Salvador, em especial o Pelourinho e a Avenida Sete de Setembro, nos traz um importante dado a respeito do comércio praticado nas redondezas do Forte de São Pedro, abordando os becos e inúmeros prédios comerciais existentes na Rua do Forte, que faz a ligação entre o Campo Grande e Avenida Sete, e a presença dos vendedores ambulantes de gêneros alimentícios nessa extensão (2016, p. 80).

A importância dessa região do Campo Grande e Avenida Sete é perceptível nas conversas cotidianas com os moradores da Gamboa de Baixo que trabalham e usufruem deste

entorno. Valmir, morador da Gamboa de Baixo, nascido e criado na comunidade, trabalha vendendo seu peixe nas proximidades do Forte de São Pedro, embaixo do viaduto, em uma pista que encontra a Avenida Contorno. Valmir contou que antigamente seu trabalho era na Rua do Forte, mas por pressões municipais ele realocou sua banca. Em conversa com as mulheres da comunidade também percebemos que o ir e vir delas para resolver as diligências cotidianas de suas casas ocorre neste percurso entre estas duas localidades do centro, lugar em que elas resolvem a maior parte das questões referentes a bancos, às compras nos mercados, padarias, feiras etc.

Essa transformação, primeiramente impositiva, que ocasiona mudanças na dinâmica dos trabalhadores que utilizam o centro de Salvador origina uma rearticulação do campo do trabalho por parte destes, demonstrando que, apesar de serem reprimidos, estes trabalhadores conseguem penetrar em brechas nas quais o poder público não consegue alcançar ou deliberadamente não atua, fazendo com que estes espaços de pessoas de maior poder aquisitivo convivam com a heterogeneidade, ainda que com diversas tentativas de torná-los lugares uniformes. Apesar das discrepâncias em termos de infraestrutura e de economia, a Gamboa de Baixo e os seus vizinhos ricos estabelecem relações de troca e de comércio, o que implica na sobrevivência material tanto de um como de outro, na medida em que trabalhos e serviços são ofertados nessa região e consequentemente ganhos materiais são obtidos.

c) O Solar do Unhão e a comunidade do Unhão;

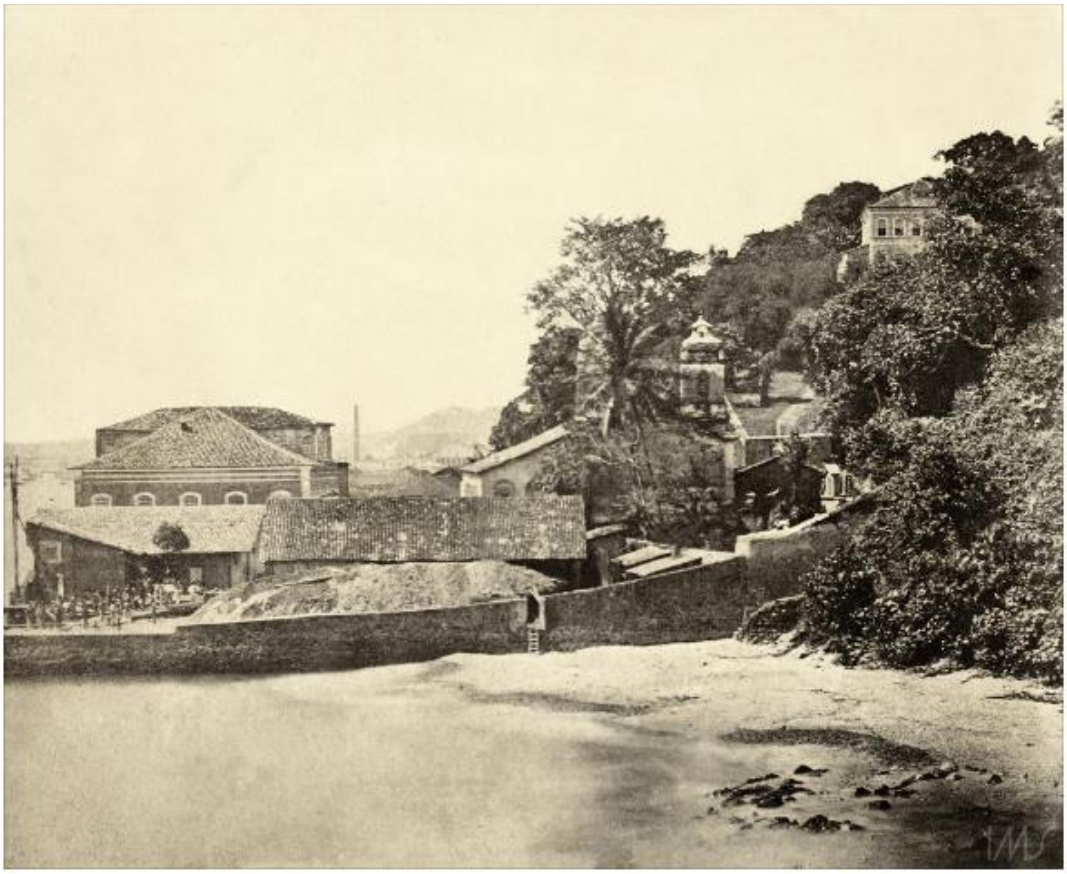
Nos dois tópicos anteriores vimos como os vizinhos de cima da Gamboa de Baixo, com alto poder econômico, habitam locais nos quais se encontram uma ampla rede de serviços e de infraestrutura, que os coloca em posição destacada no cenário do centro da cidade e de Salvador de modo geral. Mas, o mesmo não pode ser dito das comunidades vizinhas, de baixo, pobres, compostas majoritariamente por pessoas negras ou pardas, ocupantes antigos, carentes de um ambiente urbano mais ordenado. Estas comunidades de beira-mar têm em comum, para além dos problemas físicos, serem localidades em que boa parcela de sua população tem ou tinham ocupações tradicionais, como por exemplo as associadas ao mar, e serem ocupados por pessoas com condições financeiras opostas aos vizinhos de cima.

Neste tópico e no próximo analisaremos duas destas comunidades de baixo, vizinhas da Gamboa de Baixo, começando pelo Unhão, comunidade contígua à Gamboa de Baixo.

O Solar do Unhão remete ao passado colonial de Salvador e tem suas origens em estruturas existentes desde o século XVI que foram ampliadas ao se tornarem propriedade de

Pedro de Unhão (PIRES, F.; GOMES, G. apud BANDEIRA et al., 2018, p. 82). Dórea relata que, a respeito da nomenclatura do Solar do Unhão, Pedro de Unhão Castelo Branco foi o morador com cujo nome se alcunhou a propriedade em que hoje encontramos o MAM-BA, bem como a comunidade do Unhão (2006, p. 11).

Figura 29 – Solar do Unhão (c. 1870)



Fonte: fotografia sem título de J. Schleier (c. 1870), disponível em http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3534

Bandeira et al. (2018, p. 82) relatam que o Unhão esteve primeiramente ligado ao beneficiamento do açúcar e posteriormente suas instalações serviram como fábrica de rapé no século XIX, funcionando até o ano de 1926, tendo seu conjunto arquitetônico sido tombado em 1943 e mesmo posteriormente a este evento, sendo ainda utilizado para outros usos (2018, p. 82 e 85). Atualmente, no conjunto arquitetônico do Solar do Unhão está estabelecida a comunidade do Unhão, menor do que a da Gamboa, apresentando condições social que parecem semelhantes a esta. Outrora existia também no perímetro do Solar do Unhão a comunidade Água Suja que, com a construção do Parque das Esculturas do MAM-BA, foi removida pelo Governo do Estado para outro bairro.

No MAM-BA atualmente ocorre um projeto de música aos sábados em parceria com o governo do Estado conhecido como Jam no MAM-BA, que movimenta bastante o local, especialmente com pessoas de fora da cidade e moradores de outros bairros (SANTOS, 2017, p. 120). Fabiano Cunha dos Santos relata que mesmo havendo uma diversidade de público usuário do MAM-BA, é nítido que a maioria das pessoas pertencem a classe média "entre intelectuais, artistas e amantes do estilo da música" (SANTOS, 2017, p. 152). Abaixo vemos no mapa a posição da comunidade do Unhão e o entorno:

Figura 30 – Localização geográfica do Solar do Unhão e sua comunidade destacada em amarelo

Fonte: Elaborado pela autora sobre a base do Google Maps (2019)

No mapa acima, figura 30, além da delimitação do Unhão e de sua comunidade, podemos ver de rosa um pedaço da Gamboa de Baixo e alguns dos outros vizinhos que compõem o seu entorno, como o Teatro Vila Velha, o Palácio da Aclamação e Hotel da Bahia que estão inseridos no Campo Grande/Avenida Sete. Situamos também o Largo dos Aflitos e à direita da imagem vemos um pedaço do Largo do Campo Grande, circulado de vermelho, do Forte de São Pedro destacado pelo círculo verde e em azul a Gamboa de Cima. Abaixo, figura 31, vemos uma fração da comunidade do Unhão:

Figura 31 – Comunidade do Unhão vizinha à Gamboa de Baixo

Fonte: Arquivo pessoal

Abaixo, figura 32, podemos mensurar a proximidade física de uma comunidade para a outra. Na fotografia podemos ver o corte da Avenida Contorno, ver um fragmento da Gamboa de Baixo, com destaque para o Forte de São Paulo da Gamboa circulado de vermelho, do lado esquerdo da imagem a comunidade do Unhão circulada de amarelo e mais adiante o MAM-BA em verde:

Figura 32 – Trecho da Gamboa de Baixo e a comunidade do Unhão

Fonte: Arquivo pessoal

Ana Caminha contou-me que, embora a relação com a comunidade do Unhão tenha algumas divergências, as pessoas da Gamboa de Baixo têm uma relação próxima e *"até de mistura de famílias"*. Embora em nossas observações tenhamos percebido que a Gamboa de Baixo e a comunidade do Unhão parecem tecer meios distintos no que se refere as questões de luta urbana, a Prainha do MAM-BA se revelou como importante espaço de sobrevivência para alguns moradores da Gamboa de Baixo, questões estas que veremos com mais detalhes no capítulo a seguir.

d) A Ladeira da Preguiça.

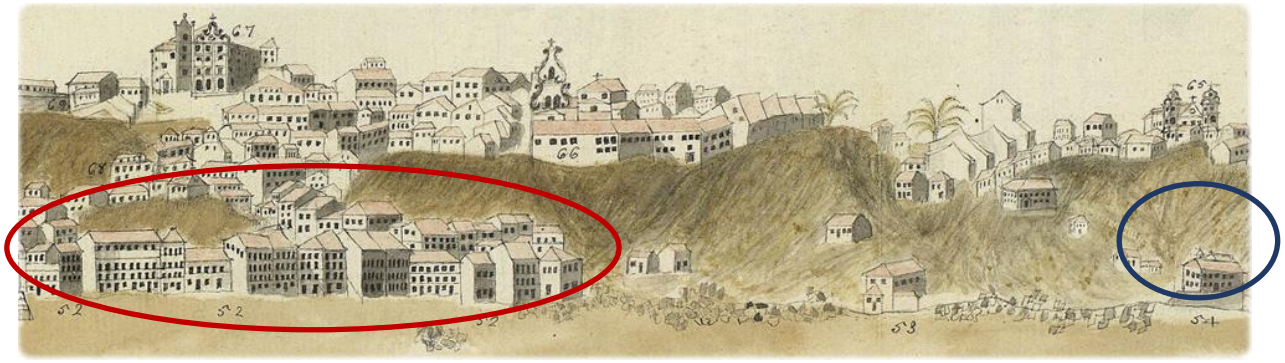
A Ladeira da Preguiça pertencia à freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na qual se firmou o porto de Salvador em suas origens. Sua trajetória está, portanto, relacionada as demandas intimamente ligadas ao mar, assim como a Gamboa de Baixo. Segundo Menezes, era assim conhecida por se tratar de uma rota do ir e vir de mercadorias que circulavam do porto para Salvador e que eram transportadas com trabalho escravo, sendo que estes ao passarem com as pesadas cargas pelos casarões em que habitavam a elite ouviam gritos que clamavam pela sua rapidez com a frase " 'sobe, preguiça' " (MENEZES, 2005).

Compreendemos que esse trânsito existente na Ladeira da Preguiça fez dela uma importante conexão entra a cidade alta e a cidade baixa de Salvador, tendo papel preponderante as pessoas negras que nela circulavam. Nesse sentido, ao analisar a formação do patrimônio imaterial do sítio da Preguiça, Novaes nos conta que sua construção data do século XVI e, ao

avaliar o trabalho da população negra nessa porção de Salvador, a autora também contribui para fundamentar nossa visão acerca da maciça e importante presença negra na Preguiça (NOVAES, 2018).

Gomes, ao descrever o surgimento da cidade de Salvador na parte alta, relata a funcionalidade da Ladeira da Preguiça, chamada inicialmente de Caminho do Carro, que saía da altura em que hoje encontramos a Praça Castro Alves e seguia até a chamada Ribeira dos Pescadores (GOMES, 2017).

Figura 33 – Localização da Preguiça relativamente ao Solar do Unhão em 1801



Fonte: elaboração da autora, com base no "Prospecto" de Luís Vilhena (1801), disponível em http://www.cidade-salvador.com/imagens/sao-bento.jpg

Acima na figura 33 vemos no número 52, que está circulado de vermelho, o denominado Sítio da Preguiça no qual, segundo este mapa de Vilhena (1801), existiam muitos estaleiros. Ao seu lado direito, circulado de azul está o Solar do Unhão. Segundo Montoya Uriarte, se constituindo como muito mais do que uma ladeira:

> A Preguiça é o nome que a população local dá a uma área composta pela ladeira e algumas ruas adjacentes: a Gameleira (um trecho da Rua do Sodré, entre a Ladeira da Preguiça e a Praça Castro Alves), uma parte da Rua do Sodré (até o Beco de Ruth), uma parte da Ladeira de Mauá, o Beco da Califórnia e a parte de baixo da Ladeira. Até a década de 1980, incluiu também a Rocinha dos Marinheiros, um conjunto de uma centena de barracos que foram erguidos onde hoje há uma escadaria que liga a Avenida Contorno à Praça Castro Alves. (Montoya Uriarte, 2018, p. 6-7).

Sendo esta uma extensão que também compõe o CAS, Montoya Uriarte nos conta a respeito de quais vizinhos compõem o seu entorno, quem forma a Preguiça e como ela fica na relação com este entorno:

> Seus vizinhos na parte superior são, de um lado, a Praça Castro Alves e o cinema Glauber Rocha e, do outro, o bairro boêmio 2 de Julho. Na parte inferior, na

> belíssima paisagem da Baía de Todos os Santos, os vizinhos são extremamente ricos: a Bahia Marina e o condomínio residencial Trapiche Residence, de alto padrão. Diante dessa vizinhança, a Preguiça, com seus moradores pretos e pardos de baixa renda, pode ser considerada uma ilha. A praça renovada (atualmente em reforma), o cinema cult, o bairro em processo de gentrificação e os apartamentos luxuosos e iates ancorados na marina contrastam com as velhas casas, os becos de casinhas minúsculas, a economia de rua com diminutas vendinhas... (MONTOYA URIARTE, 2018, p. 7)

Essa importante configuração espacial reafirma o que este capítulo vem tentando demonstrar em relação à Gamboa de Baixo. Tanto nesta quanto na Ladeira da Preguiça, encontramos o mesmo entorno contrastante que cerca a comunidade, isolando-a, mas, também, um contexto com o qual interagem e que promove sua organização e resistência.

Figura 34 – Ladeira da Preguiça em 2019

Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem acima, figura 34, vemos um pedaço da Ladeira da Preguiça no ano de 2019, com suas casas pintadas e coloridas em ações fomentadas pelos próprios moradores, que coletivamente e com ajuda de parceiros, buscaram reconfigurar também esteticamente o bairro.

A Ladeira da Preguiça e a Gamboa, para além do fato de historicamente partilharem funções conectadas a questões portuárias em Salvador, dividem também as lutas em prol do CAS. Na pesquisa que realizamos colaborativamente para o dossiê coletivo sobre a Praia da Preguiça pudemos avaliar o quanto a praia satisfaz necessidades tanto de trabalho como de lazer para os moradores de ambas localidades, sendo que esta praia se encontra ameaçada até o

presente momento pela expansão de uma infraestrutura particular que trouxe consequências para os moradores e frequentadores desta por diminuir a faixa de possibilidade de usufruto destes.

***

Demonstramos até aqui, neste capítulo e no anterior, através de análises imagéticas e dados historiográficos, que o espaço em que a Gamboa se insere, região conhecida na época colonial como freguesia de Nossa Senhora da Vitória, estava intimamente ligada à reprodução da vida via mar.

As atividades marítimas se mostraram tanto meio de sobrevivência da população, como pudemos atestar através de imagens de homens que pescavam no entorno da Gamboa desde então, quanto constituindo importante parte da dinâmica portuária mais ampla na qual os dois portos da Gamboa estavam inseridos. O comércio realizado nestes espaços de circulação de produtos ajudou a compor o amplo quadro das atividades que eram exercidas na capital da Bahia em sua principal freguesia comercial, a Conceição da Praia, vizinha da Gamboa.

Ademais, analisamos posteriormente como o século XIX foi determinante no que tange às grandes diretrizes políticas para Salvador, em especial para as suas atividades comerciais marítimas, impactando profundamente no comércio via mar que até então era pautado pela ação de portos particulares, sem nenhuma unificação por parte do Estado. Com a advento de novas tecnologias, se iniciou, em meados do século XIX, se consolidando posteriormente em meados do século XX com a construção da Avenida Contorno, o que consideramos ser o começo da fragmentação de um espaço que, mesmo pequeno e distante do núcleo central, se encontrava até então plenamente integrado à dinâmica espacial da cidade.

Por fragmentação compreendemos a dissolução de importantes conexões físicas da Gamboa com o seu entorno fazendo com que o espaço da comunidade que outrora, mesmo afastada do núcleo de Salvador, esteve incluída economicamente em seu espaço, ficasse apartada da cidade que tinha crescido e continuava em processo de expansão e remodelamento urbano. Em nossa pesquisa avaliamos que o empreendimento Bahia Marina, construído durante a década de 1990 nas imediações da Gamboa de Baixo, promoveu um cerceamento ainda maior da comunidade, o que atestamos através de relatos de moradores usuários da praia como também de pescadores, trabalhadores do mar que tiveram comprometida a sua labuta cotidiana, depoimentos que em conjunto expuseram que o cerceamento e isolamento promovido pela

Bahia Marina não ocorreu apenas no campo material como também nas relações sociais e subjetivas de pessoas da comunidade.

O isolamento espacial da comunidade, promovido pela Avenida Contorno, a Bahia Marina e o contraste evidente com os bairros privilegiados, vizinhos de cima, não deve, contudo, levar-nos à conclusão de um isolamento social de sua população. Apesar de avaliarmos como danosa a ação desses projetos analisados neste capítulo, percebemos também como existe uma relação entre os moradores da Gamboa de Baixo e seu entorno, apresentando que, embora isolados, a vida material da comunidade encontra uma conexão econômica com estes seus vizinhos através do comércio e serviços que um e outro estabelecem entre si.

Descrevemos a relação da Gamboa de Baixo com dois de seus vizinhos de similares condições socioeconômicas por compreendermos que o entendimento deste entorno da comunidade é um fato indispensável para analisarmos a dinâmica espacial mais ampla em que está inserida a Gamboa de Baixo. O exame de seus vizinhos de cima e da parte baixa da encosta pretendeu avaliar quais repercussões nas barreiras à Gamboa de Baixo estas conexões com à sua vizinhança podem suscitar.

4 CERCOS DO SÉCULO XXI À GAMBOA DE BAIXO E OS CAMINHOS DA COMUNIDADE PARA ENFRENTÁ-LOS

Seguindo a ordem cronológica usada como fio condutor dos capítulos desta dissertação para descrever e entender a atual comunidade da Gamboa de Baixo, neste terceiro e último capítulo, trataremos da sua situação no presente e como moradores da Gamboa de Baixo conseguem ultrapassar os limites de uma comunidade cerceada. Partimos de uma descrição física da Gamboa de Baixo, as formas de habitar que nela encontramos e seus dados socioeconômicos. Avaliamos os estigmas e violências que sentem e percebem os moradores da comunidade. Posteriormente avaliamos as formas de organização que vimos e que atuam como formas de furar o cerco imposto à Gamboa de Baixo. Adentramos depois em formas de sobrevivência de alguns dos seus moradores e como eles vivem o entorno em que moram. Descrevemos como através da identidade eles se fortalecem para estabelecer relações para fora da comunidade, e como este caminho repercute na imagem da Gamboa de Baixo na cidade. Estes aspectos nos parecem importantes de serem trazidos aqui, pois todos eles dizem respeito a tentativas de romper com as barreiras impostas pelo cerco à comunidade, abordado no capítulo anterior. Para além das fontes historiográficas, dos dados socioeconômicos, das conversas e observações executadas ao longo dessa dissertação, utilizamos com mais ênfase nesse capítulo os depoimentos de alguns moradores na perspectiva de que as suas relações, práticas, desafios, resistências e inovações se filiam à condição histórica que ao longo dessa dissertação foi pormenorizada. Isto implica que, as transformações e permanências por que a Gamboa passou ressoam na dinâmica cotidiana do espaço que se transformou na comunidade Gamboa de Baixo.

4.1 OS CERCOS DO SÉCULO XXI: POBREZA, ESTIGMAS, VIOLÊNCIA E DROGAS

a) Descrição física do espaço da Gamboa de Baixo;

Para chegar à Gamboa de Baixo não é preciso percorrer grande distância se partirmos do Campo Grande, por exemplo. O caminho mais conhecido passa pela Contorno, famosa obra que abordamos no capítulo anterior e um dos marcos das alterações físicas da Gamboa. Para quem vem pelo Campo Grande é possível acessar a Gamboa de Baixo descendo o Forte de São Pedro. Ao passar próximo à vizinha Gamboa de Cima é necessário atravessar a rua com esse mesmo nome para então chegar ao terreno conhecido como Pracinha, no qual há uma escada que fica abaixo do nível da pista e que muitos desatentos, ao cruzarem de carro a avenida mal percebem. A Pracinha é como os moradores denominam essa porção de terra que entrecorta o

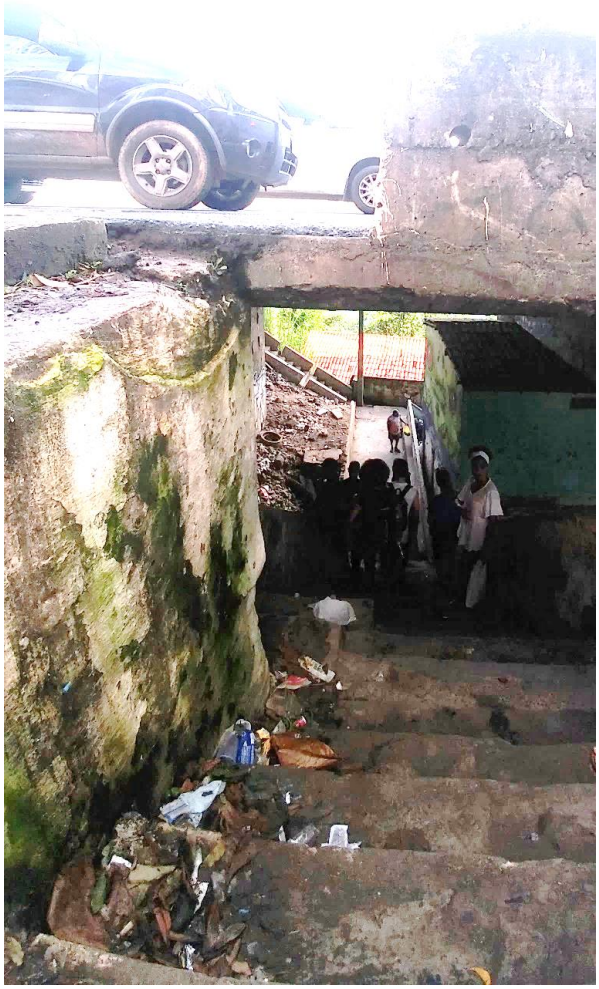
fluxo das diversas pistas e que, margeando a Contorno, lhe confere também um visual diferente, já que há nela bancos e vistosas árvores frondosas. Em seu entorno costumam ficar muitos carros estacionados.

Figura 35 – Vista da Pracinha a partir da rua da Gamboa de Cima e destaque para a escada

Fonte: Elaborado pela autora sobre a base do Google Maps (2019)

Acima, na figura 35, na lateral do local em que estão os diversos carros estacionados se encontra a escada que é a entrada por debaixo da pista, em destaque vermelho na fotografia. Ao descer por ela nos deparamos com um ambiente em que não há marcações ou placas explicativas, com degraus necessitando de manutenção. Esta é uma região bastante escura já que a pista se encontra acima de quem desce. No final dessa escada, à direita, começam a aparecer as casas e pequenos comércios da comunidade. Abaixo, na figura 36, vemos a descida da escada da Pracinha e rodas de carros que passavam pela Avenida Contorno, o que nos dá uma perspectiva da pista e da comunidade que desponta abaixo:

Figura 36 – Escada da Pracinha e acima a pista da Avenida Contorno



Fonte: Arquivo pessoal

Tanto a escada da Pracinha quanto a escada de frente para a pista, em que está a mureta branca na figura 35, são os meios principais que usam os moradores no seu ir e vir entre a Gamboa de Baixo e seu entorno, mas há ainda outros[12] acessos à comunidade, porém de igual precariedade quanto à sua estrutura física.

Na chegada à comunidade, após descer a escadaria apresentada na figura 36, duas ruas separam os caminhos da Gamboa de Baixo, de um lado a Hamilton Sapucaia e do outro a Barbosa Leal. Há ainda uma terceira rua dentro da Gamboa de Baixo que se chama rua da Resistência. Quando vemos as casas que surgem ao terminar a escada podemos notar como a

[12] Estes outros acessos referidos são outras escadas menos usuais, mas que ocorrem nas proximidades da mureta branca também.

superfície debaixo da pista foi aproveitada pelas pessoas para construírem suas habitações ou mesmo pequenos "comércios de porta[13]". Neste trecho, os imóveis ocupam um lado, enquanto do outro, além de existirem algumas casas, se avista o mar e a comunidade a se estender pela encosta. A Gamboa de Baixo está assentada sob uma encosta na orla de Salvador[14], o que lhe confere uma inclinação e disposição diferenciada ao longo de toda a sua extensão, sendo suas ruas conectadas por escadas pequenas e grandes.

A imagem abaixo, número 37, nos mostra alguns dos prédios do Corredor da Vitória, bairro contíguo a Gamboa de Baixo e que apresenta com evidência a distinta condição do vizinho em termos estruturais. A imagem nos revela, ainda mais detalhadamente, a pequena faixa do entorno da Gamboa de Baixo a partir da entrada dos arcos seguindo pela rua Hamilton Sapucaia:

Figura 37 – Vista a partir da Hamilton Sapucaia

Fonte: Arquivo pessoal

As ruas da Gamboa de Baixo são compridas, porém estreitas. Tomadas por casas que demonstram que as construções não seguiram um padrão nas habitações. Nos momentos em que pudemos observar as ruas, elas estavam quase sempre ocupadas por visitantes ou moradores: na chegada via escada da Pracinha há, em sua maioria, homens jovens próximos

[13] Comércio de porta é uma típica expressão baiana para denominar o pequeno comércio praticado na porta da própria casa da pessoa.
[14] Para mais detalhes sobre a formação geológica do litoral de Salvador ver SILVA FILHO, 2008.

tanto a ela quanto às escadas internas que levam às ruas da comunidade. Ha também muitos homens, senhores mais velhos, próximos ao mar, seja na porta de suas casas interagindo com outros seja trabalhando em algo relacionado à pesca. Abaixo, nas figuras 38 e 39, as ruas – parte em forma de escadaria ou descidas inclinadas – da comunidade:

Figura 38 – Moradias e ruas da Gamboa de Baixo

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 39 – Outras moradias e ruas da Gamboa de Baixo

Fonte: Arquivo pessoal

As imagens 38 e 39 são importantes para percebermos como são muitas das fachadas das moradias na Gamboa de Baixo, e para além do aspecto externo das habitações, podemos desvendar alguns elementos como a má condição estrutural das ruas, com buracos e paredes com infiltrações. A maioria das casas são pintadas, mas algumas ainda mostram seus tijolos denotando inconclusão. Certa manhã pudemos ver em uma das construções um mutirão dos próprios moradores para fazer a laje da casa de algum vizinho. Não há um padrão quanto ao tamanho das casas, algumas parecem muito maiores, outras parecem conter apenas um ou dois cômodos no máximo. A grande dificuldade apontada por alguns moradores é a limpeza das ruas – por mais de uma vez ouvimos moradores reclamando da falta de cuidado de outros com as ruas em que moram e o lixo depositado nelas. De fato, quando entramos na comunidade, há um impacto visual causado pela quantidade de lixo depositado inclusive na escada que vem da Pracinha, com essa situação melhorando em algumas ruas e nas portas específicas dos moradores que parecem mais zelosos.

A Gamboa de Baixo tem 609 moradores nas casas pesquisadas pelo cadastro multirreferenciado, o que correspondendo a 80% de sua comunidade[15]. Esta população habita em um espaço relativamente pequeno, sendo a maior parte das casas coladas umas nas outras. São 258 domicílios, a maior parte, 191, ocupados por apenas uma família (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 33). Este dado aponta para o fato de não ser uma comunidade tão grande: com apenas três ruas como descrevemos acima, se pode chegar da Contorno até a beira do mar em cerca de cinco minutos de caminhada. Ao analisar a imagem número 40 e diante da informação de que a maior parcela dos imóveis abriga apenas uma família, vejamos abaixo a configuração espacial de grande parte da Gamboa de Baixo:

[15] O cadastro multirreferenciado, realizado em 2017, foi uma pesquisa sobre dados socioeconômicos e cadastro afetivo da Gamboa de Baixo, que foi elaborado pela Faculdade de Arquitetura da UFBA em parceria com a Bartlett DPU e do qual participaram 206 casas da Gamboa de Baixo, o que forma um percentual de 80% do total de domicílios da comunidade, que tem 258 casas (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017)

Figura 40 – Visão de um pedaço da Gamboa de Baixo

Fonte: Arquivo pessoal

A fotografia 40 nos revela, quanto à disposição dos imóveis, que a Gamboa de Baixo é feita por casas coladas. Verificamos que esse padrão se estende das habitações mais próximas do mar até as próximas à pista, com suas casas mais novas que algumas antigas à beira-mar. Como a Gamboa de Baixo é limitada acima pela Avenida Contorno e abaixo pelo mar, as construções cresceram verticalmente na comunidade, sendo esta a única possibilidade para que as famílias em expansão possam permanecer no local. O terreno para construção de novas unidades habitacionais não é tão amplo e pela imagem vemos que a Gamboa de Baixo é densamente habitada. Pela fotografia podemos ver que quase todas as casas são bastante estreitas e parecem possuir mais de um pavimento, mas ao circular internamente, constatamos a existência de outros modos de construção que contam com apenas um andar. Uma outra característica que notamos é que existem imóveis na Gamboa que estão sendo ampliados, ou mesmo sendo construídos nos terrenos que restam, com alguns deles tendo mais de um pavimento.

Ainda que alguns componentes do saneamento básico estejam presentes nas casas da Gamboa de Baixo, não podemos falar em uma cobertura satisfatória dessa infraestrutura básica, na medida em que alguns índices revelam ainda a precariedade destes componentes na comunidade. Sabemos que a Gamboa de Baixo, por se inserir em uma zona de encosta de Salvador, tem uma formação geográfica diferenciada, o que implica nas dificuldades de acesso

de moradores e demais pessoas, mas que a comunicação é realizada entre os diversos caminhos de escadas que se conectam internamente e com o meio externo da comunidade. Esse fator geomorfológico somado aos acessos existentes influenciam, segundo depoimentos de moradores, na coleta de lixo que não é realizada pelo poder municipal, o que acarreta ainda maiores dificuldades para os habitantes da Gamboa de Baixo. Desse modo, eles não contam com esta cobertura da Prefeitura de Salvador e, segundo dados do cadastro multirreferencial, o maior percentual de moradores, 75%, precisa se deslocar até a altura da pista para dispensar seu lixo em um reservatório instalado na Avenida Contorno, que então a prefeitura recolhe (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 34).

b) Dados socioeconômicos dos moradores da Gamboa de baixo;

As 609 pessoas estão repartidas numa proporção quase igual entre homens e mulheres: 51% são mulheres e 49% homens (FAUBA; Bartlett DPU, 2017, p. 18). O maior percentual dos moradores é formado por adultos: 60% dos moradores da Gamboa de Baixo se encontram na faixa entre 19 e 59 anos. Há um número significativo de crianças, entre 0 a 11 anos, 20% (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 18). A presença das crianças é notória desde a entrada da Gamboa de Baixo: próximo aos comércios de porta vemos muitas crianças correndo, caminhando ou brincando, supervisionadas geralmente pelas mães, e há muitas também na praia ou mesmo no mar, suas risadas e distrações são avistadas e ouvidas por toda a comunidade. Já o número de adolescentes, entre 12 a 18 anos, é menor: apenas 12% dos moradores, o que nos chama a atenção, pois pode indicar a possibilidade de que eles saíram do bairro ou, como acontece com frequência, foram mortos devido à violência que emerge do tráfico de drogas ou policial. Os idosos formam o menor grupo: estes moradores com 60 anos ou mais são apenas 9% da população. Do total de entrevistados que nasceram na Bahia, 193, temos 154 moradores da Gamboa de Baixo declarados naturais de Salvador (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 20).

Quanto à identificação étnico-racial, cerca de 59% dos entrevistados, 121, se declararam negros (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 19). Somando negros e pardos, temos o total de 173 pessoas, o que representa 84% dos entrevistados.

No que se refere à renda familiar, obtida por imóvel, quase metade das 206 casas (100 famílias) têm renda de até um salário mínimo (entre R$ 468,50 a R$ 937,00) e praticamente um quarto delas (41 famílias) têm renda de até meio salário mínimo (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 27). Trata-se, portanto, em sua grande maioria, de uma população com recursos muito parcos.

Importante destacar que, de acordo com dados do IBGE do ano 2017, o salário médio mensal dos trabalhadores formais em Salvador era de 3,4 salários mínimos (IBGE, 2019).

Na variável nível de escolaridade, do universo de 609 moradores, o percentual dos que têm alguma escolaridade na Gamboa de Baixo é de 82%, com somente 5% deles tendo completado o nível médio, embora os dados apresentem uma faixa de 15% de falta de informações[16] e os autores se refiram a alguns moradores que ainda estão encaminhando os estudos (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 22), o grau de escolaridade na comunidade é baixo.

Ao analisarmos estes dados de identificação racial atrelados à renda familiar e ao nível de escolaridade podemos, por exemplo, entender como a relação entre raça, renda e escolaridade incide na dificuldade em acessar oportunidades de empregos mais bem remunerados, que exigem maior qualificação, o que explica, consequentemente, o baixo percentual de pessoas negras conseguirem tanto boas posições profissionais como renda que as possibilite viver com dignidade, podendo gozar de bens e serviços.

c) Os estigmas por que passam os moradores da Gamboa de Baixo;

Goffman em seu estudo sobre estigma analisa o papel das preconcepções que envolvem um julgamento à priori do indivíduo e como desse modo, ao descrever a possibilidade com que podemos atribuir características pré-determinadas ao outro, criamos uma condição de estigma para ele, o que traz implicações à sua identidade social (2008, p. 12). A respeito do estigma, compreendido como predicado que deprecia, o sociólogo avalia como as pessoas consideradas normais efetuam discriminações que, por vezes, podem reduzir as possibilidades de vida daquele que é estigmatizado (GOFFMAN, 2008, p. 12-13). Para este autor, tratar de estigma não é falar apenas de predicados, mas de relações (idem). Quanto as implicações das ações dos tidos como normais na sociedade e o papel destes na vida daquele que é o estigmatizado Goffman, utilizando-se da terceira pessoa, afirma ainda sobre estes ditos normais: “Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 2008, p. 15).

Nesse sentido, traremos adiante neste capítulo uma análise da festividade de Iemanjá por compreendermos que este evento se liga a um processo tanto de reafirmação da identidade

[16] Os autores se referem na página 22 ao percentual de 15% de falta de informações sobre escolaridade, mas não explicam o porquê, do que concluímos que tal percentual se trata dos dados que eles não conseguiram captar dentro do universo de 609 moradores considerados no quesito referido.

dos moradores da Gamboa de Baixo como a uma reinvenção da imagem de sua comunidade diante da cidade.

Recuperamos a vinculação de pobreza e estigmatização, debatida por alguns autores[17], por constatarmos ao longo do trabalho de campo que muitos moradores da Gamboa de Baixo descrevem sua comunidade através dessa relação, acrescida da violência e preconceito racial que também compõem o quadro de estigmas que sofre a comunidade. Nesse sentido, tendo como pressuposto a identidade enquanto criação e recriação constantes, compreendemos que "[...] a construção social da identidade se produz sempre num contexto caracterizada pelas relações de força [...]" (MUNANGA, 2003, p. 3), o que implica afirmar que a festa de Iemanjá, atuando enquanto formação e reafirmação de identidade da Gamboa de Baixo, é um contraponto que compõe a esfera de luta da comunidade no que diz respeito à sua imagem.

d) A violência sentida e percebida pelos moradores da Gamboa de Baixo e a questão das drogas.

A Gamboa de Baixo ainda luta muito pelo reconhecimento de sua identidade enquanto comunidade tradicional pesqueira e pelo direto à habitação e permanência no território atual. Para compreender o seu panorama presente, precisamos considerar toda a resistência dos moradores em prol de assegurar melhorias na infraestrutura da localidade, a luta destes contra a expulsão ou realocação de membros e as dificuldades enfrentadas a partir do estigma que a Gamboa de Baixo sofre, pois essa é uma comunidade retratada como perigosa e violenta na cidade, um processo ao qual nos referimos anteriormente.

A segurança e os estigmas sofridos pelos moradores da comunidade são temas que são percebidos por muitos deles. Ao conversarmos com Mônica, que na Gamboa de Baixo comanda o bar que leva seu nome, perguntamos se a chegada dos seus clientes pela Avenida Contorno fica comprometida em termos de segurança, pelo fato de na Avenida Contorno circularem muitos usuários de drogas. Mônica nos contou que quanto a afetar influi:

> *"Pouco, porque quando a polícia chega eles não olham assim quem é cliente, quem é de fora e quem é de dentro. Eles chegam botando pra lá quando tem, graças a Deus parou mais... Aqui no meu bar já chegou polícia é, abordando, graças de Deus não foi com violência, abordando, os clientes foram compreensivos, cederam, tudo bem, beleza e eu já tive cliente queixa assim de*

[17] Para mais leituras e um panorama das questões referentes à estigmatização e pobreza consultar MOURA JR. e SARRIERA, 2016; MOURA JR. e XIMENES, 2016. Para uma discussão acerca da estigmatização do espaço ver FERNANDES, 1997.

> *um cliente na semana passada que veio, comeu, adorou a Gamboa, adorou tudo só que quando subiu foram abordados na ladeira pela polícia.. Pediu documentação, beleza... eu espero... Mas já ficou aquele negócio assim... 'será que eu volto?'. Aí eu peguei e falei com ela, disse 'não, menina, você agora vem pelo mar, já que por cima você acha que tá ruim por causa do que aconteceu, da abordagem, você vem por baixo' porque a abordagem eu acho normal, a partir do momento que não venha com violência..."*

Monica nos contou que a presença, com truculência, por parte da polícia aconteceu em alguns momentos e que os moradores inclusive já bloquearam a Contorno para poder mudar essa situação. Também relatou que a rota marítima de chegada ao seu bar tem ajudado muito por criar um outro caminho.

O relato de Adriano demonstra quão distinta pode ser a percepção quanto à violência e insegurança na perspectiva de um morador da Gamboa de Baixo. Dentro da comunidade, Adriano se sente protegido e quando vai aos outros bairros, nos contou, ele se sente inseguro:

> *"Muitas vezes eu deixo até de sair pra ir pra bairro distante, com medo de pegar um ônibus, de assalto, eu posso até ir, mas se for de pegar um uber, aí eu vou, mas fora isso eu não vou, porque eu tenho medo de assalto em ônibus... Eu não falo nem em questão dos bairros, eu não tenho medo de ir nos bairros, porque são bairros periféricos que é igual ao meu... Não tem uma distinção. Eu falo da questão mesmo de andar rua, de andar dentro de um ônibus, então isso eu não me sinto seguro. Eu tenho medo... Segunda-feira passada mesmo eu tive que ir no Itaigara, mas chamando por Deus... Porque eu hoje em dia tenho medo de pegar ônibus."*

Um dos moradores com quem conversamos nos contou que a configuração da Gamboa de Baixo mudou um pouco e que se outrora era possível deixar o celular na janela e dormir de portas abertas, os moradores mais antigos já não têm coragem de o fazê-lo. A comunidade começou a ser frequentada por pessoas de fora que passaram a circular e a morar na Gamboa, e ele disse que não conhece os tipos de pessoas que têm aparecido lá, o que lhe gera não medo, mas receios. Ainda segundo este morador, ao receber amigos de fora da Gamboa de Baixo ele os avisa que lá dentro da comunidade podem ficar seguros, mas que ele não pode garantir que nada vai acontecer passando da Contorno, já que não tem controle.

Perguntamos a Valmir, 42 anos, peixeiro, que atualmente trabalha no Centro, abaixo do viaduto do Campo Grande, sobre a movimentação do centro, como ele via o entorno, se lhe parecia tranquilo e como ele percebia as imediações em termos de convivência com os usuários de drogas que frequentam este pedaço da cidade. Valmir nos afirmou que os usuários que circulam por aquele meio tanto respeitam ele como os seus clientes, que os usuários sabem que ele mora na comunidade da Gamboa de Baixo e então não incomodam e que, quanto aos clientes, estes vão até o local em que ele trabalha sem medo. A situação vivida por Valmir com

a presença dos usuários de drogas próximos ao seu ambiente de trabalho expressa uma realidade que não faz parte apenas da vivência dos moradores da Gamboa de Baixo, mas de outros bairros do centro da cidade[18]. A mureta que envolve a Avenida Contorno é um ponto em Salvador no qual costumamos encontrar muitos usuários de drogas. Apesar de termos tido poucas conversas com o público daquela estreita faixa em frente à qual os carros passam em alta velocidade, as nossas interações ao subir e descer as escadas ocorreram sempre de modo amistoso.

Ao tratarmos da violência e da segurança, a liberdade foi a palavra evocada por seu Edvaldo, 51 anos, mais conhecido como Vadinho, morador e pescador da Gamboa, e que ao comentar as diferenças existentes entre a Gamboa de Baixo e os bairros que frequenta nos contou:

> *"A liberdade. Que tem muitas vezes que nós têm aqui e outros bairros você não tem né... Isso aqui é um lugar que você pode ficar tranquilo... Ainda mais hoje em dia do jeito que tá a violência, do jeito que tá outras coisas comandando... Hoje tá um negócio muito sério. Até pra você sair hoje pra ir pra um bairro pra beber, pra coisa hoje, cê não pode...".*

Acerca da percepção da Gamboa de Baixo na cidade de Salvador Verinha afirmou que qualquer bairro do país inteiro tem problemas, mas a Gamboa de Baixo sofre muito com o preconceito. Ela contou que, assim como outros moradores, tem medo da Contorno e que os próprios moradores da comunidade também são assaltados, mas que dentro da Gamboa de Baixo não é essa a realidade.

A pescadora relatou ainda que as pessoas que fazem a travessia imaginam a comunidade de um jeito e quando chegam na Gamboa de Baixo percebem como é diferente do que é publicado sobre ela. A Gamboa de Baixo aparece retratada como um ambiente de criminalidade, que tem drogas e no qual as pessoas vão ser assaltadas. Segundo ela, em todos os bairros existem problemas desse tipo, porém, muitos gozam de um respeito que a Gamboa não tem diante da sociedade.

Ela disse que para a comunidade, a Avenida Contorno surgiu com um impacto de *"negatividade perante a sociedade... Com aquela divisão de pista, o povo passa e já olha a gente com negatividade. Porque olha pra você como se dissesse assim 'baixo', 'eu tô aqui em cima e sou superior, você tá la embaixo você é inferior'"*.

Sobre os estigmas enfrentados pela Gamboa de Baixo, Verinha relatou a dificuldade quando vai em alguma loja comprar algo e fala a localização em que mora, pois, há muitos problemas para que que o produto seja entregue no seu endereço. Verinha comparou essa realidade com a de outros bairros que têm ladeiras e são complicados, mas que o produto ainda

[18] Para uma discussão mais detalhada sobre usuários de crack no centro de Salvador ver Malheiros, (2013).

assim chega ao destino, "*mas porque é Gamboa, se você disser que é lá embaixo eles não querem descer! Não existe isso!",* afirmando que se trata de um preconceito. Segundo ela, a vizinha Gamboa de Cima, por exemplo, goza de um tratamento diferenciado.

O estigma de lugar violento é tamanho que, quando nos deslocávamos para a Gamboa de Baixo, paramos para esperar o encontro de Ana e fomos assaltados na Avenida Sete, em frente ao portão do Teatro Vila Velha, contudo, todas as pessoas com quem conversamos sobre o ocorrido, no primeiro impulso diziam "*isso é coisa daquele pessoal de lá de baixo, da Gamboa*". Na delegacia, para registrar o boletim e junto à Ana, que amigavelmente nos acompanhou, enquanto uma reportagem estava sendo transmitida sobre algum roubo ou furto ocorrido na cidade ouvimos, "*Isso é coisa de gente da Gamboa!".*

A fala acima foi de um servidor público e demonstrou o que viemos explicando até agora quanto ao estigma e violência nos diversos espaços de Salvador por que passam os moradores da Gamboa de Baixo. Não bastassem todas as condições precárias de infraestrutura de que não gozam os moradores, este dia demonstrou para nós como nos espaços institucionais é possível encontrarmos reproduzidos os discursos e estigmas que perseguem as pessoas da comunidade e como as forças policiais e suas incursões são marcas presentes nas conversas e lembranças dos moradores.

Ademais, a noção de lugar violento, que muito do imaginário soteropolitano reproduz sobre a Gamboa de Baixo, quando comparada à noção dos próprios moradores sobre o restante de Salvador, torna esta última muito interessante pela imagem que os habitantes da comunidade possuem dos demais bairros da cidade. Ainda que mais recentemente a Gamboa de Baixo esteja recebendo novos fluxos de pessoas, para alguns dos moradores antigos, estar seguro continua sendo estar em casa, estar na Gamboa de Baixo, pois é nela que se garante a segurança e fora dela não há controle do que pode acontecer.

4.2 AS ESTRATÉGIAS ORGANIZATIVAS PARA ENFRENTAR O CERCO: A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E A ARTICULAÇÃO

Nesse subcapítulo trataremos das lutas que os moradores travam há algum tempo para assegurar sua moradia na Gamboa de Baixo e as contribuições que as relações coletivas, tanto a partir dos próprios moradores e sua organização, bem como, de parceiros como Articulação do Centro Antigo, geram no processo de enfrentamento contra o cerceamento imposto à Gamboa de Baixo.

a) Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo;

Como vimos, a vida na Gamboa de Baixo ganhou uma nova dimensão quando ocorreu a construção da avenida Lafayete Coutinho, pois a comunidade se viu apartada dos demais bairros vizinhos, como por exemplo dos Aflitos e do Campo Grande (PERRY; CAMINHA, 2008). Segundo estas autoras, muitos moradores tentaram resistir à demolição de suas casas no período da obra do governo estadual, mas não conseguiram reverter a situação. Elas afirmam também que, desde então, a Gamboa de Baixo encontrou muitas dificuldades para existir, tendo acesso dificultado às outras partes da cidade, por se encontrar isolada, enfrentando além disso, difíceis condições de vida devido à falta de infraestrutura da Gamboa de Baixo (PERRY; CAMINHA, 2008).

Perry e Caminha afirmam que a Gamboa de Baixo pós avenida Contorno se tornou mais violenta e denominam o quadro das desigualdades presentes na comunidade como *socioespaciais-raciais*, sendo este, consequência da nova conformação da Gamboa de Baixo, que se agravou ao longo dos anos com o abandono pelo poder público. Contudo, ambas declaram que a luta por moradia digna desde essa época, fez emergir na comunidade da Gamboa de Baixo um campo de enfrentamento ocupado por mulheres negras, que tem pautado, desse momento em diante as questões mais problemáticas da comunidade (PERRY; CAMINHA, 2008). Consideramos que o isolamento a que foram submetidos dentro da cidade de Salvador fez surgir nos moradores da Gamboa de Baixo um senso de comunidade, na medida em que, ao serem tornados uma espécie de gueto, a luta desses moradores mobilizou uma constituição coletiva. A respeito da participação feminina na luta por moradia e permanência no espaço encampada pela Gamboa de Baixo, em nossa pesquisa de campo temos percebido que são as mulheres, em sua maioria, quem de fato estão inseridas nas atividades comunitárias.

Durante a década de 1990, Perry e Caminha (2008) relatam que com o projeto de revitalização da Avenida Contorno uma nova preocupação para a comunidade se instalou, pois, a ideia inicial do governo do Estado foi a retirada das comunidades do local que viviam, o que incluiria a Gamboa de Baixo que, apesar da ameaça conseguiu resistir, fato que não aconteceu com outros, como a comunidade Água Suja, que ficava na altura em que foi instalado o Parque das Esculturas do MAM-BA:

> O que de fato ficou desse embate com o poder público foi a percepção das lideranças sobre a necessidade de um fortalecimento de suas ações por meio do estabelecimento de parcerias com outras organizações. Revelou-se, ainda, a necessidade de transposição dos limites de suas lutas específicas para a compreensão de um contexto mais amplo em que as questões raciais e de gênero são fundamentais para o próprio entendimento do estado de abandono

> e privação de benefícios e direitos da comunidade. (PERRY; CAMINHA, 2008, p.135).

No ano de 1992, a Gamboa de Baixo foi acometida por uma epidemia de cólera e a partir desse acontecimento a luta em prol da comunidade ganhou respaldo legal através da criação da Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo. Gegê, foi como ficou conhecido Geraldo Nascimento de França, morador da Gamboa de Baixo, que morreu durante o surto de cólera de 1992 e virou símbolo da luta da comunidade pelo saneamento, dando nome à Associação que viria posteriormente se constituir e que representa um marco na luta pela permanência no local (ZANOLI, 2017, p.85-86). Os primeiros enfrentamentos da recém-criada organização foram por saneamento básico e infraestrutura (VIRGENS, 2018, p. 13). Atualmente, acompanhando moradores da comunidade, percebemos que um dos principais temas deles é a regularização fundiária, importante para que a população consiga acessar políticas públicas voltadas à melhoria da infraestrutura física do local em que residem.

A questão da habitação na Gamboa de Baixo foi marcada em meados de 1990 pela ação do governo do Estado que, em 1995, criou o Programa Habitacional Viver Melhor, capitaneado pela Habitação e Urbanização da Bahia (URBIS), e que tinha como objetivo intervir no arranjo urbanístico de Salvador na questão do seu déficit habitacional (OLIVEIRA, 2007, p. 95-96). O Viver Melhor alcançou 201 famílias da Gamboa de Baixo durante esse período (OLIVEIRA, 2007, p. 102).

Segundo dados do cadastro multirreferenciado[19], 191 casas possuem água encanada, 200 dispõem também de rede de esgoto, porém 144 não possuem um sistema para drenar as águas das chuvas (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 33-35). Estes dados nos mostram que, apesar de a maioria dos imóveis possuírem água encanada e rede de esgoto, a falta de drenagem nos imóveis é um fator alarmante na Gamboa de Baixo, o que pode contribuir para a deterioração das unidades residenciais, trazendo perigo às construções e condição insalubre às moradias. Conforme o citado estudo, quase todas as casas possuem energia elétrica, rede de esgoto e água encanada, entretanto nas habitações da Rua da Resistência, a falta de água é um problema usual (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 33).

Vimos ao longo do primeiro e do segundo capítulo que a Gamboa sofreu com intensas transformações que ocasionaram impactos na moradia de seus habitantes históricos: desde as modificações da região portuária de Salvador, passando pelo marco da Avenida Contorno e chegando até a disputa com o Bahia Marina pela área de pesca e sobrevivência. Segundo dados

---

[19] Lembramos que a Gamboa de Baixo tem 258 casas e 52 não participaram do cadastro multirreferenciado (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 17).

encontrados no cadastro multirreferenciado relacionados à propriedade dos imóveis, 171 pessoas se declaram proprietárias, mesmo não possuindo as escrituras dos imóveis. (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 35).

Ana nos relatou que uma das questões prementes na sua luta enquanto líder é a que envolve as famílias que moravam dentro do Forte de São Paulo da Gamboa. A disputa com as instâncias governamentais tanto no nível federal quanto municipal, a respeito do Forte e seu uso, ainda não chegou a uma solução e agora a discussão a respeito das ZEIS tem tomado também o tempo e a luta de Ana e dos moradores dentro do espaço de atuação da Associação. A seguir, a figura 41 mostra o Forte e podemos ver dentro um pouco de sua ocupação por moradias.

Figura 41 – Vista de trecho do Forte de São Paulo da Gamboa

Fonte: Arquivo pessoal

As ZEIS, que se constituem como um importante mecanismo capaz de assegurar a permanência e melhoria das condições para as comunidades quando regulamentada, foi um instrumento criado a partir das legislações urbanísticas que surgiram com o estatuto da cidade, de 2001. As ZEIS são zonas criadas "[...] com o propósito de consolidar os assentamentos urbanos no território, garantindo sua urbanização, infraestrutura adequada, produção habitacional e criação de parâmetros urbanísticos específicos para essas áreas" (VIRGENS, 2018, p. 24). Ainda conforme o autor, a ZEIS que inclui a Gamboa de Baixo é a de número 5, que abrange também o Unhão (VIRGENS, 2018, p. 16). Esta ZEIS compreende uma área de comunidade tradicional, identidade revelada pela prática pesqueira e, segundo Virgens, representa a possibilidade de assegurar o direito à cidade por essas comunidades com trajetória histórica e cultural diferenciadas (VIRGENS, 2018, p. 24).

No bojo da discussão sobre regularização fundiária e regulamentação da ZEIS que a Gamboa está incluída, um dos graves problemas enfrentados pela comunidade diz respeito a possível remoção e realocação interna das famílias que moravam no forte. A extensão do Forte foi ao longo de muitos anos se constituindo como zona de moradia dentro da Gamboa de Baixo, que reivindica que assim ele deve ser mantido, tendo como proposta a função de uso misto pelos moradores da própria comunidade.

A problemática tem contornos muito complexos, pois a terra em questão é objeto de uma disputa da comunidade com órgãos dos poderes públicos, conflito este que começou com a Superintendência de Patrimônio da União (SPU), que no ano de 2007 cedeu à Prefeitura de Salvador tanto o terreno da Gamboa de Baixo quanto o do Unhão, com o objetivo de promover a regularização fundiária, demanda imprescindível da comunidade para poder assegurar sua permanência. A Prefeitura de Salvador, contudo, não conseguiu efetivar ~~a~~ sua obrigação no tratado e a área cedida voltou para SPU no ano de 2012 (VIRGENS, 2018. p. 14-15).

O cotidiano de Ana, à frente da Associação, é entrecortado tanto pelas suas atividades para sobreviver como por pautas políticas que ela enquanto líder comunitária está à frente, o que a faz construir e costurar diversas pontes de apoio para alavancar as lutas pela Gamboa de Baixo. Assim, no meio de fevereiro de 2019, estivemos presentes em uma visita de políticos da gestão municipal à Gamboa de Baixo. A realização do evento contou com agentes da administração pública municipal, incluindo o vice-prefeito de Salvador, que entregaram novas escadas de acesso à comunidade, iluminação pública e prometeram obras de infraestrutura na comunidade junto com outros políticos da capital.

E foi durante o ano de 2019, no segundo semestre, no dia oito de julho, que a casa da moradora Gleide Santos sofreu um desabamento devido às fortes chuvas que tomaram Salvador naquele inverno, fato que impulsionou o aumento das pressões da comunidade junto com seus colaboradores para que providências fossem tomadas em prol da melhoria da infraestrutura da Gamboa de Baixo. A casa de Gleide teve parte de sua estrutura abalada ao receber os impactos de uma outra casa acima, o que acabou condenando o seu imóvel. O desabamento desencadeou conversas com os poderes públicos: tanto com agentes da Prefeitura quanto com agentes do Estado. Foi um momento que, para além dos órgãos, foram mobilizados estudantes, professores, colaboradores, moradores de outras comunidades e parceiros da mesma luta, os quais formaram uma coletividade em busca de mais apoios, atuando também para solucionar o problema ocorrido com a moradia de Gleide. Cabe ressaltar que muitos desses parceiros já formavam uma teia de sustentação e ajuda para a Gamboa de Baixo, discutindo os conflitos e problemas,

mas que esse momento fomentou parcerias mais constantes. Abaixo na figura 42, vemos os fragmentos da antiga casa da moradora Gleide.

Figura 42 – Escombros da antiga casa de Gleide

Fonte: Arquivo pessoal

É importante ressaltar, como vimos através dos dados do cadastro multirreferencial expostos anteriormente, que a maioria das casas da Gamboa de Baixo sofre com o problema da precária drenagem, o que agrava ainda mais as possibilidades de deslizamentos e desabamentos na comunidade, especialmente se esta não encontra caminhos para sanar tal situação no que se refere à atuação do poder público. Este é um dos desafios mais urgentes que a Gamboa de Baixo vem enfrentando, isto é, a articulação dela e de parceiros com as cobranças e demandas aos poderes públicos.

A questão do Forte de São Paulo da Gamboa voltou a ganhar destaque, pois na mesma época da chuva que destruiu a casa de Gleide e trouxe grandes dificuldades para outras habitações, um enorme buraco se abriu na superfície de uma parte aberta e externa do Forte de São Paulo da Gamboa, como podemos ver na figura 43:

Figura 43 – Cratera no Forte de São Paulo da Gamboa

Fonte: Arquivo pessoal

Atualmente a questão do Forte de São Paulo da Gamboa enfrenta disputas tanto com o poder público quanto internas à comunidade. Com o poder público, pela necessidade de que as famílias que moravam no Forte sejam realocadas dentro da própria comunidade, e nas disputas internas com pessoas envolvidas com o tráfico de drogas que começaram a construir casas dentro do Forte, o que gerou um difícil cenário para a comunidade, que teme enfrentar a situação. As questões relacionadas ao tráfico de drogas dentro da Gamboa de Baixo e a convivência da comunidade com os participantes ficaram mais explícitas ao tratar da ocupação do Forte e destas novas habitações que estão surgindo. Contudo, estes assuntos não foram muito expostos por moradores, poucos falavam e o nosso envolvimento nas discussões quando o tema surgia era controlado.

b) A Articulação do Centro Antigo de Salvador.

Diante da semelhança das situações e problemas vividos por estas comunidades e outras localizadas na parte alta da cidade, uma união denominada Articulação do Centro Antigo se formou no ano de 2013, visando lutar pela manutenção dos moradores e trabalhadores nos lugares historicamente ocupados por eles no CAS, pois, com o avanço dos projetos dos poderes públicos esta população seria igualmente atingida (ZANOLI, 2017, p. 19). A Articulação

aglutina comunidades do CAS que têm como pauta a moradia, a luta cotidiana contra a exclusão e contra a gentrificação do Centro Antigo. Compõem esta articulação os Artífices da Ladeira da Conceição da Praia, a Gamboa de Baixo através de sua Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo, o Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB), o Coletivo Vila Coração de Maria, os Moradores da Ladeira da Preguiça e o Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho. Entretanto, como já foi apontado, apesar de serem vizinhas muito próximas, a Gamboa de Baixo e a comunidade do Unhão, que compartilham uma trajetória comercial desde os primórdios da cidade e que passaram pela divisão física com a chegada da Avenida Contorno, ressaltamos que a comunidade do Unhão não é membro da Articulação do CAS.

A pedido de Ana, estivemos presentes, assim como outros colaboradores da comunidade, e com a Articulação do Centro Antigo, em uma reunião na sede da Associação Comercial da Bahia, organizada pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), autarquia responsável pelo planejamento urbano de Salvador, vinculada ao governo municipal e na qual estavam, além de seus representantes, moradores e pessoas conectadas à diversas outras regiões de Salvador. A discussão que ocorreu com a FMLF pautou a necessidade de elaborar uma metodologia a ser construída para trabalhar as questões e especificidades das ZEIS diante do processo de regulamentação fundiária. Em todos esses processos de discussão, de construção de respostas e de pautas em que estivemos presentes é notória a participação de alguém da Articulação, que sempre está envolvida contribuindo e ampliando o espaço e a repercussão, seja com membros de outras comunidades, seja com colaboradores como advogados, arquitetos ou outros ativistas das causas urbanas.

4.3 PULANDO O CERCO: O TRABALHO E OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS MORADORES DA GAMBOA DE BAIXO NAS REDONDEZAS

a) Os trabalhadores da Gamboa de Baixo e as relações com a cidade;

Começamos a realizar as observações sobre a relação do habitar a Gamboa de Baixo, as formas de sobrevivência ali encontradas e as brechas e furos ao cerco imposto à comunidade a partir da casa de Ana e a sua ocupação para garantir seus ganhos econômicos, a encomenda de comidas. Entre uma luta e outra que era travada pela Associação da comunidade, conseguíamos momentos de conversas com Ana a respeito de seu próprio sustento. Naquele dia ela tinha uma entrega na Faculdade de Arquitetura da UFBA, pois foi contratada para fazer e levar a comida baiana que alimentaria os participantes de um evento do curso.

Entre cebolas, dendê e camarões secos falamos sobre o trabalho e a renda que garantia a sobrevivência de Ana ali na Gamboa de Baixo. Enquanto trabalhava incessantemente, Ana contou que fazia dois anos que a cooperativa formada por ela não estava atuando diretamente no carnaval, apenas na Mudança do Garcia, evento tradicional que ocorre na segunda-feira de carnaval, saindo do bairro do Garcia em direção ao circuito Campo Grande.

A equipe era toda composta por mulheres: Vânia, Ana, Clarisse, Tânia e Nice, que arrumavam as comidas em quentinhas, juntamente com uma garrafa de água gelada, e esse kit era entregue em cada turno para os catadores que operavam no Carnaval de Salvador. As refeições dos catadores de latinha do Complexo Cooperativo de Reciclagem da Bahia (CCRB) foram servidas por elas através do trabalho em uma das Cooperativas que está associada as ações desse Complexo. Tal atividade está interligada a um projeto denominado Eco Folia, operacionalizado pela CCRB e parceiros, que atua junto aos catadores do Carnaval da cidade, e tem como objetivo agir em favor do trabalho decente e na preservação do meio ambiente. Em 2019 a equipe a qual ela se associou esteve colaborando com uma cooperativa do Engenho Velho da Federação, e elas ficaram responsáveis pelo café da manhã, almoço e janta para 161 pessoas, servindo pães, sopas e refeição principal. Perguntamos a Ana como elas subiam para a Contorno com enorme quantidade de encomendas tantas vezes ao dia, e ela relatou que as vezes alguns meninos da própria comunidade receberam dinheiro para ajudá-las, outras elas mesmas subiram com os kits.

Foi Ana quem nos contou alguns outros casos de pessoas da comunidade que são autônomas, por exemplo, uma moça que trabalha com acarajé no Centro, também Cátia, que faz comidas para vender fora, uma mulher que vende frutas na Joana Angélica, outra que vende no 2 de Julho, citou Adriano, que faz bolos por encomenda e com quem fomos posteriormente conversar e descobrimos se ocupar de mais atividades além dos bolos e por fim comentou das meninas que são ambulantes na Prainha, MAM-BA, as quais têm conseguindo faturar relativamente bem com a movimentação mais forte do verão. Além destes casos, Ana nos falou dos muitos pescadores e de pessoas conectadas às atividades relacionadas ao mar.

O trabalho realizado pelo grupo de mulheres da comunidade durante o carnaval, e os exemplos das trabalhadoras que Ana nos ofereceu, são fatos que nos remetem ao contexto apresentado no segundo capítulo e que mostram a perpetuação do povo negro nas ruas trabalhando para garantir sua sobrevivência desde os tempos dos ganhadores e ganhadoras que circulavam pelas ruas de Salvador (FERREIRA FILHO, 1999; GRAHAM, 2013). Nesse mesmo sentido, outro exemplo a respeito dos trabalhadores autônomos vem da história de Mariana, também moradora da comunidade.

Acompanhamos Mariana em um feriado do dia do trabalhador, uma quarta-feira. Logo na chegada pudemos perceber a enorme movimentação de frequentadores daquela estreita faixa de areia: formavam um público bem diverso, com pessoas que chegavam de carro ou andando, trabalhadores ambulantes, que já estavam posicionados defronte ao gradeado do museu. Notamos que as pessoas eram bastante diferentes ali, diversas idades, com grupos de adultos, de adolescentes, algumas crianças de colo, e que a grande maioria dos que estavam aproveitando o dia do feriado para relaxar, assim como a maior parcela dos que trabalhavam àquela hora, era composta por pessoas negras. Alguns frequentadores se acomodavam por entre as pedras da praia, nas rochas que faziam a divisa com a Bahia Marina. Havia ainda um muro que tinha por cima cercas de arame para dividir o terreno.

Mariana, que trabalha como ambulante na Prainha do MAM-BA vendendo bebidas, oferecendo aluguel de cadeiras e sombreiros aos frequentadores daquela bela e pequena praia, não parava entre um atendimento e outro, a cerveja, Devassa ou Petra, vendia ao preço de dez reais três latas. Moradora da Gamboa de Baixo, Mariana costuma chegar na Prainha por volta de oito e trinta da manhã. O trabalho, ela revelou, depende exclusivamente do sol. Se ele sai, ela vem. Quando não tem sol, Mariana segue a rotina de trabalhar com outras coisas e diz que no outono e no inverno é ruim para esta atividade de ambulante à beira do mar. Em datas especiais como Natal, dia das mães, coisas do tipo, Mariana comercializa roupas. Durante esse dia de trabalho ela contou com a ajuda de Joice para executar as atividades na Prainha. Joice também é moradora da Gamboa de Baixo, e conforme o movimento acontece fica com Mariana até cerca de 17h.

A Prainha pertence ao MAM-BA, e passou a ser muito frequentada no verão de 2019 pelos soteropolitanos e turistas. Seu funcionamento vai até o final da tarde, quando os seguranças do museu começam a pedir aos frequentadores que deixem a praia. Ela tem uma faixa não muito ampla de areia, e quando a maré começa a subir as pessoas se aglutinam ainda mais nesse apertado pedaço de terra. O seu horário de funcionamento vai no máximo às 17h, com tolerância até 17:40.

No intervalo entra uma questão e outra que Mariana nos respondeu, pudemos nos atentar mais à vizinhança que se avolumava no entorno com outros ambulantes trabalhando. Fomos informados que havia mais duas mulheres que também exerciam atividades econômicas ali e que eram moradoras da Gamboa de Baixo. Este fato apontou para a importância da Prainha do MAM-BA na vida econômica de um número de moradores da Gamboa de Baixo que trabalham por conta própria, como veremos no relato que trata da nova rota de barcos que traz e leva turistas e clientes tanto para o Bar de Mônica como à Prainha.

Mariana vem da Gamboa de Baixo até a Prainha de barco, pois traz nele todos os materiais como cadeiras e bebidas que vai alugar e vender na praia. Às vezes no barco do pai, às vezes no barco da prima. Ela traz tudo: cervejas, isopor, refrigerantes, água com e sem gás, sombreiros e cadeiras. E leva tudo de volta todo dia que trabalha aqui, pois o MAM-BA não permite deixar nada. Na imagem 44 vemos a Prainha do MAM-BA bastante cheia e Mariana trabalhando na venda de bebidas.

Figura 44 – A Prainha do MAM-BA e Mariana

Fonte: Arquivo pessoal

Adriano, que trabalha também com bolos, no dia de nossas conversas estava com uma encomenda para ser entregue ainda no final da tarde. Ele narrou que passou a trabalhar há mais de 20 anos dando banca às crianças, e que seu primeiro aluno foi um menino do casarão em frente à sua casa, no qual morava dona Beré, moradora antiga da Gamboa de Baixo, e este seu filho, e desde então ele não parou mais.

Adriano dá aula sempre para o primário, crianças da primeira à quinta série da comunidade, e revelou ser esse o seu sustento juntamente com a confeitaria, segundo ele, seu dom, que aprendeu ao ver sua mãe fazer bolos. O primeiro bolo confeitado que ele fez foi para o aniversário de um ano de seu sobrinho Pedro, que hoje tem cerca de 21 anos e mora na Alemanha, e desde então Adriano não parou mais.

Sua renda principal vem da banca, que ele destacou como seu trabalho fixo, realizado todos os dias. Ele começou essa atividade em casa, sendo que houve uma fase, quando entrou para a Associação de Moradores, que chegou a usar a sua instalação e lá ele tinha mais de 15 alunos, mas depois voltou a dar aulas em casa e diminuiu a quantidade pessoas. Ele nos disse que no ano de 2019 foi muito procurado e por isso dividiu as turmas em três, no turno da tarde, começando as 14h levando a última até as 20h, pois pela manhã deixa o tempo para resolver

suas questões pessoais e coisas das encomendas. À noite, após terminar com os meninos estudantes, Adriano segue para as encomendas, caso as tenha, e expôs que à noite é ele só, o tempo e o bolo. Quanto ao lucro com essa atividade Adriano nos contou: "*Aqui, que o povo é muito mão de figa*[20]*, né ... Faz. Dá. Dependendo do orçamento que a gente passa dá pra ganhar uma grana legal*".

A imagem 45 mostra Adriano em seu cotidiano de trabalho em casa.

Figura 45 – Adriano em seus trabalhos

Fonte: Arquivo pessoal

A observação a partir dos dados acima é confirmada quando avaliamos os números relacionados as ocupações dos moradores da Gamboa de Baixo por tipo de atividade exercida: de um universo de 232 pessoas que a pesquisa obteve dados, 42 se declararam vendedor ou vendedora autônomo(a), vendendo a maioria itens ligados à alimentação ou roupas, 37 se declararam pescadores, oito como domésticas, 28 como donas de casa, 30 se declararam desempregados, 21 como aposentados, seis como vendedores, cinco como garçom ou garçonete, quatro como diaristas, três como seguranças e cinco dos entrevistados eram estudantes (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 25). Os autores ainda mostram que ao retirar do universo os aposentados, desempregados, as donas de casa e estudantes, podemos ver a ocupação conforme formalidade/informalidade, e os dados mostram que, dos moradores entrevistados, 35 pessoas trabalham em atividades formais, 14 não deram informação, e 99 atuam na informalidade (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 26). Este alto número de moradores trabalhando na informalidade, 67% do total, demonstra um grave problema, que vincula falta de acesso às proteções básicas do campo de trabalho com uma renda instável, que torna muito dos moradores da Gamboa de Baixo vulneráveis economicamente.

[20] Referência a pessoas que são sovinas.

Ao falarmos do trabalho e sobrevivência é preciso lembrar que a atividade tradicional da comunidade, e que a tornou reconhecida enquanto tal, remete ao mar e à pesca, o que representa um percentual de 16%, 37 pessoas, do total de 232 que o cadastro multirreferenciado conseguiu informações (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 25). Sobre a vivência deste mundo pudemos ouvir alguns dos mais velhos pescadores, caso de seu Raimundo; conversamos também com seu Edvaldo, que além de pescador trabalha com reparo e fabricação de barcos; com Valmir, peixeiro antigo e conhecido da Gamboa de Baixo; e ainda Verinha, pescadora da Gamboa de Baixo.

Para visualizar um pouco do universo pesqueiro da Gamboa de Baixo recuperamos a definição de Maldonado, que afirma que a pesca tradicional é aquela que conta com poucos recursos para sua produção, com pessoas que trabalham a partir da união em grupos que geralmente se formam influenciados pelas relações de parentesco, na qual não existe vínculos empregatício entre o mestre e os demais e que usa modesta tecnologia, muito embora em estágio mais recente a autora afirme já ser possível notar entre os pescadores artesanais uma modernização (MALDONADO, 1986, p. 15).

Seu Raimundo começou a pescar quando tinha oito anos de idade e parou aos 68. O antigo pescador nos contou que entregava a sua pesca nas imediações do Forte de São Pedro a um homem chamado Roma. Valmir desde os 11 comercializa peixe e assim retira seu sustento. Ele nos revelou que já pescou também, mas que desde pequeno já vendia. É ele quem nos esclareceu sobre a circulação dos peixes nas redondezas do Forte de São Pedro e a proibição que anos antes aconteceu de vender nessa proximidade. Seu Edvaldo trabalha no mar desde os seus 12 anos. Ele entrou na pesca para ajudar no sustento da família e hoje vive dela, sendo que a construção e manutenção dos barcos é um dinheiro a mais para ajudar nas despesas dos cinco filhos.

Foi seu Raimundo quem nos explicou que há cerca de 50 anos atrás a maioria dos moradores da Gamboa de Baixo trabalhava com pesca, *"os antigos tudo"*. As mulheres também estavam presentes na atividade pesqueira e todo mundo entregava o peixe a Roma. Ele afirma que agora tem mais gente na pesca, com o barquinho a motor, e que no seu tempo era no remo, sendo que hoje em dia são poucos que ainda assim fazem.

Valmir, que trabalha junto com outro irmão deles, Tonho, tem um ajudante chamado seu Availdo. Ele tem 53 anos e desde pequeno, há cerca de 40 anos, ele trabalha com peixe, sempre pelo Centro de Salvador. Valmir relatou que chega entre seis e trinta a sete horas da manhã no ponto, ficando lá de terça a sábado até cerca de 12h. De tarde ele vai providenciar

outras mercadorias para trabalhar no dia seguinte. O peixeiro nos confirmou que que a época de Quaresma é a melhor, pois é quando vende mais.

Abaixo, na figura 46, vemos Valmir na venda de peixes no entorno do Forte de São Pedro, abaixo do viaduto:

Figura 46 – Valmir no trabalho com peixes

Fonte: Arquivo pessoal

A respeito dos ganhos para sua sobrevivência Valmir destacou também a capacidade de trabalhar para si que a sua atividade ali debaixo do viaduto lhe confere: "*Aqui eu ganho mais no mês. Eu trabalhando pra mim mesmo ganho mais no mês... No dia que eu quiser trabalhar eu trabalho, no dia que eu não quiser, quiser ficar em casa descansando eu fico*".

Seus ganhos, atuando como sócio do irmão, costumam superar a quantia que seria paga pelo frigorífico de Lauro de Freitas, e mesmo quando é um pouco inferior, ainda compensa por ser melhor do que trabalhar para outras pessoas, reafirmou ele. Quanto à proximidade de trabalhar perto de casa Valmir falou do quanto isso é bom e da satisfação que isso lhe confere: "*Porque eu cabei de trabalhar aqui, arrumei tudo, tô em casa já, tá perto de casa...".*

Ouvimos de alguns moradores mais próximos da vida pesqueira que hoje em dia Valmir é o peixeiro, trabalhando juntamente com seu irmão Tonho, que mais recebe os peixes dos pescadores da comunidade, mas o próprio Valmir nos contou que existe Lito que também vende peixe, Risadinha e Minho, mas que a maioria de fato é ele e o irmão. Na tela de seu celular ele nos mostrou uma foto e nos explicou que, muitas vezes, já no mar os pescadores entram em contato com ele para saber do seu interesse pela mercadoria. Nesse dia em que estávamos presentes, ele estava combinando para quando descer de volta à Gamboa verificar o que tinha chegado. Quanto à sua clientela, ele afirma que ela já sabe os peixes que mais vendem e diz que já tem a clientela certa para o peixe que ele compra, uma clientela certa. Indagamos sobre quem

são as pessoas que compram os peixes, se é mais para uso próprio, se ele fornece mais para restaurantes ou algo do tipo e a sua resposta foi que a venda acontece mais para dona de casas e ocasionalmente algum restaurante, mas que são clientes que asseguram o seu sustento e que ele está satisfeito pois "*dá pra gente sobreviver tranquilo com o que a gente ganha*".

Enquanto conversávamos, um comprador antigo de peixes com Valmir parou seu carro e falou rapidamente querendo encomendar peixe para a Semana Santa. O homem nos relatou que seu pai, seu Nivaldo, era cliente do pai de Valmir, desde 1950, e que os pais de ambos morreram, mas se consolidou a tradição de assim comprar peixe, que eles moravam na Centenário, mas até hoje residindo em Daniel Lisboa, em Brotas, ele traz os filhos e netos para comprar peixe ali. Segundo Valmir ele realiza negócio com muitos clientes que param rapidamente o carro, compram em sua mão e seguem adiante.

Seu Edvaldo consegue sobreviver da pesca de forma tranquila, pois o mar todo dia dá algo, mesmo variando. Ele diz que não passa sua mercadoria sempre para Valmir pois ele não tem estrutura para pegar o peixe de todo mundo. Geralmente ele entrega seus pescados para um atravessador que arrecada de outros também e distribui para os restaurantes.

Segundo Valmir, na Gamboa existem mais ou menos mil moradores e a maioria vive do mar,[21] o que não inclui apenas os pescadores que vendem para consumo, mas os pescadores de peixes ornamentais, os peixeiros que recebem o peixe ou os frutos do mar e os repassam, o que chega a um percentual de 80% dos moradores da Gamboa que vivem desses trabalhos. Ele contou que algumas pessoas têm emprego fora da comunidade de carteira assinada, mas volta a frisar que a maioria sobrevive da ligação com o mar, seja os que vendem peixe seja os que pescam.

Na visão de seu Edvaldo existem mais de 50 pescadores na Gamboa, mas mesmo não sabendo dizer um número exato, em termos de família envolvidas com a pesca ele acredita girar em torno de 70. As outras famílias que não estão na atividade vivem de seu próprio negócio, um pequeno comércio, alguns são dona de bar, ou trabalham fora. Seu Edvaldo faz ainda barcos tanto de madeira quanto de fibras. Abaixo, figura 47, seu Edvaldo realizando a pintura de um barco:

[21] O cadastro multirreferencial, no quesito ocupação por tipo de atividade, registrou 232 moradores (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 25), mas a Gamboa, conforme dados do próprio cadastro, tem 609 moradores nas 206 casas que participaram da pesquisa (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 32).

Figura 47 – Seu Edvaldo trabalhando na pintura de um barco

Fonte: Arquivo pessoal

No dia em que acompanhamos Valmir, seguimos com ele do viaduto em que trabalha até a Gamboa de Baixo e ele ainda iria verificar as mercadorias recém-chegadas. Notamos o quão masculino era aquele universo e que ali estavam muitos pescadores de diversas idades, envoltos por quilos e quilos de peixes, peixes dos grandes, alguns enormes, alguns pequenos, e todos eles iam para a balança. Ainda que a divisão sexual do trabalho seja questionada por alguns autores ao tratar de mulheres em atividades de pesca (CARDOSO, 2002) neste momento o salão refletiu a divisão, com exclusividade masculina. A diferença de tom no grupo ocorreu quando conseguimos conversar uma mulher pescadora, Verinha, que nasceu na Gamboa de Baixo.

Verinha relatou ter clientes próprios, mas que sua maior fração de clientes é constituída por atravessadores. Ela passa suas mercadorias para este que encaminham sua mercadoria para pessoas e restaurantes. Estes compradores que Verinha tem relação são diferentes do que ela denominou de *"cliente fictício"*, que são típicos do Centro e que tem demandas pequenas e inconstantes.

Quanto à produção e escoamento dos produtos dentro da pesca do tipo artesanal Maldonado afirma que

> Uma das características da pesca artesanal é o poder decisório dos pescadores sobre aquilo que produzem. O processo de comercialização do pescado – seja por sua perecibilidade seja pela demora em se chegar com esse produto à terra – geralmente, se dá através de intermediários, ou atravessadores, que em toda parte tendem a se caracterizar como gananciosos e até certo ponto indesejáveis entre os pescadores, com quem mantêm relações tensas e conflituosas (MALDONADO, 1986, p. 9).

Assim, mesmo que não possamos fazer um traçado preciso das relações entre os pescadores e aqueles que intermediam suas mercadorias, não sendo este o objeto de nossa dissertação, a dimensão do trabalho do mar na Gamboa de Baixo expressa uma sólida relação dos pescadores com distintos atravessadores e/ou intermediários, sendo que a infraestrutura presente na comunidade não escoa toda a produção de seus próprios pescadores, que contam com agentes externos para comercialização e sobrevivência.

Quando nos relatou sobre seu trabalho, Mariana contou que as pessoas que mais frequentam a Prainha são dos bairros 2 de Julho, Garcia, Sodré, Preguiça, também da Carlos Gomes e muita gente da Gamboa de Baixo. No que se refere à moradia ser próxima ao trabalho e ter algum reflexo em sua vida, Mariana contou que residir na comunidade facilita o transporte para trazer as coisas à praia, e que no dia a dia para ela resolver as suas coisas, comprar o que precisa e ir à médicos, morar na Gamboa é positivo, pois ela resolve tudo no centro da cidade.

Adriano disse que a maioria dos seus clientes de confeitaria no começo eram da comunidade, pois ele não divulgava, mas que hoje ele faz propaganda nas suas redes sociais e os seus amigos que gostam dos seus bolos também o ajudam a anunciar. Ele não entrega a encomenda na casa das pessoas, mas contou que suas produções já foram para Cajazeiras, Fazenda Grande, para as proximidades de Praia do Forte, Barris, e mais perto da Gamboa de Baixo, na Banco dos Ingleses. A daquela tarde iria para o centro, Avenida Sete.

Questionamos Valmir sobre a localização em que ele atua e qual a sua percepção acerca do movimento, se por exemplo, no trecho acima, próximo às padarias que ficam em frente ao Forte de São Pedro, e que foi sua antiga posição, ele mercava mais e se a mudança, para debaixo do viaduto, impactou em suas vendas. Ele nos explicou que lá em cima a venda era maior, contudo, ele não tinha a paz que encontrou na área que está agora. Essa paz a que ele se referiu foi a chave explicativa do porquê da alteração do posicionamento para comercialização dos peixes, pois Valmir afirmou que no seu ponto antigo existiam muitos camelôs[22] e que a prefeitura começou a tirar as pessoas desses arredores, a apreender as mercadorias dos trabalhadores e ele para não perder a sua se realocou. Depois dessa mudança, que ocorreu há cerca de quatro ou cinco anos, seus clientes pouco a pouco estão sabendo da sua nova acomodação e voltando a frequentar.

Durante a tarde, caso tenha encomenda, trata o peixe na comunidade e o entrega no domicílio do freguês. Valmir nos contou, entre as pancadas do martelo e da faca que iam

[22] Trabalhador autônomo de posição fixa

cortando e tratando os peixes, que a maioria dos clientes dele são da Graça, do Canela, *"de Nazaré pra cá"*.

A caracterização do seu ambiente de trabalho em dado momento da conversa ganhou novo destaque quando questionamos Valmir acerca da possibilidade de exercer alguma atividade em outra região de Salvador, e ele nos disse não estar interessado por já ter costume de trabalhar no Forte de São Pedro: "*Não penso em sair daqui não. Eu já achei trabalho pra trabalhar de carteira assinada e com peixe também, lá em Lauro de Freitas e um frigorífico pra ganhar R$ 2.500 reais... Não quis, não quis sair daqui*".

Já seu Edvaldo, quanto aos bairros que recebem as encomendas nos falou do Alto das Pombas, Garcia, Calabar, e ainda, e alguns mais próximos como a Lapa, em que já existem clientes certos. A proximidade da moradia e do trabalho de seu Edvaldo com as zonas que ele estabelece relação de comércio é muito importante para a sua sobrevivência a partir da pesca, segundo ele esses bairros são muito importantes: "*Ele nos ajuda ao nosso crescimento, ao nosso ganho aqui do dia a dia... Não adianta ter o produto, o pescado, e não ter o cliente pra comprar, né isso?"*.

Quanto as relações que mantém com os outros bairros a pescadora Verinha nos falou que estabelece um vínculo através da pesca, já que tem clientes na Vitória e no 2 de Julho, e que ela faz a venda diretamente ou passa para Valmir, conforme os termos do pedido. Verinha narrou que os seus clientes certos são de Boa Viagem, Pedra Furada, Barra, Ribeira. Seu vínculo principal então se faz com bairros mais distantes. Adriano nos relatou que faz muita diferença ter a sua moradia no centro e que acha importante a relação com outros bairros no que se refere à exposição de seu trabalho, já que a entrega de suas encomendas em distintos pontos da cidade ajuda a divulgar a sua confeitaria e consequentemente implica na renda que obtém.

Mônica afirmou que seus clientes são provenientes de todos os pontos da cidade, chegando tanto pelo mar quanto pela entrada de cima via Avenida Contorno, e que há também um público estrangeiro frequentador do bar. Alto da Pombas, 2 de Julho, Garcia, Suburbana, Pelourinho, Engenho Velho da Federação, São Caetano são alguns dos bairros tanto de classe média quanto de média baixa que ela cita. Também em nossas observações pudemos perceber e conversar com pessoas tanto de classe média baixa quanto um público de classe média.

b) Atividades exercidas pelos moradores da Gamboa de Baixo nas suas proximidades – estudos, serviços, saúde e lazer;

Segundo o cadastro, muitos dos entrevistados citaram o Colégio Estadual Úrsula Catharino, no centro de Salvador, (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 23) como lugar em que já

estudaram ou estudam, apontando mais de uma vez a importante relação da comunidade com o seu entorno. O serviço de saúde a que recorrem a maioria dos moradores da Gamboa fica situado no seu entorno, o Posto da Gamboa/Aflitos sendo que a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) dos Barris também é importante para a saúde da população (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 31).

A rotina de Adriano passa pelas ruas próximas à Gamboa de Baixo: academia nas Mercês, escola dos seus sobrinhos que ajuda a criar na Vitória, Avenida Sete, rua do Paraíso, Mouraria, lugares que frequenta para comprar o que estiver faltando de suas encomendas. Para as suas compras de mês da sua casa e de algum bolo que tenha que fazer, ele vai à Calçada, seus pagamentos ele revelou fazer no Centro.

É no turno vespertino que Valmir vai buscar a filha na escola, na Graça, bairro também próximo à Gamboa de Baixo.

Para resolver suas coisas pessoais seu Edvaldo frequenta o Centro da cidade e para comprar os materiais das embarcações, frequenta a Calçada e o Comércio.

Desinibida, Verinha mencionou que faz muita coisa a pé, se ela precisa ir a um hospital vai andando até a UPA dos Barris, quer ir ao mercado, açougue ou padaria, sai com a quantidade certa de dinheiro e resolve suas coisas. Quanto a oferta de serviços para as pessoas da Gamboa de Baixo, ir ao posto médico, supermercado, por exemplo, ela disse que eles contam com tudo perto por residirem no centro da cidade. A respeito da estrutura de que gozam os outros bairros do entorno da Gamboa de Baixo e de sua percepção Verinha afirmou que não pode comparar a estrutura do 2 de Julho com a da Gamboa e nem da Vitória com a da Gamboa, pois são muito distintos: "*A estrutura do 2 de Julho é uma estrutura totalmente diferente. A da Vitória muito mais, por que ali só moram as pessoas classe média alta, 2 de Julho classe média e aqui gente paupérrima, que é na Gamboa, gente pobre*".

Verinha trabalha durante a semana e no final de semana como lazer vai nos shoppings, ou no Piedade, ou no Lapa ou no Barra, vai andando, sem muito custo, já que está no centro da cidade. Ela contou que como vive do mar e da pesca, se morasse longe do centro não poderia ter certos tipos de lazer e que habitando ali tem um custo menor e se locomove para qualquer ponto.

Mônica nos disse que sobe a ladeira em direção ao Centro para resolver suas coisas pessoais e para as compras do bar, ela frequenta mercados atacadistas em Amaralina ou na Calçada. Ela nos contou que quanto ao lazer, geralmente fica pelas redondezas da comunidade, toma sua cerveja na Avenida Sete, vai ao Campo Grande. Mônica relatou que não tem problemas para se deslocar da Gamboa de Baixo, que o ir e vir é tranquilo e não tem medo de

ir por cima pela Avenida Contorno, como algumas pessoas relatam devido aos usuários de drogas. Sua percepção sobre esses outros ambientes que frequenta em relação a Gamboa demonstrou, no entanto, que Mônica nota questões diferentes entre um e outro:

> *- De vez em quando a gente tem que comparar né. Que a Gamboa é melhor é. A Gamboa só é ruim em acesso. Acesso na Gamboa é ruim porque é ladeira, a dificuldade da ladeira, pra você chegar aqui é um pouquinho complicado, quando você vem de barco beleza, só que quando a maré tá batendo você não passa, não tem como você vim com a maré batendo... Só por cima. O acesso é meio ruim é, mas... pra mim...*

Perguntamos a ela como seria possível melhorar esse acesso a que ela se referiu: *"Aqui eu não sei como melhorar não viu, fia... Eu não vejo como melhorar não, só se botar um bondinho".*

c) A exceção: o que não é feito nas redondezas – o lazer existente dentro da Gamboa de Baixo se relaciona com o mar.

Destacamos nesse ponto o lazer na Gamboa de Baixo por avaliá-lo como um importante tópico para os que habitam a comunidade, e pela percepção de que esta atividade, que é exercida pelos moradores de modos distintos nas suas próprias redondezas, dentro da sua localidade é praticamente apenas ligado ao mar. Segundo dados do cadastro a existência de áreas de lazer na Gamboa de Baixo é o que mais as pessoas sentem falta (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 40). Quanto ao lazer praticado, as respostas das atividades cotidianas citaram como lazer e cultura frequentar parques e praças, cinema, televisão, passeios, teatro, igreja etc. e dentre as atividades do dia a dia que se ligam ao mar, o mergulho, o remo, o banho de mar, a natação e a praia foram aludidas (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 41).

O entardecer do primeiro de maio chegou e enquanto a maioria dos visitantes já se retiravam da Prainha do MAM-BA. Ficamos entre os moradores da Gamboa e seus amigos até o cair da noite, diante das águas, entre risos e conversas descontraídas. As brincadeiras no grupo em muitos momentos tinham um caráter sexual, denotando a cumplicidade e intimidade dos pescadores da Gamboa de Baixo e demais trabalhadores de lá que naquela roda estavam.

Seu Edvaldo nos contou que a pesca é tanto sua sobrevivência como seu hobby, sendo que das suas atividades, pescar é a que ele mais gosta. Apontando para o mar, seu Edvaldo nos indicou a uma certa distância seu barco ancorado e equipado com uma caixa de som. Rindo, nos contou que o seu barco "*tem um som pesado!",* e afirmou gostar de ir para o mar com o volume do som bastante alto para aliviar o stress.

Conversamos também com Nala, moradora da Gamboa de Baixo, jovem pescadora que trabalha, dentre outras coisas, levando e trazendo pessoas para o Bar de Mônica, como veremos em mais detalhes adiante e filha de Verinha. Nala ajudou a construir a nova rota de chegada e saída da Gamboa de Baixo. Ela tem 20 anos e afirmou que quando está muito estressada costuma ir para o mar relaxar, revelando a importância e a conexão que tem com as águas e que *"nunca irá trocar o mar por ninguém!"*.

Estas experiências com os moradores da Gamboa de Baixo em seus momentos lúdicos constituiu importante testemunho de como o lazer para eles quando é exercido no cotidiano de suas redondezas mais imediatas, pode também estar entrelaçado ao mar. Mas, além disso, nos revelou principalmente como dentro da Gamboa de Baixo o entretenimento e os momentos de descanso são supridos pelas águas.

4.4 A FORÇA PARA ROMPER BARREIRAS: A IDENTIDADE DA GAMBOA DE BAIXO

a) Identidade pesqueira e simbolismo do mar;

Sentada entre as pedras ouvíamos os relatos de Verinha. Segundo ela na Gamboa de Baixo "*99% vive da pesca... todo mundo sabe, pesca hoje dá, amanhã não dá. E a gente vive disso*".

Quem também se refere ao número de pescadores presentes na comunidade é Mônica. Os irmãos de Mônica ainda trabalham como pescadores na Gamboa de Baixo, e ela nos revelou que acredita que cerca de 70 pessoas estão na atividade, mas que se somarmos com o montante daqueles que trabalham mergulhando para pescar peixes ornamentais dá mais de 100 pessoas. Para ela o número chega até a mais do que isso, sendo que a maioria das pessoas na Gamboa sobrevive do mar, ela mesma uma dessas já que trabalha todo o tempo com peixe.

Os números relacionados à pesca, contudo, não são os maiores da comunidade[23] como trazem os depoimentos de nossos interlocutores. Porém, quando observamos os dados referentes à autoidentificação da comunidade, embora contemplando apenas 52 questionários, a maioria esmagadora dos entrevistados, 86%, afirmaram o pertencimento à identidade de comunidade tradicional pesqueira (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 43). Tal fato ainda que possa soar estranho não incorre em contradição, pois mesmo que muitos não trabalhem como

[23] Tratamos anteriormente do percentual e do número absoluto de pescadores que o cadastro multirreferencial conseguiu alcançar e retomamos, a título de lembrança, que das 232 pessoas que a pesquisa obteve informações, a maior taxa quanto à ocupação é representada por 42 pessoas autônomas que trabalham com venda de produtos variados, à frente do número das que se apresentaram como pescadores, sendo estes em número de 37, 16%. ((FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 25).

pescador ou pescadora de modo direto, possuem vínculos próximos e relacionam o discurso da identidade e pertencimento ao espaço de modo genuíno por saberem que é na comunidade que querem ficar (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 44). Além disso, não podemos deixar de ter em conta que a identidade pesqueira pode encontrar força por estar ligada aos antepassados destes moradores e por eles saberem da importância histórica da pesca em suas vidas.

Verinha, que nasceu na Gamboa, mas morou um período de sua infância e adolescência em Mussurunga com sua tia, retornando à comunidade aos 19 anos. Ao falar da Gamboa ela comparou com a vida neste outro bairro e afirmou que a Gamboa:

> "*É um ambiente que você sente as pessoas e lá (Mussurunga) você não sente, lá é uma coisa mais social. Aqui não, você sente. Eu tô aqui com você falando, eu tô sentindo você. Lá não... É aquela maquiagem. Eu não sei quem é você, você não sabe quem sou eu... Esse tipo de coisa em certos tipos de bairros. E já na Gamboa não, você sabe, sente quem é a pessoa, você convivendo comigo você sabe quem sou eu... Por aqui é um bairro praticamente mais... familiar! A Gamboa é um bairro familiar. Todo mundo se conhece, praticamente todo mundo sabe a vida, o aspecto social de todo mundo, se você precisar de mim eu tô aqui pra te ajudar independente de qualquer coisa... Aqui é um ajudando o outro. O bom pra mim na Gamboa é isso, porque um procura ajudar o outro".*

A tarde passava e o calor tinha diminuído bastante, o mar seguia batendo firme e sentindo ele tão forte e com seu tempo diferente do nosso, aproveitamos para perguntar a Vera como era a relação dela com aquelas águas. Ela respondeu: "*A gente vive conforme o mar. A gente vive conforme a maré. Maré morta, maré de quebra e maré grande. A gente pesca conforme essas três marés. Maré morta é a maré que não corre, maré que quebra que começa a correr e mare grande é aquela maré que tudo para"*

Ainda na ignorância, sem entendermos direito do que se tratava aquela tipificação das marés, questionamos se tem a ver com o barco poder ir. Verinha, entre risos, explicou de outra forma: "*É de lua, a lua... Noite de escuro, noite de lua, pra ser mais específica. Lua minguante, lua nova e lua cheia. A gente vive conforme a lua. Nós pescadores trabalhamos conforme a lua*".

Nala nos revelou também que a lua tem relação com o mar crescer ou não. Quando é tempo de lua cheia, por exemplo, Verinha complementou que se trata da maré mais complicada para o pescador quanto aos perigos, já que o mar cresce muito. A melhor fase é a lua minguante ou noite de escuro, essas são as melhores pois o mar está brando e o pescador aproveita mais, sendo que ela mesma pesca mais durante o dia.

Conversamos também com Mônica sobre a imagem da comunidade e ela, voltando da cozinha com o pedido de um cliente, nos revelou como vê a Gamboa de Baixo:

> *Eu vejo a Gamboa como um lugar a melhorar. A Gamboa é um lugar bonito, um lugar que... pessoas que ainda querem né tirar a gente daqui, mas a resistência e a luta tá sendo grande pra gente se manter. Falta um pouquinho só de saneamento... Aqui tá faltando coleta de lixo, que é uma coisa que nós pagamos pra carregar, mas que se pode melhorar. A Gamboa tem que melhorar em algumas coisas tem.*

Perguntamos então como era para ela ser moradora da Gamboa:

> *"Ah, muito bom, gratificante, pra mim melhor lugar de Salvador como eu já disse antes, não tem lugar melhor pra viver do que a Gamboa. Gamboa a gente tem essa liberdade de poder estar com a porta aberta, você tem o mar na sua frente. Você tem... Eu só tenho que agradecer a Deus pela oportunidade de me dar de viver aqui esses anos todos. Meus filhos criado aqui, meus filhos não precisa ficar preso, todo mundo conhece todo mundo, se você der uma dor aqui, pode não ter ninguém mas no instante aparece um mundo de pessoas, mesmo com a dificuldade da ladeira, o povo ainda bota você numa cadeira e carrega você e bota lá em cima, então..."*

Assim como Mônica, que relatou os aspectos positivos da moradia na Gamboa de Baixo, ainda que percebendo que vida na localidade apresenta problemas de estrutura, viver na comunidade foi tido como uma boa experiência também por outros moradores. Adriano, quando questionamos o que ele pensa a respeito de residir na comunidade nos relatou:

> *"Ah pra mim morar na Gamboa é maravilhoso. Eu não tenho do que reclamar da Gamboa. Não troco a Gamboa por um outro lugar do mundo. Não troco... Já fui pra Alemanha quatro vezes a passeio, minha irmã sempre querendo me casar lá, mas eu nunca tive essa... esse olho de querer morar na Alemanha, me casar por interesse só pra morar, ter uma vida mais ou menos boa. Não..."*

Valmir, que nos contou da chegada de sua família à Gamboa de Baixo, nos relatou que sua mãe, 81 anos, nasceu e foi criada na comunidade, assim como seus tios, que eram mais velhos que ela, e que pelo que ele soube, a sua avó, que morreu aos 90 anos, também nasceu na comunidade. O Cadastro multirreferenciado aponta que do total de 206 casas em que houve entrevistas, 116 pessoas nasceram na comunidade e, das 90 que disseram não ter nascido na Gamboa de Baixo, 71 residem nela há mais de dez anos, afirmando ainda que os laços familiares foram preponderantes para a ida para a comunidade (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 38). Segundo esta mesma pesquisa os dados obtidos sugerem que as pessoas possuem uma relação de longo tempo com a Gamboa de Baixo: os percentuais de 56% de respostas afirmando serem pessoas que nasceram na comunidade, 35% de moradores há mais de dez anos e 89% de pessoas

com expresso desejo de continuar a ocupar o espaço em que estão, contribuem para melhor entendermos o quadro (FAUFBA; Bartlett DPU, 2017, p. 10).

O seu avô, conta Valmir, ele soube que veio muito novo da Espanha e trabalhou com outras coisas que não a pesca. Ele se casou com a avó de Valmir e morou na Gamboa de Baixo também. O peixeiro na conversa entrecortada pelas lembranças nos disse que não se vê fora da Gamboa: "*Então é isso, eu não me vejo fora da Gamboa não, nunca pensei em sair da Gamboa, sou nascido e criado aí e não penso em sair daí não!"*

Seu Edvaldo sobre a Gamboa afirmou se tratar de uma região abençoada por Deus, apesar de não ter valor para muitos que não procuram conservá-la. Em termos de infraestrutura ele percebe que existe diferença da Gamboa para, por exemplo, o Campo Grande:

> *"Lá é... assim sempre mais organizado né, por que eles... a Gamboa ele tem.. tem esquecido... o governo, o prefeito mesmo, Gamboa... ele tem esquecido da Gamboa, por que ele era pra um lugar desse, bonito desse, era pra ele ter procurado né investir mais... né... criar o nosso próprio aqui... nós podia ter uma praça, podia ter nosso campo de bola, campo de lazer, nós não tem, se quiser tem que ir lá mesmo no Campo Grande".*

Nala revelou o mesmo sentimento quanto a ser moradora da Gamboa de Baixo, dizendo se sentir bem e gostar de estar na comunidade: "*Gosto... O mar... Me sinto bem*".

A dimensão simbólica da vivência diante das águas ultrapassa a visão de que os moradores da Gamboa de Baixo têm o mar apenas como sua fonte de sobrevivência material. Ao perguntarmos à Nala o que ela fazia para se divertir entre sorrisos revelou: "*Fico no mar, é minha diversão diária, trabalho, tudo...*".

Perguntamos como Nala vê a questão do acesso à comunidade, o impacto da Avenida Contorno para a comunidade e ela nos contou que em sua visão precisa melhorar quanto aos perigos.

b) A festa de Iemanjá enquanto reafirmação da identidade e do espaço da Gamboa de Baixo na cidade;

Inspirados por Fernandes (1997) ao fazer sua leitura psicossocial de lugares, neste item trataremos do festejo de Iemanjá e no posterior do Bar de Mônica, por compreendê-los como estratégicos para a concepção argumentativa desse tópico, que pretende analisar como uma nova dinâmica de identidade social da Gamboa de Baixo ajuda a comunidade a se estabelecer de modo mais forte para se relacionar com seu entorno e o restante da cidade, e contribui para a transposição das barreiras que lhe são impostas.

Em uma data frenética na capital da Bahia, dois de fevereiro, dia de Iemanjá, a Gamboa de Baixo se movimentou bastante para a celebração da Rainha das Águas. Tanto no ano de 2019 quanto em 2020 foi na Associação de Moradores que encontramos Ana para ajudarmos nos preparativos da festa.

2019 foi o primeiro ano em que estivemos presentes. O salão já conhecido da Associação estava iluminado com as suas janelas abertas e seus olhos vivos, postos na Baía de Todos os Santos. Era dia de sol e de mar ofuscante, temperado por uma cor verde esmeralda, quando começamos a trabalhar com as flores dos balaios. Eram muitos balaios, lotados de flores brancas, amarelas, algumas vermelhas, muitas pintadas de azul, eram tons da devoção, das vontades e dos sonhos daqueles que ofertavam à Rainha do Mar seus anseios e seus agradecimentos. Começamos a ajeitar as que ficaram murchas com a mudança de temperatura ou pelo tempo a que já estavam expostas ali no balaio. O corre-corre era a tônica da manhã, entre flores, cestos e contas, não parávamos naquele salão abarrotado de cores e cheiros. A festa ocorre principalmente com a força de vontade e ajuda das próprias pessoas da comunidade, como por exemplo, Ana e Adriano, que encabeçaram e administraram os principais momentos, desde a organização e pedidos de colaboração, até a saída dos barcos para entregar os balaios como forma de agradecimento e pedido pelo ano no mar. Os moradores da Gamboa de Baixo realizaram o dia de Iemanjá contando também com a ajuda de colaboradores: pessoas de fora da comunidade tais como estudantes, professores, arquitetos, bem como amigos de outros bairros e comunidades que se identificam com a luta da Gamboa de Baixo, gostam da festa, e que ajudam a montar as estruturas e presenteiam com muitos itens para formar as oferendas. Muitos apoiam ainda com recursos financeiros doados, os quais custeiam os preparativos.

Ao vivenciar a festa de Iemanjá pudemos notar que para entender a presença das pessoas na Gamboa de Baixo era preciso não olhar tão sistematicamente apenas para a subsistência econômica de seus moradores. Aquela festa delineava porquês que seriam muito importantes para entender o quanto habitar na Gamboa de Baixo influenciava a subjetividade e a construção simbólica da identidade de seus moradores. Ao final da tarde, com algum atraso, começou então a solenidade para saída das oferendas à Dona Janaína.

Em 2019 Ana, Luciana e Preta levaram adiante a cerimônia, com os toques de candomblé, danças e cantos, enquanto os pescadores da comunidade esperavam a vez de levantar os balaios rumo à praia. A figura 48 mostra a reunião dos pescadores da Gamboa de Baixo diante dos balaios:

Figura 48 – Os pescadores diante dos balaios

Fonte: Arquivo pessoal

Os pescadores da Gamboa de Baixo que estavam participando saíram do salão da Associação e desceram as escadarias com os balaios na cabeça, enfeitando as vielas da comunidade com as vistosas e coloridas cestas que seriam depositadas no oceano. A figura a seguir, número 49, nos mostra a descida dos pescadores com os balaios na cabeça rumo à praia.

Apesar de ser um dia com muito movimento, ao chegarmos via Avenida Contorno não percebemos previamente que se tratava de um dia de comemoração do dois de fevereiro, mas a partir do entorno da Associação, a festa parecia tomar conta das ruas da Gamboa de Baixo. Esta mesma fotografia, figura 49, foi retirada próxima ao final do percurso para a chegada ao mar, e nos mostra a presença não só de moradores como de espectadores do festejo. Muitos destes que presenciaram o momento eram parte do público que identificamos acima como colaboradores. A praia estava cheia de pessoas que reverenciavam o momento:

Figura 49 – Cortejo dos moradores da Gamboa de Baixo com os balaios

Fonte: Arquivo pessoal

Muitas pessoas foram tomando os barcos para acompanhar o trajeto marítimo puxado pela embarcação que seguiu com o presente principal. Seguimos com este barco, vendo os cantos, os risos, os mais novos e mais velhos dançando para seus orixás, os pescadores que caíram no mar para descer os balaios e notando a energia daquelas mulheres e homens que fizeram tudo acontecer. A imensa maioria dos participantes que rumaram na embarcação principal era constituída por moradores da comunidade como vemos a seguir, na figura 50:

Figura 50 – Participantes da festa no barco principal

Fonte: Arquivo pessoal

Muitos outros barcos se juntavam ao comboio marítimo carregando pessoas amigas dos moradores da comunidade. Pudemos notar a presença maciça de muitas crianças, homens mais velhos que também pescavam, mas não eram de lá, bem como de mulheres mais velhas e mais jovens, todos acompanhando o cortejo.

A festa de Iemanjá para a Gamboa de Baixo ecoa como momento em que a sua cultura de pesca e a sua origem, enquanto comunidade tradicional pesqueira urbana, são reafirmadas como parte de sua identidade. Nos anos de 2019 e 2020 pudemos ver a força das pessoas que batalharam para fazer aquele momento tão emblemático acontecer mais um ano. Mas, para além de fortalecer a identidade dos próprios moradores de modo interno, percebemos que o festejo propicia uma ponte com o restante da cidade. Isso porque, ao reforçar o caráter tradicional da comunidade e quem ela é diante de um público externo, o dia de Iemanjá revela uma imagem contrária às notícias estigmatizantes normalmente veiculadas pela mídia local.

c) O Bar de Mônica: novos frequentadores e novas rotas.

Além do festejo de Iemanjá, outro relevante circuito que acaba por atuar em termos de visibilidade positiva na afirmação da identidade tradicional pesqueira urbana da Gamboa de Baixo e, assim, contribui para romper o cerco à comunidade, é o Bar de Mônica. Montoya Uriarte, ao falar da Preguiça e avaliar a visibilidade adquirida pela Ladeira, descreve a

influência da procura da classe média por novos espaços e círculos diferenciados de experiências (MONTOYA URIARTE, 2018, p. 30), o que consideramos válido também para o bar de Mônica, que parece oferecer este caminho a este mesmo público e, assim, ter explicado parte do seu destaque na cidade.

Mônica tem o nome conhecido nas rotas que costumam indicar programas e atividades diferenciadas em Salvador. O bar, de frente para o mar e com seu nome, circula constantemente em publicações de perfis nas redes sociais sobre coisas para fazer na cidade, abrindo as águas da Gamboa para as outras tantas Salvador que muitas vezes lhe desconhecem.

Conversamos com Mônica em seu bar. Naquele horário não estava muito movimentado ainda e explicamos que queríamos saber da relação dela com a Gamboa de Baixo. Mônica não nasceu na comunidade, chegou com um ano de idade, há 47 anos atrás. Nos contou que ali é o melhor local de Salvador para se viver em termos de segurança e sobrevivência e afirmou o quanto a comunidade é acolhedora. Segundo a proprietária existem algumas tensões, mas quando alguém precisa recebe apoio dos demais da comunidade.

Mônica contou também que antes das atividades com o bar trabalhava fora, e que a ideia dele veio para aumentar a renda de sua família de pescadores, segundo ela, "*O peixe que vinha do mar pra vender pro peixeiro, ao invés de vender ao peixeiro e só ter aquele dinheiro, a gente teve a ideia de fritar o peixe ou fazer moqueca pra vender, que aí a gente ia ganhar com o peixe e vendendo ele já pronto*".

Mônica deixou seu trabalho - ela era operadora de caixa - quando o filho pequeno começou a ficar doente. Foi nesse momento que sua irmã lhe fez a proposta delas montarem um negócio. A casa em que o bar fica instalado agora era onde sua irmã morava com a família e foi da mãe delas. Antes desse endereço, as duas tiveram um comércio em imóvel alugado dentro da Gamboa de Baixo. Com o tempo conseguiram juntar dinheiro, que foi investido na casa originalmente da mãe delas e que virou o ponto oficial do negócio. As irmãs já têm a parceria há cerca de 18 anos e recentemente começaram a ter ainda mais sucesso através de publicações nas redes e comentários pela cidade.

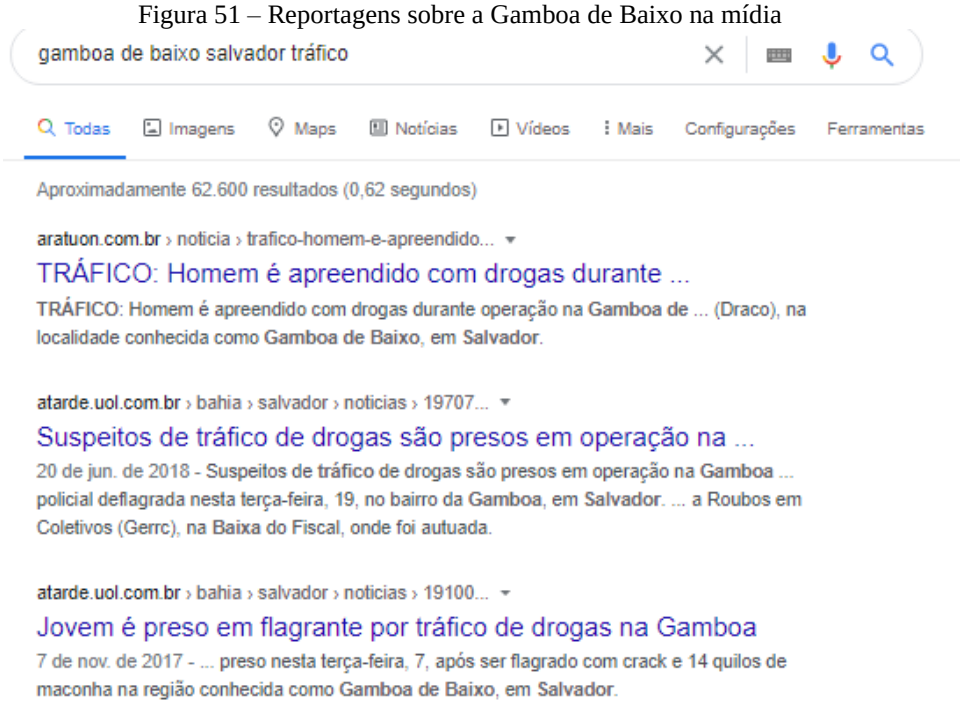
Perguntamos a ela sobre o movimento no seu bar e a influência de postagens nas mídias sociais[24] e Mônica nos contou que sempre teve fluxo, mas que naquele momento a quantidade de frequentadores tinha se ampliado. O uso da internet como ferramenta ativa que possibilitou descentralizar a produção e a veiculação de diferentes perspectivas no que se refere a Gamboa

[24] A discussão sobre o uso da internet e seus impactos em comunidades periféricas encontra uma interessante recapitulação bibliográfica no trabalho de Costa e Mattedi (2017). O trabalho analisa não somente as possibilidades positivas de utilização da internet como os problemas que porventura podem surgir a partir de seu emprego.

de Baixo, seja através de postagens de pessoas externas à comunidade, seja em perfis como o do Bar de Mônica, propiciam um importante contraste no que se refere à imagem da comunidade veiculada em termos pejorativos nos maiores meios de comunicação e, ainda, um indicador de como os meios digitais podem fornecer contrapontos às narrativas da grande mídia, ampliando também o espaço de negócios populares nas cidades[25].

Discutimos a noção de estigma que cerca a Gamboa de Baixo e no diálogo abaixo exemplificamos estrategicamente os discursos diferenciados entre, de um lado, como a comunidade é retratada diversas vezes na mídia e no imaginário de pessoas em Salvador e, de outro lado, o discurso recente das mídias sociais enquanto agente de novas construções. Na primeira imagem abaixo, figura 51, vemos a circulação de notícias se colocamos na pesquisa os termos Gamboa de Baixo + salvador + tráfico:

Figura 51 – Reportagens sobre a Gamboa de Baixo na mídia



Fonte: Print elaborado pela autora sobre base de pesquisa no Google

[25] Embora não seja o tema dessa dissertação o consumo de espaços urbanos e as problemáticas que dele podem derivar é uma importante discussão, a qual tangencia os espaços urbanos periféricos e as comunidades mais desfavorecidas do globo em processos de gentrificação, por exemplo. Para conhecer um provocativo exame sobre o consumo em nossos tempos ver Lipovetsky e Serroy, (2013). Em especial os tópicos "A era transestética" e "O estágio estético do consumo". Os autores trazem um panorama crítico sobre o consumo em nossa época e, embora a discussão sobre gentrificação não seja o caso dessa dissertação ao tratar de questões da Gamboa de Baixo, compreendemos que esta é uma relevante temática ao tratar do Centro Antigo de Salvador, pois, há nesta parte da cidade, em especial, uma articulação do privado com os processos urbanos de gestão pública, que abrem possibilidades de tomar bairros como mercados para consumidores, e tal fato parece se encaixar na descrição elaborada pelos autores. Ademais Lipovetsky e Serroy também trabalham os novos hábitos de consumo na cidade e afirmam que "a gentrificação da cidade não pode ser separada da gentrificação comercial transestética." (idem).

Ao pensarmos nas possibilidades de as redes sociais criarem ambientes e roteiros nas cidades, a proposta foi verificarmos o impacto das mídias no que se refere a Gamboa de Baixo. Abaixo a imagem desta pesquisa, figura 52, em que vemos a reportagem de um perfil que trata de Salvador sob diversos aspectos e de um blog que teve este perfil, Salvador e a Gamboa de Baixo como tópicos. Em destaque, circulado de amarelo, a legenda se refere a uma moqueca na Gamboa de Baixo:

Figura 52 – A Gamboa de Baixo nos roteiros turísticos

Fonte: Colagem elaborada pela autora sobre base de pesquisa no Google

Desse modo, conforme exposto acima, compreendemos que pode haver impacto positivo das mídias digitais ao tratarem da Gamboa de Baixo nas redes. Através delas há um caminho para narrativas outras acerca da comunidade, que pode contribuir para aprofundar as conexões da Gamboa de Baixo com o restante da cidade e consequentemente, ajudar a romper o seu isolamento.

Mônica, que já foi pescadora, mencionou que agora não tem mais tempo para pescar devido à movimentação do bar, mas que tem seus pescadores certos que lhe fornecem mercadoria. O seu relato nos descreve como as relações podem ser circulares no que se refere ao comércio praticado por alguns moradores da Gamboa de Baixo. Se tratamos anteriormente das mercadorias que circulam para fora da comunidade, o exemplo de Mônica demonstra que dentro da comunidade podemos verificar a entrada e saída de produtos oriundos do mar e,

assim, destacar o quão importante é a atividade pesqueira exercidas pelos moradores para o consumo interno de membros da própria comunidade. A figura 53 mostra Mônica e seu bar.

Figura 53 – Mônica na cozinha e diante da porta do bar que leva seu nome

Fonte: Arquivo pessoal

Enquanto conversávamos com Mônica um homem chegou para o almoço e ela perguntou ao interlocutor distante: "*Você quer o quê? Moqueca ou carne de panela?".*

O leque de variedades no bar atende aos clientes de fora e aos moradores da comunidade. Peixe frito, moqueca de peixe são os pratos que mais saem. Mas tem lagosta, camarão, polvo. Mônica vende quentinha também, ela narrou que a maioria do pessoal da Gamboa de Baixo almoça em seu bar e nos afirmou praticar um preço justo para que o povo da comunidade também possa pagar.

Dialogamos sobre a forma alternativa que vinha se estabelecendo para chegar à Gamboa de Baixo. Feita por pescadores da comunidade, essa rota leva tanto ao Bar de Mônica quanto à Prainha do MAM-BA e sobre a esta novidade ela nos contou que

> *"Caiu do céu. Pra mim eu achei ótima essa ideia do cliente querer vir de barco, dos meninos... Isso foram eles próprios que perceberam a necessidade de pegar cliente na praia lá... Surgiu essa rota MAM e Gamboa a partir da necessidade de comer, na praia do MAM não tinha ninguém vendendo um tira-gosto, comida nada, e os meninos passeando de barco aí o pessoa lá ficava pedindo 'tem lugar aqui pra aqui comer aonde?' aí eles 'ah, tem o bar de minha mãe', meu filho no caso, 'o bar de minha tia', a própria Nala dizia 'Ah, tem o bar de Mônica'. E aí surgiu isso a partir deles próprio, passeando de barco, trazendo cliente de lá pra cá, então se tornou um meio... Eles ganham e eu ganho, porque eles cobram eu acho que é cinco reais por cabeça".*

A fala de Mônica apontou para uma nova forma de ganhar a vida estabelecida pelos mais jovens da comunidade, que agrega valor aos serviços oferecidos em seu bar e,

consequentemente, ainda que de modo pouco formal, impacta na renda e na sobrevivência dos mais antigos da comunidade. Os clientes podem vir do MAM-BA, da Praia da Preguiça ou mesmo da Barra, a depender de como eles acertam com os pescadores para que os busquem. Mônica contou que através dos barcos vem gente de São Caetano e do São Rafael, por exemplo. Segundo ela revelou, estes clientes entram em contato e ela lhes explica como vir por cima, mas como alguns acham arriscado, ela passa o contato do barco, e assim eles acertam com algum pescador para serem levados. Para além da comodidade do ir e vir, a rota feita pelos pescadores com clientes de todos os bairros de Salvador é muito bacana, segundo Mônica, pois o cliente tem ainda a possibilidade de ver a beleza da Gamboa pelo mar. A figura 54 mostra um pouco da vista do Bar de Mônica e alguns clientes sendo atendidos.

Figura 54 – Clientes no bar de Mônica e a vista do bar

Fonte: Arquivo pessoal

As conversas com Mônica nos levaram à necessidade de aprofundarmos sobre essa nova rota de chegada na Gamboa de Baixo e o que ela gerou em termos de impacto na comunicação e posição da comunidade diante da cidade. Fomos então conversar mais detidamente com Nala. A nossa primeira conversa com ela foi diante do mar.

Nala, foi uma das primeiras pessoas a realizar a travessia marítima da Gamboa à Prainha, trazendo e pegando clientes que queriam frequentar a praia do MAM-BA ou comer algo na Gamboa de Baixo, tendo começado no ano de 2018. Segundo Nala, às vezes quando estava sem fazer nada aparecia uma amiga dela, cuja mãe é uma das donas de um barco, e lhe dizia que tinha um pessoal para ela fazer o transporte. Nala passava o seu número e as pessoas ligavam para marcar. Desde então ela vem atuando nesse ramo. Nala revelou conseguir obter um bom faturamento, o que nem sempre ocorre já que este é um trabalho inconstante, mas que,

especialmente no verão, ele fez muita diferença em sua renda, pois ela conseguiu um lucro maior com as travessias que ocorreram praticamente todos os dias.

Nala lida ainda com peixes artesanais, trabalhando em conjunto com um tio, controlando o barco enquanto ele mergulha. Em termos comparativos entre a travessia e como manobrista do barco de pesca, neste último ela ganha um dinheiro fixo, mas, apesar de nas travessias os ganhos serem inconstantes, ele é maior.

Nala nos falou que seu público é majoritariamente de Salvador, mas aparecem pessoas de outras cidades e estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás. Muitas vezes, as pessoas antes de chegarem à cidade ligam para ela e marcam a busca para o passeio. Geralmente Nala pega os clientes na praia do MAM-BA, mas acontecem também embarques na Praia da Preguiça e na Barra. As travessias se dirigem para o Bar de Mônica, na Gamboa de Baixo. Às vezes, algum cliente vem por cima, pela Avenida Contorno, e querem ir à Prainha ou à Barra e Nala os leva.

Ela contou que a movimentação cresceu muito no verão de 2019 e que, embora ela não tenha parceria com o Bar da Mônica, existe uma divulgação de seu trabalho nas redes sociais do bar, o que contribui para lhe trazer clientes. A maioria deles vem de bairros próximos, como 2 de Julho, Campo Grande, Barra, sendo que algumas pessoas vêm de pontos mais distantes, como o subúrbio ferroviário. A movimentação ocorre muito mais intensamente aos finais de semana, mas não deixa de aparecer alguém querendo realizar a travessia durante os outros dias.

***

Como a Gamboa de Baixo consegue resistir ao cerceamento e aos preconceitos que sofre e quais acontecimentos vem colaborando para uma nova visibilidade da Gamboa de Baixo? Este último capítulo versou sobre a Gamboa de Baixo no século XXI e como ela consegue romper, através de diversos caminhos, o cerco que lhe foi imposto pelo isolamento físico, o abandono dos poderes públicos e a ameaça e invasão constantes de seu espaço por parte de vizinhos poderosos.

Vimos a constituição da comunidade da Gamboa de Baixo a partir de uma descrição física e de seus dados socioeconômicos atuais. Além desses fatores, vimos nestas páginas outras questões igualmente poderosas que a isolam e cercam, tais como a pobreza, os estigmas e as drogas. No entanto, verificamos, mediante diversas estratégias e táticas, que a Gamboa de Baixo consegue furar ou romper os muros invisíveis que a cercam. Tais estratégias e táticas incluem a organização política da comunidade através da Associação Amigos de Gegê dos Moradores

da Gamboa de Baixo e da Articulação do Centro Antigo. Dentro desse subcapítulo avaliamos brevemente o caso da moradia na Gamboa de Baixo com as dificuldades decorrentes, que envolvem a regularização fundiária e a regulamentação da ZEIS, a situação especial do Forte de São Paulo da Gamboa e a disputa interna deste pela comunidade e externamente com os poderes públicos.

Como mais um dos fatores que contribuem para ultrapassar o cerco, neste capítulo apresentamos os trabalhos de alguns moradores: Ana com as encomendas e o trabalho nas cooperativas, Adriano e suas atividades com a confeitaria, Mariana e o trabalho na Prainha do MAM-BA, Valmir, Edvaldo e Verinha no trabalho relacionado ao mar. Os depoimentos expostos atestam os modos como moradores da Gamboa de Baixo conseguem se relacionar com outras regiões de Salvador e furar o cerco à comunidade. Ademais, a partir desses relatos pudemos perceber como as imediações da comunidade contêm as mais diversas possibilidades não só de trabalho e sobrevivência para aqueles que habitam à Gamboa de Baixo, mas também de atividades outras, sendo muitas dessas ações exercidas cotidianamente a pé, na proximidade de suas casas, em zonas contíguas à Gamboa de Baixo, o que demonstra a forte relação que a comunidade estabelece com o seu entorno. As observações realizadas em campo demonstraram também como o lazer é realizado pelos moradores da comunidade e a repercussão que tem a falta de outros recursos para que ela possa ter mais momentos de distração e folga dentro de seu próprio espaço. Apontamos que este vazio de acesso à diferentes formas de lazer dentro da Gamboa de Baixo é preenchido pelas águas.

Ao pensar na força da comunidade para romper as barreiras impostas, avaliamos a identidade pesqueira tradicional urbana da Gamboa de Baixo e a identificação de seus moradores com o mar. Participamos por dois anos do dois de fevereiro, evento organizado pela comunidade, e pudemos melhor analisar a dinâmica relacional dos moradores da Gamboa de Baixo com a vida litorânea, bem como de que forma a identidade pesqueira tradicional urbana repercute no rompimento de seu cerco. Ao final deste capítulo expusemos uma segunda situação que percebemos tecer um contraponto à visão do senso comum sobre a Gamboa de Baixo e que consideramos repercutir nas barreiras à comunidade.

5 CONCLUSÃO

Nessa dissertação avaliamos a trajetória da localidade Gamboa desde os tempos do Brasil colônia, sendo o enfoque histórico o ponto de partida de nossa investigação antropológica sobre a Gamboa de Baixo. Nesta época, Salvador fazia parte dos principais roteiros comerciais praticados na colônia e a Gamboa, que até o século XIX esteve conectada com o restante da cidade, estava inserida na região que recebia um fluxo constante de produtos vindos tanto do recôncavo para os mercados locais, como produtos que daqui partiam para mercados mais distantes.

No final do século XIX pudemos atestar como diversos elementos contribuíram para uma mudança no cenário da área portuária de Salvador e influenciaram também os rumos da área da Gamboa. Compreendemos que a centralização da estrutura do porto de Salvador, com o consequente impacto nas atividades de todo os pequenos portos da região, que estavam vinculados à atuação comercial local, foi a primeira contribuição para que a Gamboa sofresse um revés do ponto de vista de sua conexão com a cidade.

Através da análise empreendida pudemos inferir que os primeiros moradores da Gamboa eram tanto pescadores, como pessoas das classes mais baixas, que precisavam morar no centro da cidade, estando o Centro de Salvador historicamente vinculado ao trabalho de homens e mulheres negros. Assim, através de nosso exercício interpretativo da transformação histórica da Gamboa ao longo dos séculos demonstramos uma continuidade com o passar dos anos do uso do espaço por homens e mulheres negros, que continuam a fazer do Centro seu local de moradia e sobrevivência e que lutam atualmente para nele continuar.

Se a transformação do porto de Salvador foi o primeiro impacto na região da Gamboa, modificando o fluxo de pessoas e mercadorias no seu perímetro, o segundo impacto que localizamos aconteceu com a construção da Avenida Contorno. Esta obra, realizada na década de 60 do século XX, dividiu a até então Gamboa em Gamboa de Baixo e Gamboa de Cima, com a primeira gozando de status diferenciado no que se refere a falta de infraestrutura. Diante desse cenário, desde a década de 90 em especial, os moradores da Gamboa de Baixo vêm pautando lutas pela permanência e melhorias para sua comunidade, e sofrendo com mais alterações dentro de sua área ou mesmo no seu entorno.

A partir dos dados examinados também pudemos concluir que a importância da sobrevivência a partir do mar e da pesca remonta as origens da região da Gamboa, tendo este fato total relevância na constituição e reivindicação da identidade da comunidade enquanto tradicional pesqueira urbana. Assim, ao tratarmos da comemoração à Iemanjá e realçarmos a

presença não só do público da comunidade durante a realização do evento, nos atentamos para o fato de que, em nosso entendimento, a Gamboa de Baixo através desta data comemorativa tenta construir um diálogo com a cidade para romper algumas das barreiras que encontra. Ao recuperarmos a noção de estigma no subcapítulo dos cercos sofridos pelos moradores, verificamos que, a despeito da importância simbólica que o dois de fevereiro tem para as pessoas da Gamboa de Baixo, o festejo fornece um contraponto à estigmatização que constantemente recai sobre os habitantes da comunidade, e contra a qual eles lutam reafirmando características positivas ligadas à identidade tradicional pesqueira urbana.

Compreendemos que, apesar das limitações quanto ao tempo, o nosso trabalho de campo, embora focado na sobrevivência material dos habitantes da Gamboa de Baixo e as barreiras que eles encontram, tocou em temas outros como a importância simbólica da existência diante do mar e a identidade de ser morador da comunidade. Tais temas, a despeito de terem sido enfatizados enquanto elementos que contribuem para romper o cerco, não foram considerados somente dessa perspectiva, por entendermos que a dimensão simbólica e a identidade evocadas se vinculam aos seus moradores para além da questão material imediata que engendram.

A Gamboa de Baixo está inserida em uma importante área do CAS que hoje se encontra em plena disputa por projetos públicos executados tanto pela prefeitura de Salvador como pelo governo do Estado. Ao tratarmos no segundo capítulo do entorno da Gamboa de Baixo e dos seus vizinhos, pudemos conceber tanto como a Gamboa de Baixo consegue sobreviver a partir das trocas com esta vizinhança, como visualizar que a região em que ela se encontra contém também uma parte da população de Salvador que possui alto poder aquisitivo. Este panorama nos fez levantar questões para futuras pesquisas no que se refere às implicações que estes vizinhos com alto poder aquisitivo podem gerar na continuidade da comunidade, se avaliarmos este quadro relacionando-o às ações públicas voltadas ao CAS.

Neste sentido, o caso da Ladeira da Preguiça, importante lugar histórico de Salvador, que esteve também vinculada desde os primórdios da capital aos portos e ao comércio marítimo, pode ampliar nossa visão. A Ladeira da Preguiça, que sofre com muitos estigmas relacionados ao tráfico de drogas e violência, atualmente vem buscando reconstruir a sua imagem perante a sociedade fortalecendo a luta por seu espaço através das redes de movimentos que protagonizam a disputa pela permanência no CAS, assim como a Gamboa de Baixo. Avaliamos então que, uma importante contribuição aos estudos da antropologia urbana seria o exame das lutas ensejadas tanto pela Ladeira da Preguiça quanto pela comunidade Gamboa de Baixo, localidades que para nós parecem ampliar as suas vozes na sociedade através de atuações

ancoradas em redes de apoio e de solidariedade construídas a partir da interação interna e com parceiros.

Em nossa constatação, a fala dos moradores da Gamboa de Baixo sobre os porquês de permanecerem morando na Gamboa de Baixo e o que para eles a diferencia dos demais espaços em Salvador se vincula não somente a uma percepção deles de que a comunidade é importante para a sobrevivência material, mas também porque ela oferece aos seus moradores um tipo de solidariedade que, em comparação com outros bairros, a diferencia positivamente na visão dos entrevistados. Assim, buscamos contrapor os apelos usualmente atribuídos à Gamboa de Baixo como lugar abandonado pelo poder público, degradado física e humanamente, que as manchetes tendencialmente revelam ser espaço de violência e tráfico de drogas mostrando, a partir destes depoimentos que, para além de problemas que podem ser encontrados mesmo em bairros de classes mais altas, a moradia na comunidade faz e refaz os tecidos que dão sentido à vivência e a sobrevivência simbólica de seus moradores. Para estes moradores, viver na Gamboa de Baixo os ampara de certos perigos que, fora de seu perímetro, os demais habitantes de Salvador encontram bastante.

A partir da percepção da luta pela permanência no espaço pudemos atestar que o sentido atribuído pelos moradores quanto a Gamboa de Baixo ser uma comunidade tem o seu caráter reforçado através da dinâmica de luta cotidiana destes mesmos moradores, os quais enfatizam o quanto se identificam com o local e com o viver que na comunidade conseguem realizar. Consideramos que o isolamento a que foram submetidos dentro de Salvador fez surgir nestes moradores da Gamboa de Baixo este senso de comunidade, na medida em que, ao serem tornados uma espécie de gueto, a sua luta mobilizou, para além da força para buscar melhorias, uma constituição coletiva.

Ao longo desta pesquisa pudemos observar também como as providências necessárias para desenvolver ações em prol da comunidade eram quase sempre realizadas por mulheres. Se no terceiro capítulo da pesquisa pudemos demonstrar através de dados como a comunidade da Gamboa de Baixo se identifica enquanto negra, com um número um pouco superior de mulheres, durante as observações em campo este dado se apresentou ainda mais relevante, por constatarmos como luta da comunidade é majoritariamente feita pelas mulheres negras. Contudo, embora fosse o nosso desejo investigar um pouco mais as questões de gênero que pudemos observar no dia a dia, não coube no tempo desta pesquisa um aprofundamento deste tópico, o qual nos parece relevante para aprofundar a compreensão tanto das lutas da comunidade Gamboa de Baixo como mais amplamente do Centro Antigo.

Embora tenhamos presenciado a força dos moradores que tentam furar ou romper o cerco, não foi difícil notar a importância e o custo que estas barreiras invisíveis têm na vida destas pessoas. Em particular, as mais diretamente implicadas nos processos de enfrentamento: seu cansaço, muitas vezes seu esgotamento emocional e físico, mas também seus desejos e sonhos de uma vida melhor no lugar que sentem ser seu. Com isso, pudemos atestar que o processo de resistência quando tomado como fator único para explicar uma dada situação pode eclipsar importantes questões subjetivas e simbólicas relevantes à formação de uma identidade. Questões essas que repercutem, como vimos, inclusive no modo como as pessoas se envolvem em uma luta. Contudo, no que se refere aos aspectos de inserção da Gamboa de Baixo na infraestrutura urbana de Salvador, percebemos como atualmente a falta de ações concretas das instâncias governamentais contribuem para que a referida resistência seja imprescindível aos moradores: é preciso resistir porque é preciso existir, a vida como uma constante batalha por sobrevivência. A partir de nossa pesquisa de campo, constatamos o quão necessário e urgente são as medidas dos governos implicados diretamente na qualidade de vida dos moradores da comunidade.

Mas, a despeito de todos os caminhos de luta que vislumbramos para que a Gamboa de Baixo possa usufruir de moradias e condição de habitação no seu espaço de forma digna, procuramos expor como as narrativas criadas com a ajuda de parceiros e de movimentações próprias de seus moradores contribuem para demonstrar a força que tem a Gamboa de Baixo. Uma comunidade que, apesar de apresentar as dificuldades enfrentadas por ser estar comprimida no centro de Salvador, consegue romper por meio de distintos caminhos e diversos mecanismos, com muito do isolamento que lhe foi imposto.

Apesar de não termos conseguido alcançar toda a relevância das ações da Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo e dos parceiros da comunidade da Gamboa de Baixo, destacamos que o papel tanto da Associação quanto da Articulação do Centro Antigo como apoios ao enfrentamento da Gamboa de Baixo nas questões de moradia e mesmo de existência, ressaltam o caráter coletivo de luta contra o cerceamento sofrido pela comunidade. Encontramos, assim, na Associação e na Articulação mais um elemento explicativo da força das relações da Gamboa de Baixo contra as delimitações impostas aos seus moradores, atuando como importantes atores não só nos movimentos e pautas cotidianas de reivindicação da comunidade, mas através de ações que incidem na visão externa que se tem da Gamboa de Baixo. Tal fato atesta para nós que, junto com os festejos do dia de Iemanjá, o bar de Mônica e as novas rotas que exemplificamos com o trabalho de Nala, a capilaridade da

Associação de moradores e da Articulação contribuem para tecer narrativas outras e mais ainda, favorece a Gamboa de Baixo no que diz respeito a romper o cerco que lhe é imposto.

REFERÊNCIAS

ALBAN, M. Cruzeiros Marítimos e Lazer Náutico: novas oportunidades e desafios para o turismo baiano. **Revista da Desenbahia**, Salvador, v. 02, 2005.

ANDRADE, A. B; BRANDÃO, P. R. B. **Geografia de Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2 ed. 2009.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. Diógenes Rebouças e o EPUCS: Planejamento urbano e arquitetura na Bahia, 1947-1950. **Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**, v. 5, p. 25-51, 2013.

ARAÚJO, S. S**. Tipomorfologia das Praças e Largos de Salvador** – Intervenções em espaços do centro antigo (1980-2005). Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, UFBA, Salvador, 2006.

ARAÚJO, U. C. A baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente. In: Caroso, C.; TAVARES, F.; PEREIRA, C. **Baía de todos os santos**: aspectos humanos. p. 49-67. EDUFBA.2011.

AZEVEDO, T. **Povoamento da cidade do Salvador**. 2ª Ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1955 (Coleção Brasiliana, v. 281).

BAHIA; UNESCO. **Centro Antigo de Salvador: Plano de Reabilitação Participativo**. Salvador: Secretaria de Cultura/Fundação Pedro Calmon, 2010. Acesso em 17 jul 2020. Disponível em: https://issuu.com/secultba/docs/plano_reabilitacao_centro_antigo.

BAETA, Rodrigo Espinha; CARDOSO, Luis Antônio. A construção da paisagem urbana da área central de Salvador: da fundação até finais do século XIX. In: GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. (Org.). **Diálogos metropolitanos:** Lima-Salvador. Processos históricos e desafios do urbanismo contemporâneo. 149ed.Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 7-101.

BANDEIRA, B. B. F *et al*. Jazz, rapé e pôr-do-sol: Arqueologia das negras areias submersas do Solar do Unhão (Salvador, Bahia). In: **Arqueologia Urbana em Centros Históricos**. Algarve: UALg- Universidade do Algarve, 2018. p. 80-96.

BARBOSA, Andrea. Imagem, Pesquisa e Antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 3, Nº 2 | -1, 3-8.

BARREIRO, J. C. A formação da força de trabalho marítima no Brasil: cultura e cotidiano, tradição e resistência (1808-1850). **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, v. 15, p. 189-209, 2010.

BERNARDO, K. J. C. **Envelhecer em Salvador**: uma página de história (1850-1900). Salvador, 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p. 11-29, 2012. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/36791/23802 >. Acesso em 06/01/2019.

CASTRO, A. H. F. Bateria. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2ed.Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016., 2016, v. 1, p. 6-10. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Bateria%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf. Acesso em 27/05/2019.

CARDOSO, D. M. Mulher, Pesca e Ambiente. **Espaço Científico** - Revista do Instituto Luterano de Ensino Superior de Santarém, Santarém, v. 3, p. 65-72, 2002.

CARDOSO, M. A. B. **Campo Grande de São Pedro e imediações** – origem do jardim público e da arborização urbana em Salvador da Bahia. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2015. Universidade Federal da Bahia.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de & AZEVEDO, José Sérgio Gabrielli de. Dinâmica metropolitana e estrutura social em Salvador. **Tempo Social.** Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 89-114, novembro de 2001.

COLLIER Jr., J. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo: EPU/EdUSP. 1973.

COSTA, Ana de Lourdes da. A cidade de Salvador e os negros de ganho – Espaços Negros: cantos e lojas em Salvador no século XIX. **Caderno CRH. Suplemento**, v. 4, p. 18-34, 1991.

COSTA, E. **A Semana de Urbanismo de 1935 em Salvador**. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.182/5689. Acesso: 18 abr. 2017.

COSTA, M. X. ; MATTEDI, A. P. Os Prós e os Contras da Internet Como Ferramenta de Voz Para Comunidades Periféricas. In: IV Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro, Pensacom Brasil 2017, 2017, São Paulo. **Anais da IV Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro**, 2017. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/textos/25-michelly-xavier-da-costa.pdf. . Acesso em: 28 jun 2020.

CUNHA, J.S. O porto de Salvador e suas interfaces com a economia e a política na Primeira República (1900-1930). In: CRUZ, C; LEAL, M. G.; PINHO, J. R. (Org.). **Histórias e espaços portuários**. Salvador e outros portos. 1ªed.Salvador: Edufba, 2016, v., p. 199-241.

DÓREA, L. E. **Histórias de Salvador nos nomes de suas ruas**. Salvador: Edufba. 2006.

Dossiê sobre os diversos setores populacionais e manifestações artístico-culturais-esportivas diretamente relacionados com a praia de preguiça que se viram afetados pelas construções da Bahia Marina e sua ampliação Salvador, 2018.

EDELWEISS, F. Nossa Senhora da Conceição da Praia, a primeira igreja da cidade de Salvador e a esfera de atividades de sua paróquia. In: **O bi-centenário de um movimento baiano**. Salvador, Ed. Beneditina, 1971, p. 75 e 76.

FAUFBA; Bartlett DPU. **Cadastro multirreferencial da comunidade tradicional pesqueira urbana da Gamboa de Baixo**. Salvador, 2017.

FERNANDES, José Luís Lopes. **Territórios psicotrópicos**. Etnografia das drogas numa periferia urbana. Tese de Doutorado. Universidade do Porto. Porto, 1997.p. 124-133.

FERREIRA FILHO. A.H. (1999). Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). In **Revista Afro-Ásia**, 21-22 (pp.239-256). Acesso em 10 jan., 2020 de https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20968/13571.

GASKELL, George. “Entrevistas individuais e grupais”. IN: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. São Paulo: Vozes, 2002, pp. 64-89.

GOFFMAN, I. Estigma e identidade social. In: _____. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC, 2008. p.11-28.

GOMES, Marta Maria. **O sobe e desce soteropolitano:** estudo toponímico de ladeiras (Mestrado em estudos de linguagem). Universidade do Estado da Bahia, 2017, 174 p.

IBGE. 2019. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama. Acesso em 18/02/2020.

GORDILHO-SOUZA, A.M. **Limites do Habitar**. Segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador: EDUFBA, 2008.

GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade**: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador 1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Disponível em: https://renatoathias.wordpress.com/leituras/fotografar-para-descobrir-fotografar-para-contar/. Acesso em 17/10/2018.

GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica**: notas e reflexões. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2012.

HERNÁNDEZ, M. H. O. **A administração dos bens temporais da arquiabadia de São Sebastião da Bahia**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, UFBA, Salvador, 2005.

HOLSTON, James. **Insurgent Citizenship:** disjunctions of democracy and modernity in Brazil. Princeton: Princeton University Press, 2007. Capítulo 1, p. 3-35.

INGOLD, Tim. “Antropologia não é etnografia”, In: **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petropolis: Vozes, 2015.

INNOCENTINI, T. C. **Capitanias Hereditárias**: Herança colonial sobre desigualdade e instituições. Dissertação (mestrado) - Escola de Economia de São Paulo Orientador: Enlinson Mattos. 2009.

JÚNIOR, N. V. A.; ANDRADE, M. R. C.; FREIRE, R. N. C. “Avant-garde na Bahia: urbanismo, arquitetura e artes plásticas em Salvador nas décadas de 1940 a 1960”. In: **Anais do 8º Seminário DOCOMOMO Brasil.** Rio de Janeiro: DOCOMOMO-Brasil; PROARQ/FAU-UFRJ, 2009.

LEAL, M. G. A. O Trapiche Barnabé no contexto portuário da Salvador do século XVIII ao XX. In: CRUZ, M. C. V. e; LEAL, M. G. A.; PINHO, J. R. M. (Org.). **Histórias e espaços portuários**. Salvador e outros portos. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 77-121.

LEAL, M. G. A. Trapiches e trapicheiros na dinâmica portuária da Salvador colonial. ALVES, L. A. M.; PEREIRA, G. M. (Orgs). **Cruzar Histórias**: I Oficinas Luso-Afro-Brasileiras. Porto: Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” Via Panorâmica, S/n. p. 11-28, 2017. Disponível em: http://www.citcem.org/documents/publications/I_Oficinas_v4.pdf. Acesso em: 14 jun de 2018.

LEITE, R. C. N. . A Civilização Imperfeita: tópicos em torno da remodelação urbana de Salvador e outras cenas de civilidade, 1912-1916. **Estudos Ibero-Americanos** (PUCRS. Impresso) , Porto Alegre, v. 23, p. 95-129, 1998.

LEME, M. C. S. (org). **Urbanismo no Brasil 1895–1965**. 2ª Edição. Salvador, EDUFBA, 2005, p. 353.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. **A estetização do mundo:** viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LUCIANO, F. F. A praça do relógio de São Pedro: Uma imagem do ideal modernista baiano no início do século XX. In: Uriarte, U. M. (Org.). **Avenida Sete**: antropologia e urbanismo no centro de Salvador. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2017, v. 1, p. 85-98.

MAGALHÃES, I. B.; BAPTISTA, J. P. "Pesqueiras do Mar: As Cambôas de Carreço." Federação Galega de Cultura Marítima e Fluvial, Ardentía – **Revista Galega de Cultura Marítima e Fluvial**. v.3, p.57 – 62, 2004. Disponível em: http://www.culturamaritima.org/files/ardentia3/ardentia3-Baptista-Baptista.pdf. Acesso em 20 maio 2018.

MAGNANI, J. G. C. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, n.49, jul./2002, p. 11-29.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. EDUSP/FAPESP, São Paulo, 1996. Disponível em: http://www.marcoaureliosc.com.br/05magnani3.pdf. Acesso em 15 mar 2020.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar.** São Paulo: Ática. 1986.

MALHEIROS, L. "Entre sacizeiro, usuário e patrão": Um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. In: E. MACRAE, L. A. TAVARES; M. E. NUÑEZ. **Crack:** Contextos, Padrões e propósitos de uso. Salvador: CETAD/EDUFBA, 2013.

MATTOSO, K. M. Q. Bahia opulenta: uma capital portuguesa no Novo Mundo (1549-1763). **Revista de História**, n. 114, janeiro-junho, 1983.

MATTOSO, K. M. Q. **Bahia Século XIX**: Uma província no Império. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992. (Introdução, Cap.1, A Bahia; Cap. 2 Salvador; Cap.5 O papel da história; Cap. 7 A cidade de Salvador; Cap. 8 População flutuante e população mestiça; Cap. 24 Salvador: a cidade no século XIX; Cap. 27 Salvador, praça comercial).

MENEZES, Adriana. Mito ou identidade cultural da preguiça. **Ciência e Cultura**, Campinas, vol. 57, nº 3, jul-set.2005.

MONTOYA URIARTE, U. **A rebelião do vivido**. Henri Lefebvre no centro de Salvador. NORUS – Novos Rumos Sociológicos (impresso), v. 4, p. 66-85, 2016.

MONTOYA URIARTE, U. **Entra em beco, sai em beco.** Formas de habitar o centro, Salvador e Lisboa. Salvador: Edufba. 2019.

MONTOYA URIARTE, U. O que é fazer etnografia para os antropólogos? **Ponto Urbe**, São Paulo, nº 11, 2012. Acesso em 28 jul 2020. Disponível em: http://journals.openedition.org/pontourbe/300.

MONTOYA URIARTE, U. **Os tempos da Preguiça.** Etnografia de longa duração de uma micro localidade do centro histórico de Salvador. 2018. p. 1-37.

MOREAU, F, E. **Arquitetura militar em Salvador da Bahia séculos XVI a XVIII**. Tese (Doutorado – Área de concentração: história e fundamentos da arquitetura e urbanismo) FAUUSP. SP. 2011.

MORITZ, L. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. Novos estudos, n 72, p. 119-135. São Paulo: CEBRAP, 2005.

MOTA, L. G. S. **Corredor da Vitória**: uma discussão em torno dos valores contemporâneos. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo). Universidade Federal da Bahia, 2008. 181 p.

MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M. A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. **Fractal Revista de Psicologia**, v. 28, p. 76-83, 2016.

MOURA JR., J. F.; SARRIERA, J. C. . Práticas de resistência à estigmatização da pobreza: Caminhos possíveis. In: XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; CIDADE, E. C.; MOURA JR., J. F.. (Org.). **Implicações Psicossociais da Pobreza**: Diversidades e Resistências. 1ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editoria, 2016, v. 1, p. 263-288.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP. 2003. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxtYXJjaW9kb3JlYXxneDozMTVhMjhlMjk2NjU5Zjdj. Acesso em 01/jul/2020.

NASCIMENTO, A. A. V. **Dez freguesias da cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia /Empresa Gráfica da Bahia, 1986.

NASCIMENTO, C. S.; SILVA, D. V. A modernização da cidade de Salvador: um olhar. **Ao Pé da Letra (UFPE)**, Pernambuco, v. 2, p. 29-34, 2000.

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. A borda do mar como um lugar cultural: arqueologia de Praias e a dialética étnico-marítima do patrimônio imaterial no sítio da Preguiça, Salvador/Bahia. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 214-217, jun. 2018. ISSN 1982-1999. Disponível em: https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/540. Acesso em: 28 out. 2019.

OBRE, E. A. C. "Intervenções urbanas em Salvador: turismo e 'gentrificação' no processo de renovação urbana do Pelourinho". **Anais do X Encontro Nacional da Anpur**, ST5. pp. 1-11, 2003.

OLIVEIRA, A. G. **A periferia de Salvador**: avaliação da qualidade de vida em áreas de intervenção habitacional para população de baixa renda. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências. Programa de pós-graduação em geografia. UFBA. 2007.

OLIVEIRA, M. M. A defesa da Baía de Todos os Santos. In: **Baía de todos os santos**: aspectos humanos. p. 129-202. 1ª ed. Salvador: EDUFBA.2011.

PARAISO, M. H. B. “Índios, náufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações”. In: CAROSO, C.; TAVARES, F.; PEREIRA, C. **Baía de todos os santos:** aspectos humanos. 1ª ed. Salvador: Edufba, 2011, p. 69-102.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia, ou a teoria vivida”. **Ponto Urbe**, São Paulo, nº 2, 2008. Acesso em 17 jul 2020. Disponível em: http://pontourbe.revues.org/1890.

PERRY, K. Y.; CAMINHA, A. C. S. “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”: poder e política das mulheres negras da Gamboa de Baixo. Salvador**. Revista Gênero-UFF**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 127-153, 2. sem. 2008.

PINHEIRO, E. P. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

PINHO, J. R. M. Salvador do século XIX: O porto que abastecia a cidade. In: PINHO, J. R. M.; CRUZ, M. C. V; LEAL, M. G. A. (Org.). **Histórias e espaços portuários**: Salvador e outros portos. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 123-158.

POLÓNIA, A. A centralidade dos espaços portuários na época moderna: uma aproximação historiográfica. PINHO, J. R. M.; CRUZ, M. C. V; LEAL, M. G. A. (Org.). **Histórias e espaços portuários**: Salvador e outros portos. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. v. 1. p. 19-45.

PORTELA, R. D. **Pescadores na Bahia do Século XIX**. – Salvador. 127f. (Dissertação de Mestrado em História) – Faculdade de Filosofa e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, & Fundação João Pinheiro - FJP (2010). **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil.** Acesso em 18 de fevereiro, 2020. Disponível em http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/3225.

RIOS, R. B.; SILVA, S. C. B. M. O porto de Salvador, a cidade e a região. **Revista Geográfica de América Central** - Número especial EGAL, v. 1, p. 1-11, 2011.

ROLNIK, R. Por um novo lugar para os velhos centros. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 16 abr. Página 16. Caderno Aliás. 2006.

ROSADO, R. de C. S. de C. **O Porto de Salvador**: Modernização em Projeto: 1854-1891. 108f. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1983.

SAMAIN, Etienne. 2014. “Raízes e asas para as imagens”. In: FERRAZ, A; MENDONÇA, J. (orgs.). **Antropologia visual**: perspectivas de ensino e pesquisa. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, p. 713-717.

SANTIAGO, C. C. A Respeito da Torres de Defesa da Cidade do Salvador. RUA. **Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Salvador, v. x, p. x, 1990.

SANTOS, F. C. **Pode queimar, tá legalize**: Uma antropologia sobre o uso recreativo de drogas na cidade. Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFBA. 2017. p. 176.

SANTOS J. A reestruturação da cidade de Salvador: Conflitos e interesses na lógica da centralidade urbana. **Geo Textos**, Vol. 6, N. 1, 2010.

SANTOS, M. **O centro da cidade de Salvador:** estudo de geografia urbana. Salvador, BA: Universidade da Bahia, 1959. 196 p. Originalmente apresentada como tese (Doutorado). Universidade de Strasbourg, 1958.

SANTOS, M. A. S. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940). **Rua (Revista do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)**, Salvador, Bahia, v. 3, p. 20 - 20, 03 maio 1990.

SANTOS, M. e. L. **Salvador cidade patrimonial**: um estudo museológico do bairro do Comércio/Salvador, Bahia. 147f. (Dissertação de mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA FILHO, R.A. **A integração de recursos históricos aos geológicos no resgate da construção paleogeomorfológica e paleovisual litorânea**: o caso de Salvador, Bahia. (Mestrado em Geologia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SILVA, Luiz Geraldo. História e meio ambiente: a pequena pesca no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 10, p. 219-231, 1998.

SOARES, C.M. (1996). **As ganhadeiras**: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856/13456. Acesso em 10 jan., 2020.

SORIANO, Ana Gabriela Wanderley. **O espaço público e a cidade contemporânea**: as praças de Salvador entre o discurso e a intervenção. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: PPG-AU, UFBA, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8830/2/sorianoparte2.pdf. Acesso em: 15/10/2019.

VASCONCELOS, P. A. **Salvador:** transformações e permanências (1549-1999). 2.ed. Salvador: Edufba, 2016.

VILHENA, L. S. **A Bahia no século XVIII**: Notas e comentário de Braz do Amaral. Apresentação de Edson Carneiro, Salvador: Ed. Itapuã, 1969. v. 3.

VILHENA, L. S. Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas contidas em XX cartas: Livros I, II, II, IV [1802]. **Bahia: Imprensa Oficial do Estado,** 1921.

VIRGENS, L. S. **Diretrizes para ZEIS 5 -** Gamboa de Baixo. Parâmetros para um Plano de Urbanização. Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Faculdade de Arquitetura. UFBA. 2018.

ZANOLI, F. **Ação patrimonial, ocupação popular e os conflitos da preservação:** o caso da comunidade Gamboa de Baixo em Salvador, Bahia. Dissertação. Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. UFBA. 2017. p. 190.

ZANOLI, F.; IVO, A. B. L. Preservação e exclusão: projeto de habitação de interesse social para a comunidade da Gamboa de Baixo como instrumento de luta. **Revista Projetar** - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 3, n. 1, p. 96-103, 25 abr. 2018.

ZOLLINGER, C. B. O Trapiche à beira da baía: a restauração do Unhão por Lina Bo Bardi. **Anais do 7º Docomomo**, Porto Alegre, 2007. p. 1-24. Disponível em: https://docplayer.com.br/961479-O-trapiche-a-beira-da-baia-a-restauracao-do-unhao-por-lina-bo-bardi.html. Acesso em: 21/01/2019.

WACQUANT, Loic. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista Sociologia e Política,** Curitiba, novol. 2004a, nº 23, p. 155-164.

WACQUANT, Loic. "Uma cidade negra entre brancos: revisitando o gueto negro da América". Tradução Taís Blauth. **Política e Sociedade,** nº 5, outubro de 2004b, p. 263-278.

WEINSTEIN, M. A imprensa e o patrimônio em Salvador no XX. In: III Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007, Salvador. **Anais do III Enecult**, 2007.